

# João Paulo II, Peregrino em Terras da América Latina\*

## 1. SOB A PROTECÇÃO DA VIRGEM DE GUADALUPE

*Foi sob a protecção de Nossa Senhora de Guadalupe, «Mãe das Américas» que o Papa colocou a sua primeira grande viagem apostólica à América Latina. Ele mesmo compôs a seguinte oração que lhe saiu espontânea do coração possuído pela «solicitude de todas as igrejas», mas onde tem lugar especial a porção do Povo de Deus que nas Américas do Centro e do Sul vive uma hora decisiva para o próprio futuro e também para o futuro da Igreja Universal:*

Ó Virgem Imaculada,  
Mãe do verdadeiro Deus e Mãe da Igreja!  
Vós, que, deste lugar, manifestais  
a vossa clemência e a vossa compaixão  
por todos os que imploram o vosso amparo:  
Ouvi a oração que com filial confiança Vos dirigimos  
e apresentai-a ao Vosso Filho Jesus, único Redentor nosso.

Mãe de misericórdia, Mestra do sacrificio escondido e silencioso,  
a Vós que vindes ao encontro de nós todos, pecadores,  
consagramos, neste dia, todo o nosso ser e todo o nosso amor.  
Consagramo-Vos também a nossa vida,  
os nossos trabalhos, as nossas alegrias,  
as nossas doenças e os nossos sofrimentos.

Dai a paz, a justiça e a prosperidade aos nossos povos,  
já que tudo o que nós temos e o que somos  
o deixamos ao vosso cuidado,  
Mãe e Senhora nossa.

---

\* O objectivo que nos propomos com esta nota é fazer uma crónica desta viagem ou visita pastoral do Papa à América Latina, sublinhando, ao mesmo tempo os pontos fulcrais das suas alocuções e discursos. No fim apresentaremos uma síntese da mensagem do Papa. A fonte que usámos foi a crónica de *L'Osservatore Romano* e os textos dos discursos e alocuções aí publicados. Servimo-nos da edição semanal em português.

Queremos ser totalmente vossos  
 e convosco desejamos percorrer  
 o caminho de uma fidelidade plena a Jesus Cristo  
 na sua Igreja:  
 não nos deixeis desprender da vossa mão amorosa.

Virgem de Guadalupe, Mãe das Américas,  
 pedimo-Vos por todos os Bispos,  
 a fim de que eles conduzam os fiéis  
 por veredas de intensa vida cristã,  
 de amor  
 e de humilde serviço a Deus  
 e às almas.

Contemplai esta seara imensa  
 e intercedei por que o Senhor infunda fome de santidade  
 em todo o Povo de Deus  
 e conceda abundantes vocações de sacerdotes e religiosos  
 fortes na fé  
 e zelosos dispensadores dos mistérios de Deus.

Concedei aos nossos lares  
 a graça de amarem e respeitarem a vida nascente,  
 com o mesmo amor com que Vós em vosso seio concebestes  
 a vida do Filho de Deus.

Virgem Santa Maria, Mãe do Amor Formoso,  
 protegei as nossas famílias,  
 para que elas estejam sempre muito unidas,  
 e abençoai a educação dos nossos filhos.

Esperança nossa,  
 olhai-nos com compaixão,  
 ensinai-nos a ir continuamente para Jesus  
 e, se cairmos, ajudai-nos  
 a levantarmo-nos e a voltarmos para Ele,  
 mediante a confissão das nossas culpas e dos nossos pecados  
 no sacramento da Penitência  
 que traz sossego à alma.  
 Suplicamo-Vos que nos concedais  
 um amor muito grande a todos os santos Sacramentos  
 que são como que as marcas que o vosso Filho  
 nos deixou na terra.

Assim, nossa Mãe Santíssima,  
 com a paz de Deus na consciência,  
 com os nossos corações livres do mal e de ódios,  
 poderemos levar a todos

a alegria verdadeira e a verdadeira paz,  
as quais vêm do Vosso Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo  
que, com Deus Pai e com o Espírito Santo,  
vive e reina pelos séculos dos séculos.

Amen.

*João Paulo II sabe-o e sente-o. E o melhor modo com que pensou dever preparar-se para ir ao encontro do «Novo Mundo» tão carregado de problemas quanto cheio de perspectivas que dão lugar à esperança redentora, foi recorrer à «Mãe do verdadeiro Deus e Mãe da Igreja», a «Virgem Imaculada», «Mestra do sacrifício silencioso e escondido», «Esperança nossa», pedindo-lhe que nos ensine «a ir continuamente para Jesus», «único Redentor nosso».*

*E assim partiu, «para algumas zonas do novo mundo, como mensageiro do Evangelho, ao encontro de milhões de irmãos e irmãs que crêem em Cristo, para dizer a todos que Deus os ama, que a Igreja os ama, que o Papa os ama». São palavras do Papa, ainda em Roma, momentos antes de iniciar a grande viagem. Elas compendiam tudo o que ele vai anunciar ao «novo mundo» por ocasião da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em Puebla de los Angeles, no México. É do amor, que o mundo necessita. Só a revolução do amor pode solucionar os problemas do homem e restituir ao homem o sentido do homem. E a fonte do amor é uma só.*

## 2. EM SÃO DOMINGOS

*A primeira etapa da peregrinação de João Paulo II à América Latina terminou no aeroporto de las Américas, na República de São Domingos. Após o discurso de boas vindas do Presidente da República, Guzmán Fernández, o Papa respondeu com um breve discurso. Nele agradeceu a Deus a realização do seu desejo de visitar o continente da América e às autoridades e fiéis presentes. Dirigiu também uma saudação a todos e cada um dos países da América Latina. Finalmente, explicou o objectivo da sua peregrinação: «um acontecimento de grandíssima importância eclesial (...). O Papa quer estar perto desta Igreja evangelizadora, para dar alento ao seu esforço, para trazer nova esperança à sua esperança, para a ajudar a discernir melhor os seus caminhos (...), para que ela seja cada vez mais fiel à sua missão (...). E dado que a visita do Papa se propõe ser uma empresa de evangelização, desejei chegar aqui seguindo a rota que, aquando da descoberta do Continente, traçaram os primeiros evangelizadores (...). Pensando no maior bem destes povos bons e generosos, acalento a esperança de que os responsáveis, os católicos e os homens de boa vontade da República Dominicana e de toda a América Latina, hão-de empregar as suas melhores energias, e abrir as fronteiras da sua criatividade, para edificarem um mundo mais humano e ao mesmo tempo mais cristão. Este é o apelo que o Papa vos dirige neste primeiro encontro na vossa terra».*

*Ao chegar à Catedral, depois de ter recebido a saudação de homenagem do Cardeal Beras Rojas, o Romano Pontífice pronunciou o seu segundo discurso. Nele agradeceu as palavras do Cardeal e manifestou o desejo de poder falar*

pessoalmente com cada um dos presentes. Convidou-os a um momento de oração por intercessão de Nossa Senhora de «Altagracia» para que lhes conceda a graça de serem sempre bons filhos da Igreja e de crescerem na fé, e de que a sua vida seja uma vida digna de cristãos.

No mesmo dia, 25 de Janeiro, o Santo Padre presidiu à concelebração eucarística na Praça da Independência. Perante as autoridades civis e militares e mais de 300.000 fiéis, depois do Evangelho, pronunciou uma homilia, na qual exortou os presentes a amar a Cristo e aos homens por Cristo. Depois de ter afirmado que veio até estas terras americanas como peregrino de paz e de esperança, para participar num acontecimento eclesial de evangelização, o Papa disse que «o actual período da história da humanidade requer uma transmissão reavivada da fé, para comunicar ao homem de hoje (...) a mensagem perene de Cristo». Com palavras de Paulo VI, esta evangelização «constitui a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. (...)». Mas «Cristo, como evangelizador, anuncia em primeiro lugar, um reino, o Reino de Deus» (...) «como núcleo e centro da sua Boa Nova, Jesus anuncia a Salvação, esse grande dom de Deus que é libertação de tudo aquilo que oprime o homem, mas que é, sobretudo, libertação do pecado e do Maligno» (Evangelii nuntiandi, 14, 8 e 9).

Depois de afirmar que «a Igreja, fiel à sua missão, continua a apresentar aos homens de cada tempo, com a ajuda do Espírito Santo e sob a guia do Papa, a mensagem de salvação do seu divino Fundador», João Paulo II faz uma referência à história da evangelização de São Domingos. Entre outras coisas, fez: «Desde os primeiros momentos da descoberta, se manifesta a preocupação da Igreja em tornar presente o reino de Deus no coração dos novos povos, raças e culturas, e em primeiro lugar entre os vossos antepassados». São merecedoras de agradecimento as ordens religiosas, «que se distinguiram, mesmo à custa de terem que oferecer mártires, na tarefa evangelizadora; sobretudo os Religiosos dominicanos, franciscanos, agostinhos, mercedários e mais tarde os jesuítas...».

Por outro lado, a «Igreja, nesta ilha, foi a primeira a reivindicar a justiça e a promover a defesa dos direitos humanos nas terras que se abriam para a evangelização». As lições dos evangelizadores «são lições de humanismo, de espiritualidade e de anseio por dignificar o homem. Eram homens em quem palpitava a preocupação pelo fraco, pelo indefeso, pelo indígena, sujeitos dignos de todo o respeito como pessoas e como portadores da imagem de Deus, destinados a uma vocação transcendente. Daqui viria a nascer, com Francisco de Vitória, o primeiro Direito Internacional».

A grande lição, válida também para hoje, é que «não podem dissociar-se o anúncio do Evangelho e a promoção humana». Mas o Evangelho não pode ser confundido com a promoção humana, nem exaurir-se nela. Seria falsear o significado profundo e completo da evangelização, que é, antes de tudo, anúncio da Boa Nova do Cristo Salvador.

«A Igreja, especialista em humanidade, fiel aos sinais dos tempos, e em obediência ao convite premente do último Concílio, quer, hoje, continuar a sua missão de fé e de defesa dos direitos humanos, convidando os cristãos a comprometerem-se na construção de um mundo mais justo, mais humano e habitável, que não se feche em si mesmo, mas que se abre para Deus».

A seguir o Papa explica o que significa tornar o mundo mais justo: «esforçar-se por que não haja crianças sem alimento suficiente, sem educação, sem instrução; por que não haja jovens sem formação conveniente; por que não haja camponeses sem terra para viverem e se desenvolverem dignamente; por que não haja trabalhadores maltratados nem lesados nos seus direitos; por que não haja sistemas que permitam a exploração do homem pelo homem ou pelo Estado; por que não haja homens a quem sobra muito, enquanto que a outros tudo falta sem que eles tenham culpa; por que não haja corrupção; por que não haja famílias mal constituídas, separadas, desunidas, insuficientemente atendidas; por que não haja injustiça e desigualdade na aplicação da justiça; por que não haja ninguém sem o amparo da lei e por que a lei ampare a todos igualmente; por que não prevaleça a força sobre a verdade e o direito, mas prevaleçam a verdade e o direito sobre a força; e que o económico e o político não prevaleçam nunca sobre o humano».

Mas não basta um mundo mais humano. É preciso construir um mundo explicitamente mais divino, no qual a fé inspire o progresso moral, religioso e social do homem. Importa não perder de vista a orientação vertical da evangelização. «Ela é suficientemente forte para libertar o homem, porque é a revelação do amor: o amor do Pai pelos homens, por todos e cada um dos homens; amor revelado em Jesus Cristo. Ele manifestou «esse amor, antes de mais, na sua vida oculta — Tudo Ele fez bem (Mc 7, 37) — e anunciando o Evangelho; depois, com a sua morte e a sua ressurreição, o mistério pascal em que o homem encontra a sua vocação definitiva para a vida eterna, para a união com Deus. É a missão escatológica do amor».

O Papa termina com uma exortação ao amor a Cristo e ao homem por amor d'Ele, e a viver a devoção a Maria Santíssima.

Depois da concelebração, João Paulo II regressou à Nunciatura Apostólica, onde recebeu o Presidente da República e os Membros do Corpo Diplomático, a quem dirigiu algumas palavras de agradecimento pela sua presença e desejou todo o bem nas suas tarefas.



O segundo dia da peregrinação do Papa, o dia 26 de Janeiro, começou bem cedo com a celebração da Santa Missa para os Sacerdotes, Religiosos, Religiosas e Seminaristas. A homilia foi uma exortação a anunciar Cristo em primeira pessoa. A primeira palavra foi de acção de graças pelo crescimento e pelo zelo da Igreja em São Domingos. Depois, diz-lhes que deseja reflectir com eles sobre o encontro pascal com o Senhor, para reavivar ainda mais a sua fé e o seu entusiasmo nesta Eucaristia; «um encontro pessoal, vivo, de olhos abertos e coração palpitante, com Cristo ressuscitado, o objectivo do vosso amor e de toda a vossa vida».

Depois de se referir ao enfraquecimento da nossa sintonia de fé com Jesus e a falar d'Ele, apoiados «em alguma premissa de mudança ou em dados de sabor sociológico, político, psicológico, linguístico, em vez de fazermos derivar os critérios básicos da nossa vida e da nossa actividade de um Evangelho vivido com integridade, com alegria, com a confiança e esperança imensas que a cruz de Cristo encerra», o Romano Pontífice afirma que «a fé em Cristo ressuscitado não é resultado de um saber técnico ou fruto de uma bagagem cien-

tífica. O que se nos pede é que anunciemos a morte de Jesus e proclamemos a Sua ressurreição». «Cristo vive na Igreja, está em nós, portadores de esperança e de imortalidade. Se, pois, encontrastes Cristo, vivei Cristo, vivei com Cristo! E anunciai-O em primeira pessoa, como autênticas testemunhas». Por vezes, o nosso testemunho torna-se vão, porque «apresentamos um Jesus sem toda a força sedutora que a sua Pessoa oferece; sem tornarmos patentes as riquezas do ideal sublime que é segui-LO».

É preciso que os homens vejam nos sacerdotes os dispensadores dos mistérios de Deus, testemunhas críveis da sua presença no mundo. Ao chamar o homem para ser sacerdote ou religioso, Deus pede-lhe toda a sua pessoa e todas as energias vitais, para anunciar aos homens a alegria e a paz da nova vida em Cristo e para os guiarem ao Seu encontro. Têm de ficar com Cristo na Eucaristia e na oração. Assim, «a Eucaristia tem de completar-se e prolongar-se através da oração, no nosso labor quotidiano como um 'sacrifício de louvor' (Missal Romano, Oração Eucarística I). Na oração, no trato confiado com Deus nosso Pai, discernimos melhor onde está a nossa força e onde está a nossa fraqueza porque o Espírito vem em nosso auxílio».

O momento de maior beleza da actividade pastoral do Papa, no segundo dia da sua visita a São Domingos, foi o do encontro com mais de 100.000 pessoas no bairro «Los Minas». O contacto de João Paulo II com a gente da aldeia dos «mineiros» caracterizou-se pela simplicidade e comunicação. Dirigiu-lhes uma breve alocução em que sublinhou que o Papa vê neles uma presença mais viva do Senhor, «que sofre nos irmãos mais necessitados, que continua a proclamar bem-aventurados os pobres de espírito, os que sofrem por amor da justiça e são puros de coração, os que trabalham pela paz, são compassivos e conservam a esperança em Cristo Salvador». Ele deseja levá-los a pensar na sua dignidade de homens e de filhos de Deus.

Mas não se fica por aqui o que deseja dizer-lhes. «A visão da vossa realidade deve fazer pensar a tantos outros na acção que possa ser levada a efeito para remediar eficazmente a vossa condição».

Terminando o encontro com os «mineiros», o Papa foi saudado por longa aclamação. Em seguida o cortejo papal encaminhou-se directamente para o aeroporto. Em breve discurso dirigido ao Presidente da República Dominicana, o Papa disse entre outras coisas: «São recordações inolvidáveis que me acompanham e continuarão a acompanhar fazendo-me presente os maravilhosos dias vividos neste berço do catolicismo no Novo Mundo».

João Paulo II iniciou a seguir a segunda fase da viagem na América Latina, depois de ter demorado pouco mais de 21 horas em São Domingos. Voou para o México.

### 3. NO MÉXICO

O DC-10 das Linhas Aéreas Nacionais do México levantou voo de São Domingos às 11 horas do dia 26 de Janeiro. As 12,55 horas locais, todos os sinos das igrejas da Cidade do México repicaram anunciando aos habitantes da capital a chegada do Papa. O avião poisou na pista do aeroporto «Benito Juárez». Grande multidão de fiéis, que alternava o grito de «Viva el Papa!» com o de «Méjico, Méjico!», reservou a João Paulo II outro acolhimento inesquecível,

como o da S. Domingos. Entre os muitos milhares de pessoas, que desde as primeiras horas do dia tinham tomado lugar nas tribunas para o público, colocadas na praca diante das pistas do aeroporto, estavam presentes alguns grupos de representantes das diversas confissões cristãs, doutras religiões, da comunidade israelita e da colónia polaca que vive no México.

Cinco minutos depois, às 13 horas, João Paulo II apareceu sorridente à porta do avião, a abençoar. Como fizera em São Domingos, logo que desceu a escada, prostrou-se a beijar a terra mexicana. Logo a seguir, apertou a mão ao Presidente da República, José López Portillo, e à sua Ex.ma Esposa. Numa breve troca de saudações na pista do aeroporto, o Chefe de Estado fez votos por que a missão de paz e justiça do Santo Padre se mostrasse fecunda em resultados. «Nisso está precisamente a minha missão e o meu ministério — respondeu Sua Santidade —. Estou satisfeito por me encontrar no México».

João Paulo II abraçou, em seguida, as Autoridades eclesiásticas vindas a recebê-lo. Neste momento, fiéis e foto-repórteres romperam os cordões das forças de ordem e criou-se à volta do Sumo Pontífice uma confusão indescritível. Só às 13,40 conseguiu João Paulo II subtrair-se ao aperto afectuoso da gente e sair do aeroporto numa camioneta descoberta, branca, na qual tomaram também lugar algumas personalidades eclesiásticas. Uma multidão entusiasta de pelo menos um milhão de pessoas abria alas, entre as quais passou o carro, nos 15 quilómetros que separam o aeroporto do centro da cidade. Viam-se os edifícios embandeirados de branco e amarelo, as cores pontificias, nas paredes milhares de manifestos com a figura do Papa. O cortejo dos automóveis viu-se obrigado a caminhar a passo de homem, enquanto o Santo Padre saudava de pé e abençoava.

As 14,40, os sinos da catedral metropolitana, situada na mesma praça da Constituição, onde está o palácio presidencial, anunciaram a chegada de João Paulo II. Descido do automóvel, o Papa deteve-se alguns instantes a abençoar mais uma vez e, em seguida, entrou na catedral, já repleta. Depois de ouvir duas saudações de homenagem — do Cardeal López Salazar e do Arcebispo Corripio Ahumada — o Santo Padre iniciou a celebração da Santa Missa. Durante o sagrado rito, o Santo Padre pronunciou a homilia.

### 3.1. Na cidade do México

#### 1) As dimensões da fidelidade

Depois de recordar o primeiro encontro com o povo mexicano, no aeroporto e na viagem até à catedral, João Paulo II afirmou que esse encontro chegava ao auge na celebração do Sacrifício eucarístico. Convidou os presentes a colocar-se sob a protecção da Mãe de Deus, a Virgem de Guadalupe. Dirigindo-se a todos e cada um dos presentes, o Papa propôs-se falar dum tema que é, e deve ser mais ainda, uma característica da vida cristã e mariana: a fidelidade à Igreja.

Que significa a fidelidade de Maria? Quais as suas dimensões? « A primeira dimensão chama-se busca. Maria foi fiel, antes de mais, quando, com amor se pôs a buscar o sentido profundo do Desígnio de Deus n'Ela e para o mundo». Já no Antigo Testamento, o sentido desta busca se traduz numa expressão de

rara beleza e de extraordinário conteúdo espiritual: «buscar o Rosto do Senhor». «Não haverá fidelidade se na raiz não houver esta busca ardente, paciente e generosa; se no coração do homem não se encontrar uma pergunta para a qual só Deus tem a resposta, ou melhor dizendo, para a qual só Deus é a resposta».

A segunda dimensão da fidelidade chama-se acolhimento, aceitação... Assim se faça, estou pronto, aceito: este é o momento crucial da fidelidade, momento em que o homem entende que jamais compreenderá totalmente o 'como', que no Desígnio de Deus há mais zonas de mistério do que de evidência, e que, por mais que faça, não conseguirá nunca aceitá-lo todo... É o momento em que o homem se abandona ao mistério, não com a resignação de quem capitula perante um enigma ou um absurdo, mas antes com a disponibilidade de quem se abre para ser habilitado por algo — por Alguém! — maior que o próprio coração. Essa aceitação realiza-se em definitivo pela fé que é a adesão de todo o ser ao mistério que se revela».

«A terceira dimensão da fidelidade é a coerência. Viver de acordo com o que se crê... Aceitar incompreensões, perseguições, mas não permitir rupturas entre aquilo que se vive e aquilo em que se crê...: E talvez que aqui se encontre o núcleo mais íntimo da fidelidade».

«Mas toda a fidelidade deve passar pela prova mais exigente: a da duração. Por isso a quarta dimensão da fidelidade é a constância... Difícil e importante é ser coerente toda a vida... difícil é sê-lo na hora da tribulação. E só pode chamar-se fidelidade uma coerência que dura ao longo de toda a vida... Ser fiel é não atraiçoar nas trevas aquilo que se aceitou em público».

«De todos os ensinamentos que a Virgem Santíssima dá aos seus filhos do México, o mais belo e importante talvez seja esta lição de fidelidade. É tal fidelidade que o Papa se compraz em descobrir no povo mexicano».

Depois o Papa diz que a história religiosa do México é uma história de fidelidade. E acrescentou: «Nesta hora solene desejaria convidar-vos a consolidar essa fidelidade e a robustecê-la. Queria convidar-vos a traduzi-la em inteligente e forte fidelidade à Igreja, hoje... O Papa que vos visita, espera de vós um generoso e nobre esforço no sentido de conhecerdes cada vez melhor a Igreja. O Concílio Vaticano II quis, acima de tudo, ser um Concílio sobre a Igreja. Tomai nas vossas mãos os documentos conciliares..., estudai-os com amorosa atenção, em espírito de oração, para verdes o que é que o Espírito quis dizer sobre a Igreja... o Concílio quis revelar com maior clareza a única Igreja de Jesus Cristo, com aspectos novos, mas sempre a mesma na sua essência».

«O Papa espera de vós, além disso, uma leal aceitação da Igreja». Depois convida os fiéis a abandonar um «conservadorismo» sem sentido e um profetismo pouco esclarecido. «Devemos ser fiéis à Igreja que, nascida, de uma vez para sempre, do Desígnio de Deus, da cruz, do sepulcro aberto do Ressuscitado e da graça do Pentecostes, nasce de novo em cada dia, não do povo ou de outras categorias racionais, mas das mesmas fontes das quais nasceu na sua origem. Ela nasce hoje para construir com todas as gentes um povo desejoso de crescer na fé, na esperança e no amor fraterno».

«O Papa espera, também, de vós, a plena coerência da vossa vida com a vossa pertença à Igreja. Essa coerência significa termos consciência da nossa



*própria identidade de católicos e manifestarmo-la, com respeito total, mas sem vacilações e sem temores... O Papa espera, ao mesmo tempo, que a vossa coerência não seja efêmera, mas constante e perseverante... Isto talvez não custe a perseguição clara e directa, mas poderá custar o desprezo, a indiferença, a marginalização. E então é fácil e frequente o perigo do medo, do cansaço e da insegurança. Não vos deixeis vencer por estas tentações». O «ser Igreja» é graça «que se tem de pedir e estar pronto para a receber com grande pobreza interior, e que se tem de começar a viver cada manhã. E cada dia com maior fervor e intensidade».*

*O Papa termina com um apelo a que todos os presentes tomem o compromisso da fidelidade a Cristo e à Igreja de hoje.*

*Terminada a celebração da Santa Missa, João Paulo II quis saudar mais uma vez os fiéis mexicanos, da varanda externa da Catedral. Foi uma saudação sobretudo para os pequeninos, os anciãos e os doentes.*

*Pouco depois, o Papa Wojtyla chegou à sede da Representação pontifícia onde se encontrou com o Corpo Diplomático ao qual dirigiu um discurso.*

## 2) Respeitar os direitos do homem

*Nele lembrou a verdadeira missão dos representantes diplomáticos: o serviço da causa da paz, do entendimento entre as Nações, da aproximação entre os povos e de um intercâmbio mutuamente proveitoso em tantos campos da interdependência na comunidade internacional.*

*Há uma preocupação comum ao Papa e aos representantes diplomáticos: o bem da humanidade e o futuro dos povos e de todos os homens. Então João Paulo II convidou-os a tornarem-se, em espírito sempre renovado e original, os artífices do entendimento entre os povos, da segurança internacional e da paz entre as Nações.*

*«Uma vez que a sociedade deve garantir, em primeiro lugar, a fruição de um direito verdadeiro à existência, e uma existência digna, não se poderá desligar deste direito outra exigência também fundamental e que poderíamos chamar o direito à paz e à segurança.*

*«Garantir a paz a todos os habitantes do nosso planeta quer dizer buscar, com toda a generosidade e dedicação, com todo o dinamismo e perseverança de que são capazes os homens de boa vontade, todos os meios concretos aptos a promover as relações pacíficas e fraternas, não só no plano internacional, mas também no plano dos diversos continentes e regiões...»*

*Depois o Papa exorta-os a eliminar o medo e a desconfiança, e a substituí-los pela confiança mútua, pela vigilância acolhedora e pela colaboração fraterna. Chamar-lhes então a atenção para a sua mensagem para o Dia da Paz: «não hesiteis em comprometer-vos pessoalmente pela paz, mediante gestos de paz, cada qual no seu âmbito e na sua esfera de responsabilidade».*

*Finalmente manifesta-lhes o desejo de que as organizações internacionais apropriadas possam contar com a compreensão e a ajuda dos países de todos os continentes, especialmente de um continente como a América Latina que sempre honrou a sua tradição secular de hospitalidade, para enfrentar abertamente o problema humanitário dos refugiados do sudoeste asiático.*

O primeiro dia do Papa em terra mexicana concluiu-se com um encontro particular com o Presidente López Portillo na sua residência de Los Pinos. A conversa entre o Chefe do Estado mexicano e o Sumo Pontífice durou mais de uma hora. Não foi publicado nenhum comunicado oficial, mas é lícito supor que tenham examinado os problemas da paz, da cooperação internacional e da promoção da justiça social no mundo.



O segundo dia da viagem de João Paulo II pelo México, sábado 27 de Janeiro, teve um início de carácter particular: grupos folclóricos e diversos coros cantaram de manhãzinha as célebres «mañanitas» — as alvoradas — diante do palácio em que está a Delegação Apostólica, onde ficou Sua Santidade.

Ali, a primeira audiência do Santo Padre foi para os seus compatriotas que vivem no México, ou vieram de países vizinhos. Em primeiro lugar, disse-lhes que o facto de o Papa ser polaco impõe tanto a ele como aos filhos da mesma Pátria deveres especiais. Depois fez a comparação da fidelidade dos católicos do México e da Polónia. Lembrou a sua confiança em Maria Santíssima: Ela o ajudou para se atrever a ir ao México e assumir as responsabilidades que lhe tocam na Conferência dos Bispos, como antes o ajudara tantas vezes na própria terra, distante.

«Julgo ter acabado», afirmou. Mas fez ainda um apelo a fim de que o ajudem as orações dos seus irmãos de raça, «para ficar aprovado no exame de Papa verdadeiramente católico». Dos presentes, acrescentou, gostaria também de ouvir os pensamentos e ainda a história de como chegaram ao Novo Mundo.

Um parêntesis polaco na terra mexicana. Foi este o significado do encontro.

A seguir, o Papa dirigiu-se para o Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe. Uma maré humana, avaliada pelos competentes em cinco milhões de pessoas, estava à espera, debaixo dum sol ardente, que o Santo Padre passasse. Tinha de percorrer cerca de 20 quilómetros de ruas da cidade, até chegar ao Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe. O automóvel do Sumo Pontífice — branco, longo e descoberto — teve de caminhar a passo humano, entre duas alas de multidão entusiasta. Foram necessários pouco menos de três horas para chegar!

As 11,30, os sinos de Guadalupe repicaram anunciando a chegada do Santo Padre. Na praça diante da basílica estavam nada menos de 200.000 pessoas, que lhe reservaram um acolhimento arrebatador. Os fiéis — muitos tinham conquistado o lugar com 24 horas de antecipação — agitavam milhares e milhares de bandeiras pontificias e mexicanas, mas também italianas e polacas.

Ao chegar ao centro da esplanada, João Paulo II deteve-se algum tempo para corresponder às manifestações do povo. Em seguida, fez uma breve visita ao antigo santuário barroco. As 12,20, entrou na nova basílica para concelebrar a Missa com mais de 300 Bispos latino-americanos, que iam participar na assembleia de Puebla de los Angeles. A nova basílica, em que foi colocada a imagem miraculosa de Nossa Senhora de Guadalupe, é construção moderna de aço e cimento armado, que imita a forma dum vulcão ou — mais provavelmente — dum chapéu sombrero, característico do México.

O trono papal era dominado pela pintura da Virgem Maria, aquela que os

mexicanos chamam afectuosamente a «Morenita», por causa do colorido escuro. Ao entrar o Sumo Pontífice no templo, o coro e a assembleia dos fiéis entoaram os cantos marianos tradicionais do México. Iniciavam-se a solene concelebração eucarística, que inaugurava oficialmente a III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. Depois do Evangelho o Santo Padre pronunciou a homília.

### 3) Sob a protecção da «Mãe do México» e «Mãe da América Latina»

Depois de saudar a Santíssima Virgem com a invocação «Salve, Maria!» e de manifestar a sua alegria pelo facto de os primeiros passos da sua peregrinação o terem trazido precisamente ao Santuário de Guadalupe, voltou a saudar Nossa Senhora de Guadalupe com a mesma invocação e explicou o seu sentido. Então convidou os presentes a repetir com ele essa invocação, «conscientes de que são estas palavras com as quais o próprio Deus, através do seu mensageiro» A saudou a Ela, «a Mulher prometida no Éden e desde toda a eternidade eleita como Mãe do Verbo, Mãe da divina Sabedoria, Mãe do Filho de Deus».

«Salve, Mãe de Deus!». Esta foi a segunda invocação dirigida a Nossa Senhora de Guadalupe pelo Papa. E acrescentou: «Congregados aqui, o Sucessor de Pedro e estes sucessores dos Apóstolos, damo-nos conta de como tais palavras se cumpriram, de maneira admirável, nesta terra».

Então o Papa recordou a breves traços a história da evangelização do Novo Mundo e do México e o papel que a Santíssima Virgem nela desempenhou e dirigiu-se a Nossa Senhora com estas palavras: «Continuas a estar de maneira admirável no mistério de Cristo, Teu Filho unigénito, porque estás sempre onde quer que estejam os homens seus irmãos, onde quer que esteja a Igreja». Depois de falar da presença da Virgem Santíssima em toda a América Latina, acrescentou: «O Papa — que provém também ele de um País onde as tuas imagens, especialmente uma, a de Jasna Góra, são sinal igualmente da Tua presença na vida da nação e nas alternativas da sua história — é particularmente sensível a este sinal da Tua presença aqui, na vida do Povo de Deus no México, na sua história, também esta não fácil e por vezes até dramática. Mas estás igualmente presente na vida de tantos outros povos e nações da América Latina... Este Papa percebe no fundo do seu coração os vínculos particulares que Te unem a Ti com este Povo e a este Povo contigo... Salve, Mãe do México! Mãe da América Latina!».

«Chegamos a este lugar, conscientes de nos acharmos num momento crucial. Com esta reunião de Bispos desejamos reenlaçar-nos com a precedente Conferência do Episcopado Latino-americano que se realizou há dez anos atrás em Medellín... Viemos aqui, não tanto para tornar a examinar, passados dez anos, o mesmo problema, quanto para o rever de um modo novo, num novo lugar e num novo momento histórico.

«Queremos tomar como ponto de partida o que se acha contido nos documentos e resoluções daquela outra Conferência. E queremos, por outro lado, sobre a base das experiências destes dez anos, do desenvolvimento do modo de pensar e à luz das experiências de toda a Igreja, dar um justo e necessário passo em frente». Depois de lembrar as circunstâncias em que se realizou a

*Conferência de Medellín, acrescentou: «Sem o Concílio não teria sido possível a reunião de Medellín, que intentou ser um impulso de renovação pastoral, um novo 'espírito' em ordem ao futuro, em plena fidelidade eclesial na interpretação dos sinais dos tempos na América Latina. A intencionalidade evangelizadora era bem clara e resta patente nos dezasseis temas tratados, reunidos em torno de três grandes áreas, mutuamente complementares: promoção humana, evangelização e crescimento na fé, Igreja visível e suas estruturas.*

*«Com a sua opção pelo homem latino-americano encarado na sua integridade, com o seu preferencial mas não exclusivo pelos pobres, com o seu alento a uma libertação integral dos homens e dos povos, Medellín, a Igreja ali presente, foi uma chamada de esperança para metas mais cristãs e mais humanas.*

*«Entretanto passaram mais dez anos. E fizeram-se interpretações, às vezes contraditórias, nem sempre correctas e nem sempre benéficas para a Igreja. Por isso, a Igreja põe-se à procura dos caminhos que lhe permitam compreender mais profundamente e cumprir com maior empenho a missão recebida de Cristo Jesus.*

*«Neste sentido tiveram grande importância as sessões do Sínodo dos Bispos que se realizaram nestes anos, sobretudo a reunião do ano de 1974, centrada sobre a Evangelização, cujas conclusões foram coligidas depois, de modo vivo e alentador, pela Exortação Apostólica Evangelii nuntiandi de Paulo VI.*

*«Este é o tema que hoje colocamos sobre a nossa mesa de trabalho, ao propor-nos estudar 'A Evangelização no presente e no futuro da América Latina'.*

*«Encontrando-nos neste lugar santo para iniciar os nossos trabalhos, representa-se-nos ante o olhar o Cenáculo de Jerusalém, local da instituição da Eucaristia. Ao mesmo Cenáculo tornaram os Apóstolos depois da Ascensão do Senhor, a fim de aí, permanecendo em oração com Maria, a Mãe de Cristo, poderem preparar os seus corações para receber o Espírito Santo, no momento do nascimento da Igreja.*

*«Também nós vimos aqui para isso, também nós esperamos a descida do Espírito Santo, que nos fará ver os caminhos da evangelização, através dos quais a Igreja deve continuar e renascer neste nosso grande Continente. Também nós hoje, e nos próximos dias, desejamos permanecer em oração com Maria, Mãe de nosso Senhor e Mestre: contigo, Mãe da esperança, Mãe de Guadalupe».*

*Então o Papa consagra a Nossa Senhora de Guadalupe todo o património do Evangelho, da Cruz e da Ressurreição, de que ele e os bispos são testemunhas, apóstolos, mestres e bispos. Depois pede ajuda à Virgem Santíssima para ser fiel à transmissão da verdade e ao confirmar os irmãos na fé. Oferece-Lhe a Igreja do México e de todo o Continente Latino-americano. «Sê um de casa nas nossas famílias, nas nossas paróquias, missões, dioceses e em todos os povos. E fá-lo por meio da Igreja Santa, a qual, imitando-Te a Ti, Mãe, deseja ser cada vez mais uma boa mãe, cuidar das almas em todas as suas necessidades, anunciando o Evangelho, administrando os Sacramentos, salvaguardando a vida das famílias mediante o sacramento do Matrimónio, reunindo todos na comunidade eucarística por meio do Santíssimo Sacramento do altar e acompanhando-os com amor desde o berço até à entrada na eternidade.*

*«Ó Mãe! Desperta nas jovens gerações a disponibilidade para o exclusivo*

serviço de Deus. Implora para nós abundantes vocações locais para o sacerdócio e para a vida consagrada.

«Ó Mãe! Corrobora a fé de todos os nossos irmãos e irmãs leigos, para que em todos os diversos campos da vida social, profissional, cultural e política actuem de acordo com a verdade e a lei de que o Teu Filho veio trazer à humanidade, a fim de conduzirem a todos à salvação eterna e, ao mesmo tempo, a fim de tornarem a vida sobre a terra mais humana e mais digna do homem.

«A Igreja que desenvolve a sua actividade entre as nações americanas, a Igreja no México, quer servir, com todas as suas forças, esta causa sublime com renovado espírito missionário. Ó Mãe! Faz com que saibamos servi-la na verdade e na justiça. Faz com que nós mesmos sigamos este caminho e por ele conduzamos os demais, sem jamais nos desviarmos por atalhos tortuosos, arrastando connosco os outros».

Depois de oferecer à Virgem Santíssima e de Lhe confiar a pastoral da América Latina, o Papa pede-Lhe: «queremos vincular-Te de um modo ainda mais forte ao nosso ministério, à Igreja e à vida das nossas nações. Desejamos pôr nas Tuas mãos todo o nosso porvir, o porvir da evangelização na América Latina». Finalmente, invoca-A como Rainha dos Apóstolos e Rainha da Paz e pede-Lhe: «Faz com que todos, governantes e súbditos, aprendam a viver em paz, se eduquem para a paz, façam tudo aquilo que exige a justiça e o respeito pelos direitos de todo o homem, para que se consolide a paz.

«Aceita esta nossa confiada entrega, ó serva do Senhor! Que a Tua maternal presença no mistério de Cristo e da Igreja se converta em fonte de alegria e de liberdade para cada um e para todos; fonte daquela liberdade por meio da qual Cristo nos libertou (Gál 5, 1), e finalmente fonte daquela paz que o mundo não pode dar, mas que somente a dá Ele, Cristo (cfr. Jo 14, 27). E termina por invocar Nossa Senhora de Guadalupe como Padroeira do México e de toda a América Latina, «para que os conserves debaixo da Tua protecção e guardes a sua concórdia na fé e a sua fidelidade a Cristo, Teu Filho, Amen!».

Momento especialmente comovedor da cerimónia foi o da Comunhão, que o Santo Padre distribuiu pessoalmente a uma centena de religiosos e leigos, enquanto dezenas de sacerdotes levavam as sagradas Partículas aos milhares e milhares de fiéis, que estavam fora. Logo a seguir, o Sumo Pontífice ofereceu um artístico diadema de ouro à venerada imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, Padroeira principal do México. Depois, João Paulo II subiu ao plano superior do templo para abençoar, duma varanda exterior, a imensa multidão estacionada na praça. A Missa terminou às 14,20, mas o Santo Padre deteve-se ainda algum tempo mais, na basílica, para rezar juntamente com os fiéis.

Na tarde e noite de sábado, João Paulo II presidiu a três encontros distintos de carácter eminentemente eclesial: com os sacerdotes, com as religiosas e com o Episcopado do México.

A primeira audiência, em que participaram cerca de 10.000 sacerdotes, iniciou-se às 17 horas na basílica nova de Guadalupe.

#### 4) Testemunhas e artífices da unidade e da fraternidade

Antes de mais, João Paulo II manifestou aos sacerdotes o desejo que tinha de se encontrar com eles, o que é uma prova do afecto e da solícituade do Papa. Os sacerdotes têm um papel insubstituível no Povo de Deus. Eles são os principais colaboradores dos Bispos, os participantes dos poderes salvadores de Cristo, as testemunhas, os anunciadores do Seu Evangelho, os animadores da fé e da vocação apostólica do Povo de Deus.

«Mas não tendes, disse o Papa, só uma presença qualificada no apostolado eclesial: o vosso amor ao homem por Deus é, também, muito notável entre os estudantes dos diversos graus, entre os doentinhos e os que precisam de assistência, entre os homens de cultura, entre os pobres que reclamam compreensão e apoio, entre tantas pessoas que a vós recorrem em busca de conselho e de alento».

Dos sacerdotes depende em boa parte a sorte da Igreja nos sectores confiados ao seu cuidado pastoral. Isso impõe-lhes uma profunda consciência da grandeza da missão recebida e da necessidade de se conformarem cada vez mais com ela. Devem servir a Igreja de Cristo alegremente em santidade de vida (cfr. Ef 4, 13).

Não podem prestar tão elevado e exigente serviço «sem uma clara e arraigada convicção acerca da «sua» identidade como sacerdotes de Cristo, depositários e administradores dos mistérios de Deus, instrumentos de salvação para os homens, testemunhas de um reino que se inicia neste mundo mas que se completa no além. Perante estas certezas da fé, como ter dúvidas acerca da própria identidade?, porque titubear acerca do valor da própria vida?, por que hesitar no caminho empreendido?»

«Para conservar ou reforçar esta convicção firme e perseverante, ponde os olhos no modelo, Cristo, avivai os valores sobrenaturais na vossa existência, pedi a força corroborante do alto, no colóquio assíduo e confiado da oração. Hoje, como ontem, isto é-vos imprescindível. E sede também fiéis na prática frequente do Sacramento da Reconciliação, na meditação quotidiana, na devoção à Santíssima Virgem mediante a reza do terço. Numa palavra, cultivai a união com Deus mediante uma profunda vida interior. Seja este o vosso primeiro empenho. Não temais que o tempo consagrado ao Senhor tire alguma coisa ao vosso apostolado. Muito pelo contrário, isso será fonte de fecundidade no mistério.

«Sois pessoas que fizestes do Evangelho uma profissão de vida. Ao Evangelho devereis ir buscar os critérios essenciais de fé — e não meros critérios psicológicos ou sociológicos — que produzam uma síntese harmónica entre espiritualidade e ministério; sem permitir uma 'profissionalização' do mesmo, sem rebaixar a estima que deve merecer-vos o vosso celibato ou a castidade consagrada, aceites por amor do Reino, numa ilimitada paternidade espiritual (cfr. 1 Cor 4, 15)...

«Sois participantes do sacerdócio ministerial de Cristo para o serviço da unidade da comunidade. Um serviço que se realiza em virtude do poder recebido para dirigir o Povo de Deus, perdoar os pecados e oferecer o Sacrifício Eucarístico (cfr. LG, 10; PO, 2). Um serviço sacerdotal específico, que não pode

ser substituído na comunidade cristã pelo sacerdócio comum dos fiéis, essencialmente diferente do primeiro (cfr. LG, 10).

Então o Papa refere-se às relações dos sacerdotes com o seu Bispo, quer se trate de sacerdotes diocesanos ou religiosos: «Sois membros de uma Igreja particular, cujo centro de unidade é o Bispo (cfr. CD, 28), para com o qual todo o sacerdote deve manter uma atitude de comunhão e de obediência. Por seu lado, os religiosos, no que se refere às actividades pastorais, não podem negar a sua leal colaboração e obediência à jerarquia local, alegando uma dependência exclusiva para com a Igreja universal (cfr. CD, 34). Muito menos seria admissível, em sacerdotes ou religiosos, uma prática de magistérios paralelos ao dos Bispos — autênticos e únicos mestres na fé — ou das Conferências Episcopais».

Lembra-lhes então a sua função de servidores: «Sois servidores do Povo de Deus, servidores da fé, administradores e testemunhas do amor de Cristo aos homens; amor que não é partidário, que a ninguém exclui, embora se dirija de preferência aos mais pobres. A este respeito, quero lembrar-vos o que disse ainda recentemente aos Superiores-Gerais dos Religiosos, em Roma: 'A alma que vive em contacto habitual com Deus e se move dentro do caloroso influxo do seu amor consegue facilmente subtrair-se à tentação de particularismos e de contraposições, que comportam o risco de molestas divisões; consegue interpretar na devida luz evangélica a opção em favor dos mais pobres e de todas as vítimas do egoísmo humano, sem ceder a radicalizações sócio-políticas, que com o andar do tempo se revelam inoportunas, contraproducentes e geradoras elas mesmas de novas violências'».

Os sacerdotes são guias espirituais: «Sois guias espirituais que se esforçam por orientar e melhorar os corações dos fiéis, para que estes, convertidos, vivam o amor a Deus e ao próximo e se comprometam na promoção e dignificação do homem».

Os sacerdotes e religiosos não são líderes políticos: «Sois sacerdotes e religiosos: não sois dirigentes sociais, líderes políticos ou funcionários de um poder temporal. Por isso vos repito: 'Não tenhamos a ilusão de servir o Evangelho se procuramos diluir o nosso carisma através de um interesse exagerado pelo vasto campo dos problemas temporais' (Discurso ao clero de Roma). Não esqueçais que a liderança temporal facilmente pode ser fonte de divisão, ao passo que o sacerdote deve ser sinal e factor de unidade e de fraternidade. As funções seculares são o campo próprio de acção dos leigos, que hão-de aperfeiçoar as coisas temporais com o espírito cristão (cfr. AA, 4)».

Terminada a audiência aos sacerdotes, o Santo Padre percorreu de automóvel, em sentido inverso, parte do trajecto da manhã, detendo-se, às 18,30, no Colégio de S. Miguel. Esperavam-no milhares de Religiosas.

## 5) Agi como profissionais da fé e especialistas no conhecimento de Cristo

Depois de aludir ao local previsto para esta audiência — a Basílica de Guadalupe —, o Papa disse-lhes: «Sois uma força importantíssima dentro da Igreja e da própria sociedade, colocadas em inumeráveis sectores como o das escolas e colégios, das clínicas e hospitais, do campo caritativo e assistencial,

das obras paroquiais, da catequese, dos grupos de apostolado e tantos outros. Fazeis parte de diversas famílias religiosas, mas com um mesmo ideal dentro de diferentes carismas: seguir a Cristo, ser testemunho vivo da perenidade da Sua mensagem.

«A vossa vocação é uma vocação que merece a máxima estima por parte do Papa e da Igreja, ontem como hoje. Por isso, vos quero manifestar a minha alegre confiança em vós e animar-vos a não desfalecerdes no caninho empreendido, que vale a pena prosseguir com renovados espírito e entusiasmo. Sabei que o Papa vos acompanha com a sua oração e se compraz com a vossa fidelidade à própria vocação, a Cristo, à Igreja».

Depois o Papa alude à confusão por vezes existente no mundo das Religiosas: «É certo que em grande parte das religiosas prevalece um louvável espírito de fidelidade ao próprio compromisso eclesial, e que se advertem aspectos de grande vitalidade na vida religiosa, com o retorno a uma visão mais evangélica, crescente solidariedade entre as famílias religiosas, e maior aproximação dos pobres, que são objecto de sua justa atenção prioritária. São motivos, estes, de alegria e de optimismo.

«Mas também não faltam exemplos de confusão acerca da própria essência da vida consagrada e do próprio carisma. Por vezes abandona-se a oração, substituindo-a com a acção; interpretam-se os votos segundo a mentalidade secularizante que esfuma as motivações religiosas do próprio estado; abandona-se com certa ligeireza a vida em comum; adoptam-se posições sócio-políticas como sendo o verdadeiro objectivo a alcançar, inclusivamente com bem definidas radicalizações ideológicas».

Então o Sumo Pontífice chama a atenção para as desculpas que nesses casos se dão: «E quando acontece que se obscurecem as certezas da fé, alegam-se motivos de busca de novos horizontes e experiências, talvez com o pretexto de estar mais perto dos homens, quiçá de grupos bem concretos, escolhidos com critérios nem sempre evangélicos».

É necessária uma visão de fé para manter um conceito do valor da vida consagrada: «não esqueçais nunca que para manter um conceito claro do valor da vossa vida consagrada ser-vos-á necessária uma profunda visão de fé, que se alimenta e mantém com a oração; a mesma fé que vos fará superar toda a incerteza acerca da vossa própria identidade, que vos fará permanecer fiéis a essa dimensão vertical que vos é essencial, para vos identificardes com Cristo desde as bem-aventuranças, e serdes testemunhas autênticas do Reino de Deus para os homens do mundo actual.

«Só com esta solicitude pelos interesses de Cristo, sereis capazes de conferir ao carisma do profetismo a sua conveniente dimensão de testemunho do Senhor: renunciando a opções, pelos pobres e os necessitados, que não prove-nham de critérios do Evangelho, mas, pelo contrário, se inspirem em motivações sócio-políticas que — como disse recentemente aos Superiores-Gerais, em Roma — com o tempo se manifestam inoportunos e contraproducentes».

E lembra-lhes o significado da sua vocação: «Escolhestes como método de vida seguir valores que não são os valores meramente humanos, embora também estes devais apreciar na sua justa medida. Optastes pelo serviço aos outros por amor de Deus. Não esqueçais nunca que o ser humano se não encontra confinado na dimensão terrestre. Vós, como profissionais da fé e especialistas



no sublime conhecimento de Cristo, *abri-o para o chamamento e para a dimensão de eternidade em que vós mesmas deveis viver*».

O último encontro dum dia tão denso de actividades realizou-se já bastante tarde na sede da Delegação Apostólica, onde o Santo Padre recebeu os Bispos Mexicanos. O Cardeal José López Salazar dirigiu ao Papa uma saudação de homenagem, a que João Paulo II respondeu com algumas palavras, iniciando em seguida uma conversa familiar com os membros do Episcopado.

## 3.2. Puebla

### 6) Da cidade do México a Puebla de los Angeles

João Paulo II partiu de manhã cedo para Puebla. A Cidade do México — a maior metrópole do mundo — parece que não teve noite. Uma multidão sem número — a agência 'France Presse' fala de dez milhões de pessoas —, abria alas à passagem do automóvel do Papa Wojtyła. Abriu-as pelos 135 quilómetros de auto-estrada que separam a Cidade do México de Puebla de los Angeles. O Santo Padre foi presidir a abertura dos trabalhos da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. O entusiasmo popular foi, como nos dias precedentes, arrebatador.

Puebla tem uma história toda cristã. A sua data de nascimento é 1530. Foram os franciscanos os seus primeiros evangelizadores. O primeiro grupo contou 12 frades, que passaram à história como os «doze apóstolos». Não foram só apóstolos do Evangelho, pregando-o; foram também apóstolos dos índios, ajudando-os espiritual e materialmente. Para eles foi fundada a primeira diocese e levantada a primeira catedral. Agora, ao lado da catedral com cinco naves, avulta o seminário renovado.

O Papa saiu da Cidade do México às 7,40 e chegou a Puebla pelas 13 horas, sendo recebido com delirantes aclamações. O trajecto assumira o aspecto duma sebe humana, multidão compacta dos dois lados, sempre, à espera do Papa.

A multidão já o rebaptizou: é o «Papa mexicano». Tanto entrou João Paulo II no coração de todos! A multidão não consegue separar-se dele. Muitos tentam fazer cauda atrás do cortejo papal. A maioria acompanha o Papa com a oração e o reconhecimento. Embora a partida tenha sofrido o atraso de meia hora, não há desânimos nos que esperam. A imagem, que o Sumo Pontífice imprimiu nos olhos de milhões e milhões de mexicanos, imagem que eles querem agora vincar mais, é a que foi vista na Missa da véspera no santuário de Nossa Senhora de Guadalupe: recolhido em oração, debulhado em lágrimas, com a cabeça entre as mãos. Imagem que diz tudo do Papa e sobre o Papa, no México. Essas lágrimas, pensam muitos, correram para fecundar com novo vigor a comunidade eclesial mexicana e mesmo toda a latino-americana. Lágrimas contagiantes de fé, de alegria, mas também de esperança e de amor por um povo que é seu.

Na ponte San Salvador El Verde faz-se uma paragem. Ao lado, uma aldeia, que tem um nome azteca, precedido por outro cristão: San Martín Texmelcan. As cabanas apresentam, para o acontecimento, ornamentações amarelas. Todos querem mostrar a sua alegria, também os índios são filhos da Igreja, são filhos

espirituais do Papa. João Paulo II desce do automóvel e fala-lhes. Testemunho eloquente de quanto a Igreja os ama, protege e evangeliza.

No trajecto vêem-se também os 'campesinos', os pobres com quem a Igreja estabeleceu uma espécie de pacto. Pela causa deles — é a causa da promoção humana — a Igreja bate-se com toda a sua autoridade e com uma rede densa de obras culturais, sociais e pastorais, que foram um dos capítulos mais importantes da sua história na América Latina. Como os índios, também os 'campesinos' pouco têm para oferecer. Mas são os dons autenticamente evangélicos. Os dons de quem oferece tudo quanto possui. São as dádivas que mais agradam, as mais preciosas no tesouro do reino dos céus.

O automóvel do Papa está agora às portas de Puebla. Em San Miguel Xoytla está prevista nova paragem. Antes da entrada na cidade, querem apresentar ao Santo Padre as boas-vindas. Para isso é designado um operário. O Papa manifesta comoção profunda. Tem experiência directa do mundo do trabalho. Sabe que força representa para uma nação o movimento operário. Sabe também qual o contributo que ele dá ao progresso económico. Não desconhece, porém, as tensões, as alienações e os abusos. O seu repetido apelo ao respeito dos direitos humanos, à abertura dos sistemas políticos e económicos a Cristo tendem precisamente a reconhecer aos operários a sua dignidade de Colaboradores de Deus.

Pelas 13 horas chega o Santo Padre a Puebla, entre as aclamações delirantes da multidão. Uma meia hora depois, no campo de jogos do Seminário maior Palafoxiano (assim chamado em memória de Juan Palafox, Bispo desde a Santa Missa, com a assistência de pelo menos cem mil habitantes de Puebla. Na homilia, o Papa encarou o assunto da família na América Latina, das suas perspectivas e dos perigos que a ameaçam, e dirigiu um apelo aos Governos latino-americanos a fim de que promovam 'uma política sócio-familiar inteligente, audaz e perseverante, reconhecendo que neste campo se joga, sem dúvida, o futuro — a esperança — do continente'.

## 7) Promoção e defesa da família

Depois duma introdução em que fala de Puebla de los Angeles e das circunstâncias da celebração da Santa Missa na abertura da Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, o Papa recorda que «foi dito, de forma bela e profunda, que o nosso Deus, no seu mistério mais íntimo, não é solidão, mas uma família, dado que tem em Si mesmo paternidade, filiação e a essência da família, que é o amor. Este amor, na família divina, é o Espírito Santo». Estas considerações servem-lhe para introduzir o tema principal da sua homilia: a família. «O tema da família, pois, — diz o Papa —, não é alheio ao tema do Espírito Santo. Permite que, sobre este tema da família — o qual, certamente, ocupará os Bispos durante estes dias — vos dirija o Papa algumas palavras».

Então recorda o lugar que a Conferência de Medellín concedeu à família. Segundo essa Conferência, as famílias latino-americanas deveriam ter sempre três dimensões: a de serem educadoras na fé, a de serem formadoras de pessoas e a de serem promotoras de desenvolvimento. Perante os obstáculos para

*cumprir esta tríplice incumbência, recomendaram a atenção pastoral às famílias, como uma das atenções prioritárias da Igreja neste Continente. Passa os dez anos, a Igreja na América Latina reconhece, com humilde, quanto lhe falta ainda para fazer. A Pastoral familiar aparece hoje «como ainda mais urgente, como elemento muito importante na Evangelização».*

*A seguir aponta os maiores problemas da família na América Latina: a introdução do divórcio na legislação de alguns países, as crianças que nascem em lares sem estabilidade, os índices deprimentes de insalubridade, pobreza e mesmo miséria, ignorância e analfabetismo, condições desumanas de habitação, subalimentação crônica, e tantas outras realidades não menos tristes. Perante esta situação, a Igreja compromete-se «a dar a sua ajuda, e convida os Governos a que se proponham como ponto-chave da sua acção: uma política sócio-familiar inteligente, audaz e perseverante». Não se trata de «reduzir a qualquer preço o índice de natalidade — aquilo que o meu Predecessor Paulo VI chamava 'diminuir o número dos convidados para o banquete da vida' —, quando é notório que, mesmo para o desenvolvimento, é indispensável um equilibrado índice de população. Trata-se de concordar esforços para criar condições favoráveis à existência de famílias sãs e equilibradas...».*

*Além disso, deve falar-se de promoção da Família. «Para essa promoção não-de contribuir muitos organismos: governos e organismos governamentais, a escola, os sindicatos, os meios de comunicação social, as comissões de bairros, as diversas associações voluntárias ou espontâneas que hoje em dia florescem por toda a parte». A contribuição da Igreja — já em marcha — deve consistir: na preparação dos futuros esposos para o matrimónio; ajudar as famílias quando a sua existência é atravessada por crises normais; tornar cada família cristã uma verdadeira 'ecclesia domestica'; preparar muitas famílias para a missão de evangelizadoras de outras famílias; colocar em realce todos os valores da vida familiar; ir em auxílio das famílias incompletas; estimular os governantes a suscitarem nos respectivos países aquela política sócio-familiar da qual falávamos há pouco.*

*João Paulo II termina com uma palavra de conforto para todas e cada uma das famílias da América Latina. Ele quer entrar em cada lar: «recebi a visita que o Papa deseja fazer a cada uma de vós. E dai ao Papa a alegria de vos ver crescer nos valores cristãos, para que a América Latina encontre, nos seus milhões de famílias, razões para confiar, para esperar, para lutar, para construir».*

*As 17 horas, os 350 Bispos reuniram-se na presença do Santo Padre, na capela do Seminário, transformada em «aula magna», para o início dos trabalhos da Conferência. Depois de ouvir uma diferente saudação de homenagem do Cardeal Sebastiano Baggio, Co-Presidente da Conferência, João Paulo II pronunciou um elevado discurso, que reproduzimos a seguir.*

## 8) Audácia de profetas e prudência evangélica de Pastores

### *Amados Irmãos no Episcopado*

*Esta hora que eu tenho a dita de viver convosco, é certamente uma hora histórica para a Igreja na América Latina. Disto está consciente a opinião pú-*

blica mundial, estão conscientes os fiéis das vossas Igrejas locais e estais conscientes sobretudo vós que sereis protagonistas e responsáveis por esta hora.

É também uma hora de graça, esta, assinalada pela passagem do Senhor, por uma particularíssima presença e acção do Espírito de Deus. Por isso invocamos este Espírito, com confiança, ao princípio dos trabalhos. E por isto também, quero agora suplicar-vos, como um irmão a irmãos muito queridos: durante todos estes dias da Conferência e em cada um dos seus actos, deixai-vos conduzir pelo Espírito, abri-vos à sua inspiração e ao seu impulso; que seja Ele e nenhum outro espírito o que vos guie e conforte.

Sob este Espírito, pela terceira vez nestes últimos vinte e cinco anos, vós, Bispos de todos os Países e representando o Episcopado de todo o Continente latino-americano, congregais-vos para juntos aprofundardes o sentido da vossa missão perante as novas exigências dos vossos povos.

A Conferência que se abre agora, convocada pelo venerando Paulo VI, confirmada pelo meu inolvidável predecessor João Paulo I e por mim, como um dos primeiros actos do meu Pontificado, está em conexão com aquela outra, já longínqua no tempo, do Rio de Janeiro, que teve como seu fruto mais notável o nascimento do CELAM. Está, porém, em conexão mais estreita ainda com a II Conferência, a de Medellín, cujo décimo aniversário comemora.

Nestes dez anos, quanto avançou no seu caminhar a humanidade, e, com a humanidade e ao seu serviço, quanto avançou também a Igreja! Esta terceira Conferência não pode ignorar essa realidade. Deverá, pois, tomar como ponto de partida as conclusões de Medellín, com tudo o que têm de positivo, sem ignorar, porém, as interpretações incorrectas que às vezes se fizeram e que exigem sereno discernimento, oportuna crítica e tomadas de posição.

Servir-vos-á de guia nos vossos debates o Documento de Trabalho, preparado com tanto cuidado em vista de constituir sempre o ponto de referência.

Entretanto tereis também entre mãos a Exortação Apostólica «Evangelii Nuntiandi», de Paulo VI. Com que sentimentos de comprazimento o grande Pontífice aprovou o tema desta Conferência — «O presente e o futuro da evangelização na América Latina»!

Podem testemunhá-lo os que estiveram perto dele nos meses de preparação da Assembleia; e mais poderão dar testemunho também da gratidão com a qual ele tomou conhecimento de que o pano de fundo de toda a presente Conferência seria precisamente este texto, no qual pôs toda a sua alma de Pastor, já no ocaso da sua vida. Agora, depois que ele «fechou os olhos para o cenário deste mundo»<sup>1</sup>, esse Documento converte-se num testamento espiritual, que a Conferência há-de saber esquadriñar com amor e diligência, a fim de fazer dele outro ponto de referência obrigatória, e de ver como o há-de pôr em prática. Toda a Igreja vos está agradecida pelo exemplo que dais, por aquilo que fazeis, e que, quiçá, outras Igrejas locais virão por seu turno a fazer.

O Papa quer estar convosco no começo dos vossos trabalhos, agradecido a Deus, pois todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes<sup>2</sup>, pelo facto de ter podido acompanhar-vos na Santa Missa de ontem, sob o olhar materno da Virgem Santíssima de Guadalupe, bem como na Santa Missa

<sup>1</sup> Cfr. Testamento de Paulo VI.

<sup>2</sup> Tg. 1, 17.

desta manhã. Com muito gosto eu ficaria aqui convosco em oração, reflexão e trabalho; e vou ficar em espírito, estai certos disso, uma vez que reclama a minha presença física noutra parte a sollicitudo omnium ecclesiarum<sup>3</sup>. Mas quero ao menos, antes de prosseguir a minha visita pastoral pelo México e antes de regressar a Roma, deixar-vos como penhor da minha presença espiritual algumas palavras, pronunciadas com ansiedade de Pastor e com afecto de Pai, eco das minhas principais preocupações com respeito ao tema que haveis de tratar e em relação com a vida da Igreja nestes queridos Países.

## I. Mestres da Verdade

É uma grande consolação para o Pastor universal verificar que vos congregais aqui, não como num simpósio de peritos, não como num parlamento de políticos, não como num congresso de cientistas ou técnicos, por mais importantes que possam ser essas reuniões, mas sim num encontro fraterno de Pastores da Igreja. E como Pastores tendes a consciência viva de que o vosso dever principal é o de serdes Mestres da Verdade. Não de uma verdade humana e racional, mas sim da Verdade que vem de Deus, que traz consigo o princípio da autêntica libertação do homem: conhecereis a verdade, e a verdade tornar-vos-á livres<sup>4</sup>; daquela verdade que é a única a oferecer uma base sólida para uma «praxis» adequada.

I, 1. Vigiar pela pureza da doutrina, base para a edificação da comunidade cristã, é pois, juntamente com o anúncio do Evangelho, o dever primeiro e insubstituível do Pastor, do Mestre da fé. Com quanta frequência punha isto mesmo em realce São Paulo, convencido da gravidade do cumprimento de um tal dever<sup>5</sup>. A par da unidade na caridade, urge-nos sempre a unidade na verdade. O amadíssimo Papa Paulo VI, na Exortação Apostólica «Evangelii Nuntiandi», exprime-se assim: «O Evangelho de que nos foi confiado o encargo é também palavra da verdade. Uma verdade que torna livres e que é a única coisa que dá a paz do coração, é aquilo que as pessoas vêm procurar quando nós lhes anunciamos a Boa Nova. Verdade sobre Deus, verdade sobre o homem e sobre o seu misterioso destino e verdade sobre o mundo... O pregador do Evangelho, portanto, terá de ser alguém que, mesmo à custa da renúncia pessoal e do sofrimento, procura sempre a verdade que há-de transmitir aos outros. Ele jamais poderá trair ou dissimular a verdade, nem com a preocupação de agradar aos homens, de arrebatá-los ou de chocar, nem por originalidade ou desejo de dar nas vistas... Pastores do Povo de Deus: o nosso serviço pastoral obriga-nos a preservar, defender e comunicar a verdade, sem olhar a sacrifícios»<sup>6</sup>.

### a. Verdade sobre Jesus Cristo

I, 2. De vós, Pastores, os fiéis dos vossos países esperam e reclamam antes de tudo uma cuidadosa e zelosa transmissão da verdade sobre Jesus Cristo.

<sup>3</sup> 2 Cor. 11. 28.

<sup>4</sup> Jo. 8, 32.

<sup>5</sup> Cfr. 1 Tim. 2, 3-7; 18-20; , 16; 2 Tim. 2, 4-14.

<sup>6</sup> Evangelii Nuntiandi, 78.

*Esta encontra-se no centro da evangelização e constitui o seu conteúdo essencial: «Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino e o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados»<sup>7</sup>.*

*Do conhecimento vivo desta verdade dependerá o vigor da fé de milhões de homens. Dependerá também o valor da sua adesão à Igreja e da sua presença activa como cristãos no mundo. Deste conhecimento, ainda, derivarão opções, valores, atitudes e comportamentos capazes de orientar e definir a nossa vida cristã e de criar homens novos e, por isso mesmo, uma humanidade nova pela conversão da consciência individual e social<sup>8</sup>.*

*É de uma sólida Cristologia que tem de vir a luz para muitos temas e questões doutriniais e pastorais que vos propondes examinar durante estes dias.*

*I, 3. Hemos, pois, de confessar Cristo perante a história e perante o mundo, com convicção profunda, sentida e vivida, como o confessou Pedro: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo<sup>9</sup>.*

*Esta é a Boa Nova e, num certo sentido, única: a Igreja vive por ela e para ela, assim como dela tira tudo aquilo que tem para oferecer aos homens, sem distinção alguma de nacionalidade, cultura, raça, tempo, idade e condição. Por isso mesmo, «a partir dessa confissão (de Pedro), a história sagrada da Salvação e do Povo de Deus devia adquirir uma nova dimensão...»<sup>10</sup>.*

*Este é o único Evangelho e ainda que nós próprio ou um anjo do céu vos anunciasse um evangelho diferente daquele que vos anunciamos, seja execrado!<sup>11</sup>, como com toda a clareza escrevia o Apóstolo.*

*I, 4. Ora bem, hoje em dia e por muitas partes — o fenómeno não é novo — correm «releituras» do Evangelho, resultado de especulações teóricas mais do que de autêntica meditação da Palavra de Deus e de um verdadeiro compromisso evangélico. Elas são causa de confusão, ao afastarem-se dos critérios centrais da fé e da Igreja e cai-se na temeridade de as comunicar, à maneira de catequese, às comunidades cristãs.*

*Nalguns casos ou se passa em silêncio a divindade de Cristo, ou então incorre-se de facto em formas de interpretação incompatíveis com a fé da Igreja. Cristo seria apenas um «profeta», um anunciador do Reino e do amor de Deus, mas não o verdadeiro Filho de Deus e nem seria, portanto, o centro e o objecto da mesma mensagem evangélica.*

*Noutros casos pretende-se apresentar Jesus como um comprometido politicamente, como um lutador contra a dominação romana e contra os poderes e, inclusive, implicado na luta de classes. Esta concepção de Cristo como político, revolucionário, ou como o subversivo de Nazaré, não se compagina com a catequese da Igreja. Confundindo o insidioso pretexto dos acusadores de Jesus com a atitude do próprio Jesus — coisas bem diferentes — aduz-se como causa da sua morte o desenlace de um conflito político e cala-se a vontade de entrega do Senhor e ainda a consciência da sua missão redentora. Os Evangelhos mostram claramente que para Jesus era uma tentação aquilo que porventura alterasse a*

<sup>7</sup> Exort. Apost. *Evangelii Nuntianti*, 22.

<sup>8</sup> Cfr. Exort. Apost. *Evangelii Nuntianti*, 18.

<sup>9</sup> Mt. 16, 16.

<sup>10</sup> Homília no início solene do meu Pontificado, a 22 de Outubro de 1978.

<sup>11</sup> Gdt. 1, 8.

sua missão de Servo de Yahvé<sup>12</sup>. Mais: Ele não aceita a posição daqueles que misturavam as coisas de Deus com atitudes meramente políticas<sup>13</sup>; rechaça inequivocamente o recurso à violência; e patenteia a todos a sua mensagem de conversão, sem excluir os próprios Publicanos. A perspectiva da sua missão, pois, é muito mais profunda. Consiste na salvação integral por um amor transformante, pacificador, de perdão e de reconciliação. Não há dúvida, por outro lado, de que tudo isto é muito exigente para a atitude do cristão que queira servir verdadeiramente os irmãos «mais pequeninos», os pobres, os necessitados e os marginalizados; numa palavra, servir todos os que reflectam nas suas vidas o rosto dolente do Senhor<sup>14</sup>.

I, 5. Contra tais «releituras» do Evangelho, pois, e contra algumas hipóteses, talvez brilhantes mas frágeis e inconscientes, que delas se derivam, «a evangelização no presente e no futuro da América Latina» não pode cessar nunca de afirmar a fé da Igreja: Jesus Cristo, Verbo e Filho de Deus, faz-se homem para se aproximar do homem e oferecer-lhe, pela força do seu mistério, a Salvação, grande dom de Deus<sup>15</sup>.

É esta a fé que informou a vossa história e pasmou o melhor dos valores dos vossos povos e que há-de continuar a animar, com todas as forças, o dinamismo do seu futuro. É esta a fé que revela a vocação de concórdia e de unidade que terá de desterrar os perigos de guerras neste Continente de esperança, onde a Igreja tem vindo a ser tão potente factor de integração. Esta fé, enfim, é a que, com tanta vitalidade e tão variados modos, exprimem os fiéis da América Latina mediante a religiosidade ou piedade popular.

A partir desta fé em Cristo e do seio da Igreja nós somos capazes de servir o homem, os nossos povos e de interpenetrar com o Evangelho a sua cultura, transformar os corações e humanizar sistemas e estruturas.

Qualquer silêncio, esquecimento, mutilação ou inadequada acentuação da integridade do mistério de Jesus Cristo que se afaste da fé da Igreja não pode constituir conteúdo válido da evangelização. «Hoje, sob o pretexto de uma piedade que é falsa, sob a aparência enganadora de uma pregação evangélica, intenta-se negar o Senhor Jesus Cristo», escrevia um grande Bispo no meio das duras crises doutrinárias do século IV. E acrescentava: «Eu digo a verdade, para que seja por todos conhecida a causa da desorientação de que sofremos. Eu não posso calar-me»<sup>16</sup>. Também vós, Bispos dos dias de hoje, quando porventura se derem estas confusões, não podeis calar-vos.

Esta é a recomendação que já o Papa Paulo VI fazia no Discurso de abertura da Conferência de Medellín: «Falai! Falai e pregai, escrevei e tomai posições, como costuma dizer-se, com harmonia de planos e de intentos, para defesa e explicação da Revelação: acerca das verdades da fé, acerca da actualidade do Evangelho e acerca das questões que interessam a vida dos fiéis e a salvaguarda dos costumes cristãos...».

E também eu próprio não me cansarei de repetir, no cumprimento do meu dever de evangelizador da inteira humanidade: «Não tenhais medo! Antes,

<sup>12</sup> Cfr. Mt. 4, 8; Lc. 4, 5.

<sup>13</sup> Cfr. Mt. 22, 21; Mc. 12, 17; Jo. 18 36.

<sup>14</sup> Cfr. Const. Lumen Gentium, 8.

<sup>15</sup> Cfr. Exort. Apost. Evangelii Nuntiandi, 19 e 27.

<sup>16</sup> SANTO HILÁRIO DE POITIERS, Ad Ausentium, 1-4.

*procurai abrir, melhor escancarar as portas a Cristo! Ao Seu poder salvador abri os confins dos Estados, os sistemas económicos assim como os políticos, os vastos campos de cultura, de civilização e de progresso!»<sup>17</sup>.*

### b. Verdade sobre a missão da Igreja

*I, 6. Mestres da Verdade, de vós se espera que proclameis sem cessar, e com especial vigor nesta circunstância, a verdade sobre a missão da Igreja, objecto do Credo que professamos e campo imprescindível e fundamental da nossa fidelidade. O Senhor instituiu-a como comunidade de vida, de caridade e de verdade<sup>18</sup> e como corpo, «pleroma» e sacramento de Cristo, no qual habita toda a plenitude da divindade»<sup>19</sup>.*

*A Igreja nasce da resposta de fé que nós damos a Cristo. Efectivamente, é pelo acolhimento sincero da Boa nova, que nós os crentes nos reunimos em nome de Jesus, para buscar juntos o Reino, para o edificar e para o viver<sup>20</sup>. A Igreja é «congregação daqueles que, crendo, vêem em Jesus o autor da Salvação e o princípio da unidade e da paz»<sup>21</sup>.*

*Por outro lado, porém, nós nascemos da Igreja: ela comunica-nos a riqueza de vida e de graça de que é depositária, gera-nos pelo Baptismo, alimenta-nos com os Sacramentos e com a Palavra de Deus, prepara-nos para a missão, conduz-nos ao designio de Deus, razão da nossa existência como cristãos. Nós somos seus filhos. Assim, com legítimo orgulho lhe chamamos nossa Mãe, repetindo um título que já vem dos primeiros tempos e que atravessa os séculos<sup>22</sup>.*

*Temos, portanto, que amá-la, respeitá-la e servi-la, porque «não pode ter Deus como Pai, quem não tiver a Igreja como Mãe»<sup>23</sup>; depois «não é possível amar a Cristo, sem amar a Igreja que Cristo ama»<sup>24</sup>; e ainda, «na medida em que alguém ama a Igreja de Cristo, possui o Espírito Santo»<sup>25</sup>.*

*O amor à Igreja tem que ser feito de fidelidade e de confiança. No primeiro Discurso do meu Pontificado, ao acentuar o propósito de fidelidade ao II Concílio do Vaticano e a vontade de consagrar os meus melhores cuidados no sector da Eclesiologia, eu convidava a que se tomasse novamente nas mãos a Constituição dogmática «Lumen Gentium», a fim de meditar «com renovado empenho sobre a natureza e a missão da Igreja; sobre o seu modo de existir e de actuar... Não só para se alcançar aquela comunhão de vida em Cristo de todos aqueles que n'Ele crêem e esperam, mas também para contribuir para tornar maior e mais estreitada a unidade de toda a família humana»<sup>26</sup>.*

<sup>17</sup> Homilia no início solene do meu Pontificado, em 22 de Outubro de 1978.

<sup>18</sup> Cfr. Const. *Lumen Gentium*, 9.

<sup>19</sup> Cfr. *ibid.*, 7.

<sup>20</sup> Cfr. Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 13.

<sup>21</sup> Cfr. Const. *Lumen Gentium*, 9.

<sup>22</sup> Cfr. HENRI DE LUBAC, *Meditations sur l'Église*.

<sup>23</sup> SÃO CIPRIANO, *De unitate*, 6, 8.

<sup>24</sup> Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 16.

<sup>25</sup> SANTO AGOSTINHO, *In Joannem*, tract. 32, 8.

<sup>26</sup> Primeira Mensagem à Igreja e ao Mundo do meu Pontificado, a 17 de Outubro de 1978.



*Repito nesta hora tal convite, neste momento transcendental da evangelização na América Latina: a adesão a este Documento do Concílio, tal como ele resulta iluminado pela Tradição e enquanto contém as fórmulas dogmáticas emanadas há um século atrás pelo I Concílio do Vaticano, será para nós, Pastores e fiéis, o caminho seguro e o estímulo constante — digamo-lo uma vez mais — a fim de se caminhar pelas sendas da vida e da história»<sup>27</sup>.*

*I, 7. Não haverá garantias de uma acção evangelizadora séria e vigorosa, sem uma Ecclesiológia bem cimentada.*

*Primeiro, porque evangelizar é a missão essencial, a vocação própria e a identidade mais profunda da Igreja, também ela por sua vez evangelizada»<sup>28</sup>. Enviada pelo Senhor, ela envia por seu turno os evangelizadores a pregar; e «a pregar, não as suas próprias pessoas ou as suas ideias pessoais, mas sim um Evangelho de que nem eles nem ela são senhores e proprietários absolutos, para dele disporem a seu bel-prazer»<sup>29</sup>. Depois, porque «evangelizar não é para quem quer que seja um acto individual e isolado, mas sim profundamente eclesial», um acto da Igreja»<sup>30</sup>; assim «nenhum evangelizador é o senhor absoluto da acção evangelizadora, dotado de um poder discricionário para realizar segundo critérios pessoais e perspectivas individualistas tal obra, mas em comunhão com a Igreja e com os seus Pastores»<sup>31</sup>. Por isso, uma visão correcta da Igreja é fase indispensável para uma justa visão da evangelização.*

*Como se poderia fazer uma autêntica evangelização, se faltasse um acatamento pronto e sincero do sagrado Magistério, com a consciência clara de que, submetendo-se a ele, o Povo de Deus não está a aceitar uma palavra de homens, mas sim a verdadeira Palavra de Deus?»<sup>32</sup>. Importa ter em conta a importância «objectiva» deste magistério e também defendê-lo das insídias que nos tempos que correm, aqui e além, se armam contra algumas verdades firmes da nossa fé católica»<sup>33</sup>.*

*Eu conheço bem a vossa adesão e disponibilidade à Cátedra de Pedro e o amor que sempre haveis demonstrado para com ela. Agradeço-vos do coração, em nome do Senhor, a profunda atitude eclesial que isso implica e desejo-vos a consolação de que também vós conteis com a leal adesão dos vossos fiéis.*

*I, 8. Na vasta documentação com que procurastes preparar esta Conferência, particularmente nas contribuições de numerosas Igrejas, adverte-se por vezes um certo mal-estar pelo que respeita à mesma interpretação da natureza e missão da Igreja. Faz-se alusão, por exemplo, à separação que alguns estabelecem entre Igreja e Reino de Deus. Este, esvaziado do seu conteúdo total, é entendido prevalentemente num sentido secularista: ao Reino não se chegaria pela fé e pelo facto de fazer parte da Igreja, mas pela simples mudança estrutural e pelo compromisso sócio-político. Assim, onde há um certo tipo de com-*

<sup>27</sup> Ibid.

<sup>28</sup> Cfr. Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 14-15; Consti. *Lumen Gentium*, 5.

<sup>29</sup> Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 60.

<sup>30</sup> Cfr. Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 60.

<sup>31</sup> Ibid., 60.

<sup>32</sup> Cfr. 1 Tess. 2, 13.

<sup>33</sup> Primeira Mensagem à Igreja e ao Povo de Deus do meu Pontificado, a 17 de Outubro de 1978.

promisso e de «praxis» em prol da justiça, aí estaria já presente o Reino. Esquece-se deste modo que «a Igreja... recebe a missão de anunciar e instaurar o Reino de Cristo e de Deus em todos os povos e constitui o germe e o princípio deste mesmo Reino na terra»<sup>34</sup>.

Numa das suas belas instruções catequéticas, o Papa João Paulo I, ao falar da virtude da esperança, advertia: «é um erro afirmar que a libertação política, económica e social coincide com a salvação em Jesus Cristo; que o 'Regnum Dei' se identifica com o 'Regnum hominis'».

Nalguns casos gera-se uma atitude de desconfiança para com a Igreja «institucional» ou «oficial», qualificada como alienante, à qual se oporia outra Igreja «popular», que «nasce do povo» e se concretizaria nos pobres. Estas posições poderiam ter graus diferentes, nem sempre fáceis de precisar, de conhecidos condicionamentos ideológicos. O Concílio, porém, fez presente qual é a natureza e a missão da Igreja; e ainda, o modo como se contribui para a sua unidade profunda e para a sua permanente edificação por parte de quem tem a seu encargo o ministério da comunidade, e como há-de contar com a colaboração de todo o Povo de Deus. Com efeito, «se o Evangelho que nós apregamos se apresenta vulnerado por querelas doutrinárias, polarizações ideológicas, ou condenações recíprocas entre cristãos, ao capricho das suas maneiras de ver diferentes acerca de Cristo e da Igreja, e mesmo por causa das suas concepções diversas da sociedade das instituições humanas, como não haveriam aqueles a quem a nossa pregação se dirige vir a encontrar-se perturbados, desorientados se não mesmo escandalizados?»<sup>35</sup>.

### c. Verdade sobre o homem

I, 9. A verdade por nós devida ao homem é, antes de tudo, uma verdade sobre ele próprio. Como testemunhas de Jesus Cristo, somos arautos, porta-vozes e servidores desta verdade, que não podemos reduzir aos princípios de um sistema filosófico ou a pura actividade política, e que não podemos esquecer nem atraiçoar.

Talvez que uma das mais vistosas debilidades da civilização actual esteja numa inadequada visão do homem. A nossa época é, sem dúvida, aquela em que mais se tem escrito e falado sobre o homem, a época dos humanismos e do antropocentrismo. Por outro lado e paradoxalmente, é também a época de mais profundas angústias do homem pelo que respeita à sua identidade e ao seu destino, época do rebaixamento do homem a níveis dantes insuspeitados e época de valores humanos conculcados como jamais o terão sido anteriormente.

Como se explica um tal paradoxo? Podemos dizer que é o paradoxo inevitável do humanismo ateu. É o drama do homem amputado de uma dimensão essencial do seu ser — a sua busca do Infinito — e posto assim defronte à pior redução do seu ser. A Constituição pastoral «Gaudium et Spes» vai ao fundo do

<sup>34</sup> Const. Lumen Gentium, 5.

<sup>35</sup> Exort. Apost. Evangelii Nuntiandi, 77.

problema quando diz: «o mistério do homem só no mistério do Verbo Encarnado se esclarece verdadeiramente»<sup>36</sup>.

A Igreja, graças ao Evangelho, possui a verdade sobre o homem. Esta encontra-se numa antropologia que a mesma Igreja não cessa de aprofundar e de comunicar. A afirmação primordial dessa antropologia é a de que o homem, enquanto imagem de Deus, não pode ser reduzido a uma simples parcela da natureza, ou a um elemento anónimo da cidade humana<sup>37</sup>. Neste sentido, já escrevia Santo Ireneu: «A glória do homem é Deus; porém o receptáculo de toda a acção de Deus, da sua sapiência e do seu poder é o homem»<sup>38</sup>.

A este insubstituível fundamento da concepção cristã do homem tive ocasião de referir-me na minha recente Mensagem do Natal: «Natal é a festa do homem... O homem tornado objecto de cálculo, considerado sob a categoria da quantidade... e, ao mesmo tempo, uno, único e singular... alguém eternamente ideado e eternamente escolhido: alguém chamado e designado pelo seu próprio nome»<sup>39</sup>.

Perante outros bem numerosos humanismos, não raro fechados numa visão do homem estritamente económica, biológica ou psíquica, a Igreja tem o direito e o dever de proclamar a Verdade sobre o homem, que ela recebeu do seu Mestre Jesus Cristo. Oxalá que nenhuma coacção externa a impeça de o fazer. Mas sobretudo, oxalá que ela nunca deixe de o fazer por temores ou por dúvidas, por se ter deixado contaminar por outros humanismos, por falta de confiança na sua mensagem original.

Quando um Pastor da Igreja, portanto, anuncia com clareza e sem ambiguidades a Verdade sobre o homem, revelada por Aquele mesmo que sabia o que havia no homem<sup>40</sup>, deve animá-lo a segurança de estar a prestar o melhor serviço ao ser humano.

Esta verdade sobre o ser humano constitui o fundamento da doutrina social da Igreja, como também é a base da verdadeira libertação. A luz desta verdade, o homem não é um ser submetido aos processos económicos ou políticos, mas são estes processos que estão ordenados para o homem e a ele submetidos.

Deste encontro de Pastores há-de, sem dúvida, sair fortificada esta verdade sobre o homem, ensinada pela Igreja.

## II. Sinais e construtores da unidade

O vosso serviço pastoral, na realidade, é completado por um igual serviço da unidade.

### II, a. Unidade entre os Bispos

A unidade a servir há-de ser antes de mais nada a unidade entre vós mesmos, os Bispos. «Nós devemos guardar e manter esta unidade — escrevia o

<sup>36</sup> Const. *Gaudium et Spes*, 22.

<sup>37</sup> Cfr. Const. *Gaudium et Spes*, 12 e 14.

<sup>38</sup> *Adversus Haereses*, III, 20. 2-3.

<sup>39</sup> Mensagem do Natal — 1978, 1.

<sup>40</sup> Jo. 2, 25

*Bispo São Cipriano num momento de graves ameaças contra a comunhão entre os Bispos do seu país — sobretudo nós, os Bispos que presidimos à Igreja, a fim de testemunharmos que o Episcopado é uno e indivisível. Que ninguém engane os fiéis nem altere a verdade. O Episcopado é uno...»<sup>41</sup>.*

*Esta unidade episcopal provém, não de cálculos e expedientes humanos, mas de outra coisa: do serviço a um único Senhor, da animação de um único Espírito e do amor a uma única e mesma Igreja. É a unidade que resulta da missão que Cristo nos confiou, a qual no Continente latino-americano se vem a desenvolver de há quase meio milénio a esta parte e que vós levais por diante com ânimo forte, em tempos de profundas transformações, enquanto nos aproximamos do segundo milénio da Redenção e da acção da Igreja. É a unidade em torno do Evangelho, do Corpo e do Sangue do Cordeiro, de Pedro vivo nos seus Sucessores, sinais estes todos diversos entre si, mas todos tão importantes, da presença de Cristo entre nós.*

*Como haveis de viver, amados Irmãos, esta unidade de Pastores, nesta Conferência, que já é por si mesma sinal e fruto de uma unidade que existe mas também antecipação e princípio de uma unidade que deve ser ainda mais estreita e sólida! Vós começais estes trabalhos em clima de unidade fraterna: que esta unidade seja já um elemento de evangelização!*

## II, b. Unidade com os Sacerdotes, Religiosos e Povo fiel

*A unidade dos Bispos entre si há-de prolongar-se na unidade com os Presbíteros, Religiosos e fiéis. Os Sacerdotes são os imediatos colaboradores dos Bispos na missão pastoral, que ficaria comprometida se não reinasse entre eles e os Bispos essa estreita unidade.*

*Sujeitos ainda especialmente importantes de uma tal unidade hão-de ser os Religiosos e Religiosas. Eu sei bem quanto tem sido e continua a ser importante a contribuição dos mesmos para a evangelização na América Latina. Aqui chegaram, de facto, desde os alvares dos descobrimentos e dos primeiros passos da evangelização de quase todos os países. Aqui têm trabalhado ao lado do clero diocesano. Em diversos países, hoje, mais de metade do Presbitério é formada por Religiosos; noutros países, eles são uma boa parte do mesmo Presbitério. Bastaria este facto para se compreender quanto importa, aqui mais ainda do que noutras partes do mundo, que os Religiosos, não apenas aceitem, mas que busquem lealmente uma indissolúvel unidade de vistas e de acção com os Bispos. Foi a estes que o Senhor confiou a missão de apascentarem o rebanho; a eles compete traçar os caminhos para a evangelização. E não lhes pode e não lhes deve faltar nunca a colaboração, a um tempo responsável e activa, mas também dócil e confiada dos Religiosos, cujo carisma faz deles agentes sobremaneira disponíveis para o serviço do Evangelho. Em tal linha, grava sobre todos, na comunidade eclesial, o dever de evitar magistérios paralelos, eclesialmente inaceitáveis e pastoralmente estéreis.*

*Sujeitos igualmente desta unidade são os leigos, comprometidos indivi-*

<sup>41</sup> SAO CIPRIANO, em *De unitate Ecclesiae*, 6-8.

dualmente ou associados em organismo de apostolado para a difusão do Reino de Deus. São eles que hão-de consagrar o mundo a Cristo no meio das tarefas do dia-a-dia e nas diversas funções que lhes cabem na família e na profissão, em íntima união e em obediência aos legítimos Pastores.

Esse dom precioso da unidade eclesial deve ser salvaguardado entre todos os que formam parte do Povo de Deus peregrino, na linha da Constituição «*Lumen Gentium*».

### III. Defensores e promotores da dignidade

Aqueles que estão familiarizados com a história da Igreja sabem que em todos os tempos houve admiráveis figuras de Bispos profundamente empenhados na promoção e na destemida defesa da dignidade humana daqueles que o Senhor lhes havia confiado. Fizeram-no sempre sob o imperativo da sua missão episcopal, porque para eles a dignidade humana era um valor evangélico que não podia ser desprezado sem grande ofensa ao Criador.

Uma tal dignidade é conculcada, a nível individual, quando não são tidos na devida conta valores como a liberdade, o direito a professar a religião, a integridade física e psíquica, o direito aos bens essenciais para a vida... É conculcada, a nível social e político, quando o homem não pode exercitar o seu direito de participação ou é sujeitoado a injustas e ilegítimas coerções, ou submetido a torturas físicas ou psíquicas.

Eu não ignoro quantos problemas se põem hoje em dia, quanto a este ponto, na América Latina. Como Bispos, vós não podeis desinteressar-vos deles. Estou ciente de que é vossa intenção levar a efeito uma séria reflexão sobre as relações e implicações existentes entre evangelização e promoção humana ou libertação, considerando, num campo tão vasto e importante, a presença específica da Igreja.

É aqui que nós encontramos, traduzidos na prática concretamente, os temas que tocávamos ao falar da verdade sobre Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem.

III, 2. Se a Igreja se afirma presente na defesa e na promoção da dignidade do homem, fá-lo na linha da sua missão, que apesar de ser de carácter religioso, e não social ou político, não pode deixar de considerar o homem na integridade do seu ser. O próprio Senhor delineou na parábola do Bom Samaritano o modelo da atenção a todas as necessidades humanas<sup>42</sup>; e, mais, declarou que no juízo final se identificará com os desvalidos — enfermos, encarcerados, famintos, solitários — a quem se tenha dado a mão<sup>43</sup>. A Igreja aprendeu nestas e noutras páginas do Evangelho<sup>44</sup> que a sua missão implica como parte indispensável a acção em prol da justiça e as tarefas de promoção do homem<sup>45</sup> e que entre evangelização e promoção humana existem laços muito fortes de carácter antropológico e teológico e da ordem da caridade<sup>46</sup>; de maneira que «a

<sup>42</sup> Cfr. Lc. 10, 29 ss.

<sup>43</sup> Cfr. Mt. 25, 31 ss.

<sup>44</sup> Cfr. Mc. 6, 35-44.

<sup>45</sup> Cfr. Documento Final do Sínodo dos Bispos de 1971. Outubro de 1971.

<sup>46</sup> Cfr. Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 31.

evangelização não seria completa se ela não tomasse em consideração a interpelação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens»<sup>47</sup>.

Tenhamos presente, por outro lado, que a acção da Igreja em campos como os da promoção humana, do desenvolvimento, da justiça e dos direitos da pessoa, intenta estar sempre ao serviço do homem; e do homem tal como ela o encara, na visão cristã da antropologia que adopta. Ela não precisa, pois, de recorrer a sistemas ideológicos para amar e defender o homem e colaborar na sua promoção: no centro da mensagem de que ela é depositária e arauta encontra a inspiração para actuar em prol da fraternidade, da justiça e da paz, contra todas as dominações, escravidões, discriminações, violências, atentados à liberdade religiosa e agressões contra o homem e, enfim, contra tudo aquilo que atenta contra a vida<sup>48</sup>.

III, 3. Não é, pois, por oportunismo nem por uma preocupação de novidade que a Igreja, «perita em humanidade»<sup>49</sup>, é defensora dos direitos humanos. É sim por um autêntico compromisso evangélico, o qual, como sucedeu com Cristo, é empenho em favor dos mais necessitados.

Fiel a este compromisso, a Igreja quer manter-se livre diante de sistemas opostos, a fim de optar só pelo homem. Quaisquer que sejam as misérias ou sofrimentos que aflijam o mesmo homem, Cristo está ao lado dos pobres; não através da violência, dos jogos de poder e dos sistemas políticos, mas sim mediante a verdade sobre o homem, caminho para um futuro melhor.

III, 4. Nasce daqui a preocupação da Igreja pela delicada questão da propriedade. Uma prova disso são os escritos dos Padres da Igreja, ao longo do primeiro milénio do Cristianismo<sup>50</sup>. Demonstra-o também claramente a doutrina vigorosa de Santo Tomás de Aquino, repetida tantas vezes. Nos nossos tempos, a Igreja tem vindo a fazer apelo para os mesmos princípios em documentos de grande alcance, como o são as Encíclicas sociais dos últimos Papas. Com um vigor e profundidade peculiares, falou deste tema Paulo VI na sua Encíclica «*Populorum Progressio*»<sup>51</sup>.

Esta voz da Igreja, eco da voz da consciência humana, que não deixou de ressoar através dos séculos no meio dos mais variados sistemas e condições sócio-culturais, merece ser escutada também na nossa época, quando a riqueza crescente de alguns poucos prossegue em paralelo com a crescente miséria das massas.

É então que reveste um carácter de urgência o ensinamento da Igreja, segundo o qual sobre toda a propriedade privada grava uma hipoteca social. Com respeito a este ensinamento, a Igreja tem uma missão a cumprir: deve pregar, educar as pessoas e as colectividades, formar a opinião pública e iluminar os responsáveis dos povos. Deste modo, ela estará a trabalhar em favor da sociedade, no seio da qual este princípio cristão e evangélico acabará por

<sup>47</sup> *Ibid.*, 29.

<sup>48</sup> Cfr. *Const. Gaudium et Spes*, 26, 27 e 29.

<sup>49</sup> PAULO VI, *Discurso pronunciado na O.N.U.*, a 5 de Outubro de 1965.

<sup>50</sup> Cfr. SANTO AMBRÓSIO, *De Nabuthae* c. 12, n. 53; PL 14, 747.

<sup>51</sup> *Enc. Populorum Progressio*, 23-24; e cfr. também *Enc. Mater et Magistra* de João XXIII, n. 106.

dar frutos, numa distribuição mais justa e equitativa dos bens, não apenas no interior de cada nação, mas também no mundo em geral, evitando que os Países mais fortes usem do seu poderio em detrimento dos mais débeis.

Aqueles sobre quem recai a responsabilidade da vida pública dos Estados e Nações deverão compreender que a paz interna e a paz internacional estarão asseguradas somente se estiver em vigor um sistema social e económico baseado na justiça.

Cristo não ficou indiferente perante este vasto e exigente imperativo da moral social. Também a Igreja não poderia ficar indiferente. No espírito da Igreja, que é o espírito de Cristo, voltemos ao trabalho neste campo.

Importa realçar aqui novamente que a solicitude da Igreja visa o homem na sua integridade.

Por este motivo, é condição indispensável, para que um sistema económico seja justo, que ele propicie o desenvolvimento e a difusão da instrução pública e da cultura. Quanto mais justa for a economia, tanto mais profunda será a consciência da cultura. Isto está muito na linha daquilo que afirmava o recente Concílio; ou seja, para se alcançar uma vida, digna do homem, não é possível limitar-se a «ter mais», mas há-de aspirar-se a «ser mais»<sup>32</sup>.

Bebei, pois, Irmãos, nestas fontes autênticas. Falai com a linguagem do Concílio, de João XXIII e de Paulo VI; é a linguagem da experiência, da dor, da esperança da humanidade contemporânea.

Quando Paulo VI declarava que «o desenvolvimento é o novo nome da paz»<sup>33</sup>, ele tinha presentes todos os laços de interdependência que existem não somente dentro das Nações mas também fora delas, a nível mundial. Ele tomava em consideração os mecanismos que, por se encontrarem impregnados, não de autêntico humanismo, mas sim de materialismo, geram, a nível internacional, ricos cada vez mais ricos ao lado de pobres cada vez mais pobres.

Não há uma regra económica capaz só por si mesma de mudar estes mecanismos. Tem que se apelar na vida internacional para os princípios da ética, para as exigências da justiça, e para o mandamento primordial que é o mandamento do amor. Tem de se dar a primazia ao moral, ao espiritual, àquilo que se deriva da verdade plena sobre o homem.

Quis apresentar-vos assim estas reflexões, que considero muito importantes, as quais no entanto não devem distrair-vos do tema central da Conferência: chegaremos ao homem, à justiça, mediante a evangelização.

III, 5. Depois de tudo o que vos disse até aqui, a Igreja vê com profunda mágoa «o aumento, por vezes maciço, de violações de direitos humanos em muitas partes do mundo... Quem poderá negar que hoje em dia há pessoas individuais e poderes civis que violam impunemente direitos fundamentais da pessoa humana, tais como o direito a nascer, o direito à vida, o direito à procriação responsável, ao trabalho, à paz, à liberdade e à justiça social, o direito a participar nas decisões que dizem respeito ao povo e às nações? E que dizer quando nos encontramos perante formas variadas de violência colectiva, como a discriminação racial de indivíduos e de grupos, a tortura física e psicológica de prisioneiros e de dissidentes políticos? E o elenco aumenta quando

<sup>32</sup> Cfr. Const. Gaudium et Spes, 35.

<sup>33</sup> Enc. Populorum Progressio, 76.

nos é dado ver os exemplos de sequestros de pessoas, os raptos motivados pela ganância do lucro material, que investem com tão grande dramaticidade contra a vida familiar e contra o tecido social»<sup>54</sup>. Assim, bradamos novamente: respeitai o homem! Ele é a imagem de Deus! Evangelizai para que isto seja uma realidade e para que o Senhor transforme os corações e humanize os sistemas políticos e económicos, partindo do empenho responsável do homem.

III, 6. Há-de dar-se alento aos compromissos pastorais neste campo com uma recta concepção cristã da libertação. A Igreja sente o dever de anunciar a libertação de milhões de seres humanos e o dever de ajudar a consolidar-se esta libertação<sup>55</sup>; mas ela sente também o dever correspondente de proclamar a libertação no seu sentido integral e profundo, como a anunciou e realizou Jesus Cristo<sup>56</sup>. «Libertação de tudo aquilo que oprime o homem, e que é libertação antes de mais nada do pecado e do Malígnio, na alegria de conhecer Deus e de ser por Ele conhecido»<sup>57</sup>. Libertação feita de reconciliação e de perdão. Libertação que parte da realidade de se ser filhos de Deus, a quem podemos chamar Abba!», Pai!<sup>58</sup> e em virtude da qual nós reconhecemos em todo o homem um nosso irmão, susceptível de ser transformado no seu coração pela misericórdia de Deus. Libertação que nos impele, com a energia da caridade, para a comunhão, cujo ápice e plenitude encontramos no Senhor. Libertação como superação das diversas servidões e ídolos que o homem se cria, e como crescimento do homem novo. Libertação que, dentro da missão própria da Igreja não se reduz à simples e restrita dimensão económica, política, social ou cultural, que não se sacrifique às exigências de uma estratégia qualquer, de uma «praxis» ou de um êxito a curto prazo.

Para salvaguardar a originalidade da libertação cristã e as energias que ela é capaz de desprender, é preciso a todo o custo, conforme pedia o Papa Paulo VI, evitar tendências a reduzi-la indevidamente e as ambiguidades: «A Igreja perderia o seu significado mais profundo. A sua mensagem de libertação não teria originalidade alguma e prestar-se-ia a ser monopolizada e manipulada pelos sistemas ideológicos e pelos partidos políticos»<sup>59</sup>. Há muitos sinais que ajudam a discernir quando é que se trata de uma libertação cristã, e quando, pelo contrário, uma libertação se nutre prevalentemente de ideologias que a subtraem à coerência com uma visão evangélica do homem, das coisas e dos acontecimentos<sup>60</sup>. São sinais que se reflectem já nos conteúdos que anunciam ou nas atitudes concretas que assumem os evangelizadores. É necessário notar, a nível de conteúdos, qual é a fidelidade à Palavra de Deus, à Tradição viva da Igreja e ao seu Magistério. E quanto às atitudes, deve-se ponderar qual é o seu sentido de comunhão com os Bispos, em primeiro lugar, e com os outros sectores do Povo de Deus; e ver ainda qual é a contribuição que se dá para a efectiva edificação da comunidade e quais as formas de consagrar com amor a sua solicitude para com os pobres, os enfermos, os menos favorecidos, os

<sup>54</sup> Mensagem por mim dirigida em data recente à O.N.U.

<sup>55</sup> Cfr. Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 30.

<sup>56</sup> Cfr. Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 31.

<sup>57</sup> Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 9.

<sup>58</sup> Rom. 8, 15.

<sup>59</sup> Cfr. Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 35.

<sup>60</sup> Cfr. Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 35.



desamparados e os oprimidos e como descobrindo neles a imagem de Jesus, «pobre e sofredor procuram aliviar as suas necessidades e intentam servir neles ao próprio Cristo»<sup>61</sup>. Não nos enganemos: os fiéis humildes e simples, como que por um instinto evangélico, captam espontaneamente quando é que se serve na Igreja o Evangelho e quando é que se esvazia e asfixia o mesmo Evangelho com outros interesses.

Como vedes, conserva todo o seu valor o conjunto de observações que fazia a «*Evangelii Nuntiandi*» sobre o tema da libertação.

III, 7. Tudo o que temos estado a recordar anteriormente constitui um rico e complexo património, que a Exortação Apostólica «*Evangelii Nuntiandi*» denomina Doutrina Social ou Ensino Social da Igreja<sup>62</sup>. Esta brota da luz da Palavra de Deus e do Magistério autêntico e da presença dos cristãos no seio das situações do mundo que variam e em contacto com os desafios que de tais situações provém. Esta Doutrina Social, portanto, comporta princípios de reflexão, mas também normas para julgar e directrizes para a acção<sup>63</sup>.

Confiar responsabilmente nesta Doutrina Social, ainda que haja alguns que procuram semear dúvidas e desconfianças sobre ela, estudá-la com seriedade, tentar pô-la em prática, ensiná-la e ser-lhe fiel é, num filho da Igreja, garantia de autenticidade do seu empenho nas delicadas e exigentes tarefas sociais e dos seus esforços em favor da libertação e da promoção dos seus irmãos.

Permiti, pois, que eu recomende à vossa especial atenção pastoral a urgência de sensibilizar os vossos fiéis quanto a esta Doutrina Social da Igreja.

Tem que ser consagrado um particular cuidado à formação de uma consciência social a todos os níveis e em todos os sectores. Quando se incrementam as injustiças e cresce dolorosamente a distância entre pobres e ricos, a Doutrina Social, em forma criadora, e aberta para os vastos campos da presença da Igreja, tem de ser um precioso instrumento de formação e de acção. Isto tem valor especialmente para os leigos: «competem aos leigos propriamente, se bem que não exclusivamente, as tarefas e o dinamismo seculares»<sup>64</sup>. É preciso evitar suplantações e estudar seriamente quando é que certas formas de sup. ncia mantêm a sua razão de ser. Não são porventura os leigos os chamados, em virtude da sua vocação na Igreja, a dar a sua contribuição nos campos pol. ic), económico e social e a estar eficazmente presentes na tutela e promoção dos direitos humanos?

#### IV. Algumas tarefas prioritárias

Vós ides considerar muitos temas pastorais de grande significado. O tempo não permite fazer-lhes alusão. A alguns deles já tive ou vou ter azo de me referir nos encontros com os Sacerdotes, com os Religiosos, com os Seminaristas e com os Leigos. No entanto os temas que aqui passo a assinalar-vos,

<sup>61</sup> Cfr. Const. *Lumen Gentium*, 8.

<sup>62</sup> Cfr. Exort. Apost. *Evangelii Nuntiandi*, 48.

<sup>63</sup> Cfr. Const. Apost. *Octogesima adveniens*, 4.

<sup>64</sup> Const. *Gaudium et Spes*, 43.

por diferentes motivos, têm todos eles uma grande importância. Não deixareis certamente de os considerar, entre tantos outros que a vossa clarividência pastoral vos indicará.

a) **A FAMÍLIA.** Empregai todos os esforços para que haja uma pastoral familiar. Atendei a um campo tão prioritário, com a certeza de que no futuro a evangelização depende em grande parte da «Igreja doméstica». Ela é a escola do amor, do conhecimento de Deus, do respeito pela vida e pela dignidade do homem. Esta pastoral é tanto mais importante, quanto a família está a ser objecto de graves ameaças. Pensai nas campanhas a favor do divórcio, de práticas anticoncepcionais, do aborto, que destroem a sociedade.

b) **AS VOCAÇÕES SACERDOTAIS E RELIGIOSAS.** Na maioria dos vossos países, não obstante um esperançoso despertar de vocações, é um problema grave e crónico a falta das mesmas. A desproporção entre o número crescente de habitantes e de agentes da evangelização é imensa. Isto é algo que interessa sobremaneira à comunidade cristã. Toda a comunidade há-de procurar-se as suas vocações, como sinal inclusivamente da sua vitalidade e maturidade. Há que revitalizar uma intensa acção pastoral que, partindo da vocação cristã em geral e de uma pastoral da juventude entusiasta, dê à Igreja os servidores de que ela necessita. As vocações leigas, tão indispensáveis, não podem constituir uma compensação. Mais ainda, uma das provas do empenho do leigo é a fecundidade nas vocações para a vida consagrada.

c) **A JUVENTUDE.** Quanta esperança põe na juventude a Igreja! Quantas energias circulam na juventude na América Latina, de que a Igreja precisa! Como temos nós, os Pastores, de procurar aproximar-nos da juventude, para que Cristo e a Igreja e para que o amor dos irmãos cale profundamente no seu coração.

## Conclusão

Ao terminar esta mensagem não posso deixar de invocar uma vez mais a protecção da Mãe de Deus sobre as vossas pessoas e o vosso trabalho nestes dias. O facto deste nosso encontro se realizar com a presença espiritual de Nossa Senhora de Guadalupe, venerada no México e em todas as outras nações como Mãe da Igreja na América Latina, é para mim um motivo de alegria e uma fonte de esperança. «Estrela da evangelização», que ela seja a vossa guia nas reflexões que fareis e nas decisões que vierdes a tomar. Que Ela alcance do seu divino Filho para vós:

- audácia de profetas e prudência evangélica de Pastores,
- clarividência de mestres e segurança de guias e orientadores,
- força de ânimo como testemunhas, e serenidade, paciência e mansidão de pais.

O Senhor abençoe os vossos trabalhos. Estais acompanhados de selectos representantes: Presbíteros, Diáconos, Religiosos, Religiosas, Leigos, Peritos e Observadores, cuja colaboração vos irá ser muito útil. Depois, toda a Igreja tem os olhos postos em vós, com confiança e com esperança. E vós quereis certamente corresponder a tais expectativas com plena fidelidade a Cristo, à Igreja e ao homem. O futuro está nas mãos de Deus; de certa maneira, porém,

esse futuro de um novo impulso evangelizador, Deus o põe nas vossas mãos também. Ide, pois, e ensinai todas as gentes<sup>65</sup>.

*Terminada a alocução do Sumo Pontífice às 18,40, concluiu-se a primeira sessão da Assembleia episcopal com o canto da Salve Rainha e com a reza em comum da oração a Nossa Senhora de Guadalupe.*

*Antes de regressar à Cidade do México, já de noite, o Santo Padre encontrou-se com os observadores não católicos da Conferência e saudou os Bispos que participam na Assembleia de Puebla.*



*O quarto dia de Sua Santidade no México, 29 de Janeiro, começou com a já habitual alvorada («mañanitas») executada por pitorescos coros, diante da Delegação Apostólica; desta vez nem faltavam os trajes nacionais característicos. João Paulo II desceu para saudar e agradecer. Nessa altura recebeu também um grupo de fiéis vindos expressamente de Cuba para se encontrarem com o Papa.*

*Depois, o Santo Padre subiu para o helicóptero presidencial que o levaria ao Hospital Infantil da cidade. Durante o trajecto sobrevoou a baixa quota e abençoou a colónia Santa Fé, na periferia sudoeste da grande urbe, colónia onde vivem cerca de 50.000 pessoas em situação de grande pobreza. Na mesma zona encontra-se a aldeia «Paz e Alegria», construída pelo anterior Presidente, Luis Echeverría, e confiada às Irmãs Missionárias da Caridade, da Madre Teresa de Calcutá. Neste edifício vivem anciãos e crianças que não encontraram lugar noutras instituições assistenciais.*

*O Hospital tem uma secção especializada, com 314 crianças entre os seis e os doze anos, gravemente doentes. A recebê-lo estavam o Director do Hospital e a Esposa do Ministro da Saúde. O encontro foi dos mais comovedores. Apresentando-se como se fosse de casa, como se conhecesse a cada um já desde há anos, o «Padrecito blanco», como lhe chamam, fez um breve discurso dirigido aos doentes e aos médicos.*

## 9) O Papa reza por vós

*Que desejam as crianças do Papa? A bênção e uma oração pela cura, para que a saúde venha depressa. Sua Santidade disse rezar muitas vezes pelas crianças e convidou-as a rezarem também consigo uma Ave-Maria a Nossa Senhora de Guadalupe. «A doença não vos permita brincar com os vossos amigos; por isso quis vir ver-nos outro amigo, o Papa, que tantas vezes pensa em vós e reza por vós (...) Convido-vos agora a rezarmos uma Ave-Maria a Nossa Senhora de Guadalupe por vós, que tão cedo encontrais a dor e a enfermidade na vossa vida».*

<sup>65</sup> Mt. 28, 19.

### 3.3. Em Oaxaca

De novo de helicóptero, seguiu para o aeroporto, onde o Papa entrou num Boeing das Linhas Aéreas Mexicanas a caminho de Oaxaca, cidade a 500 quilómetros da Capital. Para os índios é a cidade-símbolo, a cidade-bananeira; quase às portas dela, a zona das pirâmides, testemunho de antigas culturas e técnicas. João Paulo II tinha incluído esta visita «inaída» na sua peregrinação. A Igreja encontra-se lá presente com a sua hierarquia, o seu clero, as suas instituições e as suas obras.

Como a Cidade-Capital e como Puebla, também Oaxaca vestira galas e entusiasmo para receber o Papa. A simpatia pelo Sucessor de São Pedro crescerá enormemente nos dias passados. Tinham impressionado sobretudo a sua doutrina, a repetida profissão de fé nas verdades fundamentais, a missão da Igreja em que tanto insistira, o seu Evangelho de justiça e paz, de solidariedade e liberdade.

No aeroporto de Oaxaca estavam à espera do Papa as principais autoridades, entre elas o Arcebispo, e numerosíssimos índios, a maior parte com os trajes característicos. O Prelado dirigiu vibrante saudação ao Sumo Pontífice, cabeça de toda a Igreja. João Paulo II respondeu com outro breve discurso.

#### 10) A afabilidade da recepção, sinal de afecto ao Papa

Depois de ter agradecido a recepção cordial e as palavras do Arcebispo, o Papa disse que elas eram sinal «de que sempre vos sentistes muito perto, no afecto, do Vigário de Cristo, pastor da Igreja universal, e portanto também vosso». Então manifestou-lhes o seu profundo respeito e apreço pela terra de Oaxaca, «rica de história, tradições e religiosidade».

Logo a seguir, o Papa partia para Cuilapán, de helicóptero. Vila histórica que se levanta numa clareira entre a vegetação densa. Uma cruz de cimento indicava o lugar de aterragem. Quando desce, fica o Papa rodeado de índios. Tinham-se juntado 500.000. Brilham ao sol cartazes significativos: breves palavras de boas vindas e de afecto para o «amigo dos índios». Sua Santidade ouviu um hino composto por um rapaz, que uma banda musical executa; é constituída por índios e brancos.

Vem depois a saudação oficial. Pronuncia-a um índio zapoteco, chamado Esteban Fernández. A sua linguagem espelha a dor; é descrição de almas e é apelo. «Nós estamos relegados para a parte mais seca de toda a serra; na terra dos nossos avós sentimo-nos às vezes como estrangeiros. Passamos por tribulações, sofremos o desemprego, escasseia a alimentação. Tu chamaste-nos esperança da Igreja, vê como vive agora essa esperança. As populações indígenas, por meio de mim, pedem-te que as protejas com a palavra de Deus».

Já tem feito bastante a Igreja, aplicando a doutrina das encíclicas «Mater et Magistra» e «Populorum Progressio». Mas João Paulo II ouvia, imerso em profunda contemplação, o representante dos índios. Essas palavras gravaram-se-lhe no coração. Os índios não duvidaram do facto, verificaram-no por si mesmos. Mas, para que o Papa as ouvisse de novo, foi-lhe entregue a bobina com as palavras gravadas. Dádiva não costumada, mas muito apreciada.

*A saudação do Papa é a do pastor, do advogado dos direitos humanos. Quando afirma «estar solidário com a causa deles», os índios aplaudem com entusiasmo. O Papa é alvo do reconhecimento e de simpatia. Prolonga a sua demora, assiste à 'dança das plumas' (pedindo até 'bis'), agradece, abençoa. No fim da dança, vem um rapazinho pôr na cabeça do Papa o chapéu emplumado dum dos bailarinos.*

### 11) O Papa quer ser a vossa voz

*O Papa, ao saudar a multidão de índios que tinham comparecido para um grande encontro com ele, recorda-lhes que também eles foram chamados a ser santos, com todos aqueles que invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo (1 Cor 1, 2). Uma vez que Cristo confiou à Igreja a continuação da sua missão salvadora, não admira que, «no já longínquo século XVI, tenham chegado aqui, por fidelidade à Igreja, missionários intrépidos, desejosos de assimilar o vosso estilo de vida e costumes, para revelarem melhor e darem expressão viva à imagem de Cristo... (...) Eles sabiam muito bem quanto é importante a cultura, como veículo para transmitir a fé, a fim de os homens progredirem no conhecimento de Deus. Nisto não pode haver distinção de raças nem de culturas (...). Aqui está estímulo e desafio para a Igreja, uma vez que ela, sendo fiel à mensagem genuína e total do Senhor, há-de abrir-se e há-de interpretar toda a realidade humana para impregná-la da força do Evangelho (cfr. Evangelii nuntiandi, 20, 40)».*

*Depois, João Paulo II diz-lhes que a sua presença entre eles quer «constituir sinal vivo e autêntico desta preocupação universal da Igreja. O Papa e a Igreja estão convosco e amam-vos...».*

*Então o Papa anuncia outro tema da sua conversa: a situação do mundo agrícola, «parte ainda dominante do continente latino-americano e sector muito grande, ainda hoje em dia, no nosso planeta». Com Paulo VI, na sua memorável visita à Colômbia e, mais concretamente, no seu encontro com os «campe-sinos», João Paulo II quer repetir — «se fosse possível com tom ainda mais forte na minha voz — que o Papa actual quer ser solidário com a vossa causa, que é a causa do povo humilde, a da gente pobre. O Papa está com essas massas de população. 'quase sempre abandonadas num baixo nível de vida às vezes tratadas e exploradas duramente' (...), o Papa quer ser a vossa voz — a voz de quem não pode falar ou de quem é reduzido ao silêncio — para ser ele consciência das consciências, convite à acção para se recuperar o tempo perdido, que frequentemente constituiu tempo de sofrimentos prolongados e de esperanças não satisfeitas.*

*«O mundo deprimido do campo — o trabalhador que repa com o seu suor também o seu desconsolo — não pode esperar mais tempo até que se reconheça, plena e eficazmente, a sua dignidade não inferior à de qualquer outro sector social. Tem direito a ser respeitado, a não ser privado — com manobras que às vezes equivalem a verdadeiros despojamientos — do pouco que tem: a que não se lhe tolha a sua aspiração a ser agente do seu próprio elevamento. Tem direito a ver levantadas as barreiras da exploração, constituídas frequentemente por egoísmos intoleráveis, contra os quais se nulverizam os seus melhores esforços de promoção. Tem direito ao auxílio eficaz — que não é esmola nem*

migalhas de justiça— para que tenha acesso ao desenvolvimento que a sua dignidade de homem e de filho de Deus merece».

A seguir o Sumo Pontífice indica os meios para conseguir esta modificação no mundo do campo: «Em favor deles é necessário actuar depressa e em profundidade. É necessário pôr em execução transformações audazes, profundamente inovadoras. É necessário, sem esperar mais, empreender reformas urgentes (cfr. *Populorum Progressio*, 32)».

As medidas que se tomem devem ser adequadas. «A Igreja defende, sim, o legítimo direito à propriedade particular, mas ensina com não menor clareza que sobre toda a propriedade particular pesa sempre uma hipoteca social, para que os bens sirvam ao destino geral que Deus lhes deu. E, se o bem comum o exige, não há que duvidar mesmo diante da expropriação, feita na devida forma (cfr. *Ibid.*, 24)».

Então o Sumo Pontífice realça a importância do mundo agrícola: «O mundo agrícola tem grande importância e grande dignidade. É ele que oferece à sociedade os produtos necessários para a sua alimentação. A sua tarefa merece o apreço e a estima agradecida de todos, no que está o reconhecimento da dignidade das pessoas que dele se ocupam.

«Dignidade que pode e deve aumentar com a contemplação de Deus, a qual favorece o contacto com a natureza, reflexo da acção divina, que se ocupa da erva do campo, a faz crescer e alimenta, e fecunda a terra, enviando-lhe a chuva e o vento, para que alimente também os animais que ajudam o homem, como lemos no princípio do Génesis».

Depois destas considerações sobre a importância e a dignidade do mundo agrícola, João Paulo II refere-se às dificuldades do trabalho do campo: o esforço que exige, o desprezo com que por vezes é olhado ou pelas travas que encontra. Só uma acção de grande alcance pode impedir a fuga do campo para as cidades, «criando frequentemente problemas de proletarização extensa e angustiada, amontoamento de seres humanos em habitações indignas, etc.».

Não deixa, porém o Papa de chamar a atenção para os defeitos dos trabalhadores do campo: «Mas bastante espalhada é a tendência ao individualismo entre os trabalhadores do campo, quando uma acção mais coordenada e solidária poderia servir de não pequena ajuda. Pensai nisto, queridos filhos».

Contudo, «o mundo do campo possui riquezas humanas e religiosas invejáveis: arraigado amor à família, sentido da amizade, ajuda aos mais necessitados, profundo humanismo, amor à paz e convivência cívica, vivência do factor religioso, confiança em Deus e abertura de alma diante d'Ele, prática do amor à Virgem Maria e tantos outros. É merecido tributo de reconhecimento que o Papa quer apresentar-vos e a que sois credores por parte da sociedade».

Depois de agradecer aos «campesinos» a ajuda que prestam ao bem social, o Sumo Pontífice faz um apelo aos responsáveis pelos povos: «a consciência humana, a consciência dos povos, o brado do desvalido e sobretudo a voz de Deus, a voz da Igreja, repetem-vos comigo: Não é justo, não é humano, não é cristão continuarem certas situações claramente injustas. Urge pôr em prática medidas reais, eficazes, a nível nacional e internacional, na extensa linha marcada pela encíclica 'Mater et Magistra' (parte terceira), E é claro: quem mais deve colaborar nisso é quem mais pode».

O Papa termina com um apelo aos «campesinos» para que se tornem cada

vez mais dignos, no campo moral e religioso, para que não dêem entrada a sentimentos de ódio ou de violência, «mas olhai para o dono e Senhor de todos, que dá a cada um a recompensa que os seus actos merecem».

O encontro em Cuilapán durou cerca de hora e meia. Com atraso regressa o helicóptero a Oaxaca. Partindo do aeroporto desta cidade, percorre o Sumo Pontífice 13 quilómetros de automóvel, de novo entre alas de entusiasmo. De-tém-se para visitar as igrejas célebres dedicadas a Nossa Senhora da Soledade e a São Domingos. Nesta última estão concentrados os doentes que o esperam: 400, atingidos de enfermidades graves. Grande contraste entre a riqueza do estilo barroco das talhas antigas e a pobreza aliada ao sofrimento das gerações actuais, pobreza e sofrimento manifestos naquelas figuras humanas crucificadas. Levantam-se mãos com terços, com imagenzinhas, com retratos de pessoas queridas. Não havia lamentações. Mas, sobre o fundo musical do órgão, alguns soluços incontidos. Um menino pobríssimo, gravíssimo na doença, quis por força dar a uma personalidade do séquito duas moedas, 20 pesos, menos de um dólar, dizendo: «Dai ao Papa, para os pobres». Outros «nadas» foram ainda oferecidos «para os pobres de João Paulo II». Davam «tudo», como a viúva do Evangelho.

O Papa andando lentamente abençoa, anima, comove-se, reza com eles e por eles. O mandamento de tomar cuidado dos enfermos não está esquecido no século XX. O Santo Padre fala a todos em comum e também a cada um separadamente.

A manhã termina no Seminário. As vocações eclesiásticas e religiosas garantem a continuidade da Igreja e o anúncio do Evangelho: temas que estão no centro das solitudes de João Paulo II.

Em Oaxaca, a catedral é o lugar privilegiado da presença pontifícia. O Papa preside à celebração da Eucaristia, no adro do grande templo, sendo concelebrantes os Bispos e os sacerdotes da região. A parte musical esteve a cargo duma banda de índios Mitjes. O Papa confere os ministérios do leitorado e do acolitado a um grupo de indígenas. Com este gesto (acompanhado de um discurso), renova a confiança que deposita a Hierarquia naqueles que ficam doravante mais disponíveis para a proclamação da palavra que salva e para a distribuição do Corpo do Senhor.

## 12) Sede verdadeiras testemunhas de Cristo

O Papa começou a sua homilia com uma referência à colocação dos ministérios a alguns indígenas, descendentes das antigas estirpes desta terra da América. Recordando palavras duma personalidade do México a Paulo VI: «Desde o começo da história das nações americanas, foi sobretudo a Igreja quem protegeu os mais humildes, a sua dignidade e valor, como pessoas humanas», João Paulo II acrescentou: «A verdade de tal afirmação é hoje de novo confirmada, uma vez que o Bispo de Roma e Pastor da Igreja Universal chamará alguns de entre eles a colaborar com os seus Pastores no serviço da comunidade eclesial, para maior crescimento e vitalidade desta».

Então o Sumo Pontífice faz uma explicação sumária da natureza destes ministérios e aponta estes leigos como arquétipos ou modelos da participação de todos os fiéis na missão salvífica da Igreja: «É sabido que estes ministérios

não transformam leigos em clérigos: os que os recebem continuam sendo leigos, isto é, não deixam o estado em que viviam quando foram chamados (cfr. I Cor 7, 20). Também quando cooperam, como suplentes ou ajudantes, com os Ministros sagrados, estes leigos são sobretudo colaboradores de Deus (cfr. I Cor 3, 9), que recorre também a eles para dar cumprimento à sua vontade de salvar todos os homens (cfr. 1 Tim 2, 4).

«Mais ainda, precisamente porque estes leigos se comprometem, de maneira deliberada, com esse desígnio salvífico, a ponto de tal compromisso ficar sendo para eles a razão última da sua presença no mundo (cfr. SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, In Act. Ap. 20, 4), devem ser considerados como arquétipos ou modelos da participação de todos os fiéis na missão salvífica da Igreja».

Depois de ter recordado que todos os fiéis, em virtude do Batismo e da Confirmação estão chamados à evangelização, «que é dever fundamental de todos os membros do Povo de Deus (cfr. AG. 35)», João Paulo II faz um apelo a todos e a cada um, «para que assimilem e pratiquem os ensinamentos e as orientações do Concílio Vaticano II» sobre os leigos. Então o Papa indicou o que é próprio da cooperação dos leigos no apostolado único, nas suas expressões tanto individuais como associadas, e na sua característica determinante. Para isso inspira-se na invocação a Cristo das Laudes daquela dia: «Vós que estais sempre actuando no mundo em união com o Pai, renovai todas as coisas com a virtude do Espírito Santo». Eis as suas palavras:

«Com efeito, os leigos, que por vocação divina comunicam com toda a realidade do mundo, injectando nela a sua fé, tornada realidade na sua vida pública e particular (cfr. Tg. 2, 17) são os protagonistas mais imediatos da renovação dos homens e das coisas. Com a sua presença activa de crentes, trabalham na progressiva consagração do mundo a Deus (cfr. LG. 34). Esta presença comunica-se com toda a economia da religião cristã que é doutrina mas é sobretudo acontecimento: o acontecimento da Encarnação. Jesus Homem-Deus que recanitulou em si o universo (cfr. Ef 1, 10); corresponde ao exemplo de Cristo, que fez também do contacto físico um veículo de comunicação do seu poder restaurador (cfr. Mc 1, 41 e 7, 33; Mt 9, 29ss. e 20, 34; Lc 7, 14 e 8, 54); é inerente à índole sacramental da Igreja, que, feita sinal e instrumento da união dos homens com Deus e da unidade de todo o género humano (cfr. LG. 1), foi chamada por Deus a estar em comunhão permanente com o mundo para ser nele o fermento a transformá-la do interior (cfr. Mt 13, 33)».

Finalmente, o Papa relaciona este apostolado dos leigos com a história humana: «O apostolado dos leigos, assim entendido e posto em prática, confere sentido pleno a todas as manifestações da história humana, respeitando-lhe a autonomia e favorecendo-lhe o progresso que exige a natureza própria de cada uma delas. Ao mesmo tempo, dá-nos a chave para interpretarmos em plenitude o sentido da história, uma vez que todas as realidades temporais, como os acontecimentos que as manifestam, adquirem o seu significado mais profundo na dimensão espiritual que estabelece a relação entre o presente e o futuro (cfr. Heb 13,14). O desconhecimento ou a mutilação desta dimensão converter-se-ia, de facto, num atentado contra a essência mesma do homem».

A volta da catedral de Oaxaca estava reunida grande parte da diocese. Tem esta dois milhões de habitantes, 52.000 quilómetros quadrados, comunicações difíceis. Mais de metade dos habitantes são índios, dumas 30 raças e outret



tantos idiomas. De cada 10 habitantes, 8 são «campesinos», que dificilmente tiram da terra o necessário para a sustentação das famílias, em geral numerosas. 300.000 só falam línguas próprias, não o espanhol. 140 são os sacerdotes missionários e 17 os religiosos. As igrejas (550) são muito mais numerosas que os pastores de almas.

A volta à Cidade do México, do Santo Padre e comitiva, realizou-se no mesmo avião da manhã. Na Delegação Apostólica, pelas 19 h. 30 m., recebeu Sua Santidade os representantes das Organizações Católicas Nacionais a quem dirigiu um discurso.

### 13) Unidos com a Igreja por uma intensa vida espiritual

Depois de saudar os presentes, João Paulo II disse-lhes que desejava que as suas palavras fossem testemunho eloquente de solidariedade, apreço e estímulo, e de orientação dos seus melhores esforços como leigos — e como laicado católico organizado —. Fala-lhes a seguir da promoção do laicado levada a efeito pelo Vaticano II, «aprofundando-a nos seus fundamentos teológicos, integrando-a iluminando-a devidamente com a eclesiologia da 'Lumen Gentium', convocando e impulsionando a participação activa dos leigos na vida e missão da Igreja». Cita então parte dos números 31 da Lumen Gentium e 5 do decreto Apostolicam actuositatem e continua: «No quadro global dos ensinamentos conciliares e particularmente à luz da 'Constituição sobre a Igreja', abriram-se vastas exigências e renovadas perspectivas de acção dos leigos em variadíssimos campos da vida eclesial e secular. Sem prejuízo do apostolado individual, reconhecido como seu pressuposto indispensável, o decreto «Apostolicam Actuositatem» indicou também o apreço da Igreja pelas formas associativas do apostolado leigo, congénitas ao ser comunitário da Igreja e às exigências de evangelização do mundo moderno».

As organizações católicas de apostolado devem renovar uma dupla dimensão do seu compromisso laical e eclesial. A isto os convida o Papa: «Por um lado, a que testemunheis denodadamente a Cristo, confesseis com alegria e docilidade a vossa plena fidelidade ao Magistério eclesial, a que assegureis a vossa filial obediência e colaboração aos vossos Pastores, busqueis a mais adequada inserção orgânica e dinâmica do vosso apostolado na missão da Igreja e, em particular, da pastoral das vossas Igrejas locais. Muitos e muito provados exemplos disso, deu e dá o laicado mexicano. E é com alegria e agradecimento que desejo recordar especialmente a comemoração, neste ano de 1979, do cinquentenário da Acção Católica Mexicana, coluna vertebral do laicado organizado no País.

«A III Conferência Geral do Episcopado latino-americano é momento forte de graça, que exige conversão pessoal e comunitária, para que se renovem a vossa comunhão eclesial, a vossa confiança nos Pastores, e o vosso vigor e impulso apostólico.

«Por outro lado, nessa perspectiva eclesial, quero convidar-vos a que reativeis a vossa sensibilidade humana e cristã quanto à outra vertente do vosso compromisso: a participação nas carências, aspirações e desafios cruciais com

que a realidade dos vossos próximos solicita a acção evangelizadora de leigos cristãos».

Então o Papa assinala alguns espaços fundamentais e urgentes no acelerado e desigual processo de industrialização, urbanização e transformação cultural na vida dos seus povos, como campos que exigem a presença do laicado no mundo. A família, célula básica do tecido social, considerada pelo Vaticano II como «Igreja doméstica», «exige um esforço evangelizador, que active os seus factores de crescimento humano e cristão e vença os obstáculos que atentam contra a sua integridade e suas finalidades.

«Os 'mundos' que se levantam na sua complexidade — os intelectuais e universitários, o proletariado, os técnicos e dirigentes de empresas, os vastos sectores 'campesinos' e populações submetidas ao impacto acelerado de mudanças económico-sociais e culturais — reclamam atenção apostólica especial, às vezes quase missionária, por parte do laicado católico na projecção pastoral do conjunto da Igreja.

«Como não assinalar também a presença dessa multidão interpelante da juventude, nas suas inquietas esperanças, rebeldias e frustrações, nos seus ilimitados anelos às vezes utópicos, nas suas sensibilidades e buscas religiosas, assim como nas suas tentações vindas de ídolos consumísticos ou ideológicos! Os jovens esperam testemunhos claros, coerentes e alegres, da fé eclesial, que os ajude a reestruturar e canalizar as suas disponíveis e generosas energias em sólidas opções de vida pessoal e colectiva.

«A caridade, seiva dominante de vida eclesial, manifesta-se por meio dos leigos cristãos, também na solidariedade fraterna diante de situações de indigência, opressão, desamparo ou solidão dos mais pobres, predilectos do Senhor que é libertador e redentor.

«E como esquecer o mundo todo do ensino, no qual se forjam os homens de amanhã; até o terreno da política, a fim de que esta se ajuste a critérios de bem comum; o campo dos organismos internacionais, para que sejam encontros de justiça, esperança e entendimento entre os povos; o mundo da medicina e do serviço sanitário, onde são possíveis tantas intervenções que muito de perto dizem respeito à ordem moral; o campo da cultura e da arte, terrenos férteis na sua contribuição para que se dignifique o homem no humano e no espiritual?»

O Papa diz-lhes então que a tarefa é imensa e é preciso deixar de parte as crises de identidade, as contestações estereis e as 'ideologizações' que sejam estranhas ao Evangelho.

A seguir fala-lhes do aparecimento das comunidades de base em coincidência com a crise do espírito associativo católico: «As comunidades de base podem ser um instrumento válido de formação e vivência da vida religiosa dentro dum novo ambiente de impulso cristão e podem servir, entre outras coisas, para uma penetração capilar do Evangelho na sociedade». E aponta uma condição para que se consiga tal objectivo: «é necessário que se mantenham bem presentes os critérios tão claros enunciados na 'Evangelii Nuntiandi' (n.º 58), a fim de que se alimentem da Palavra de Deus na oração, e permaneçam unidas; não separadas e menos ainda contrapostas, à Igreja, aos Pastores e aos grupos ou associações eclesiais».

Finalmente, João Paulo II faz-lhes um apelo de fidelidade à sua vocação e de progresso espiritual: «Sejam as vossas associações como até hoje — e me-

*lhor ainda — forjas de cristãos com vocação à santidade, sólidos na fé, seguros na doutrina proposta pelo magistério autêntico, firmes e activos na Igreja, cimentados numa densa vida espiritual, alimentada com a aproximação frequente dos sacramentos da Penitência e da Eucaristia, perseverantes no testemunho e na acção evangélica, coerentes e decididos nos seus compromissos temporais, constantes promotores de paz e justiça contra toda a violência ou opressão, agudos no discernimento crítico das situações e ideologias à luz dos ensinamentos sociais da Igreja, confiados e esperando no Senhor».*



### 3.4. Em Guadalajara

*Dia 30 de Janeiro. A cidade de Guadalajara, segunda metrópole do México por número de habitantes e importância, «parou» praticamente. «México católico», «México fiel», «Incondicionadamente com o Papa», lia-se nos manifestos e em galhardetes com dizeres, adornos e expressões que fizeram mudar de aspecto as ruas. Lia-se também «A juventude com o Papa»; e foram na verdade os jovens precisamente, quem teve a parte mais importante na preparação do acolhimento triunfal. Não só apareceu o Papa «naturalizado» como «Papa mexicano», mas também cognominado o «Papa das crianças».*

*Mas antes de partir da Cidade do México para Guadalajara no avião presidencial, já visitara João Paulo II neste dia o «Instituto Miguel Angel», onde se tinham concentrado uns 70.000 alunos das escolas católicas da cidade: mais não tinham vindo, por absoluta falta de local. O Santo Padre fez-lhes um discurso. E afirmou que metade dos habitantes do País ainda não completou 20 anos.*

#### 14) Compromisso pela alfabetização e cultura

*Depois de saudar os estudantes presentes e os de todo o país bem como os seus professores, o Sumo Pontífice referiu-se às dificuldades das escolas católicas no México e fez votos para que a escola católica «leve a cabo a formação integral dos futuros cidadãos sobre uma base autenticamente humana e cristã».*

*A seguir, com palavras do documento de Medellín, referiu-se à missão da Igreja no campo da educação cristã: «No cumprimento da sua missão específica, a Igreja deve promover e dispensar a educação cristã a que todos os baptizados têm direito, a fim de alcançarem a maturidade na sua fé. Como servidora de todos os homens, a Igreja procura colaborar mediante os seus membros, especialmente leigos, nas tarefas de promoção cultural humana, em todas as formas que interessam à sociedade».*

*Depois de fazer alusão à antiguidade da tradição cristã na Cidade do México, João Paulo II referiu-se aos jovens: «A Igreja contempla a juventude com optimismo e profunda esperança. Vós, os jovens, representais a maior parte da população mexicana, 50 por cento da qual não chega aos vinte anos. Nos mo-*

mentos mais difíceis do cristianismo na história mexicana, os jovens deram um testemunho heróico e generoso.

«A Igreja vê na juventude uma enorme força renovadora, que o nosso predecessor, o Papa João XXIII, considerava como um símbolo da mesma Igreja, chamada a uma constante renovação de si mesma, ou seja, a um incessante rejuvenescimento».

Então dirigiu-lhe palavras de exortação: «Preparai-vos para a vida com seriedade e diligência. Neste momento da juventude, tão importante para a plena maturação da vossa personalidade, sabeis dar sempre o lugar adequado ao elemento religioso da vossa formação, àquele que leva o homem a alcançar a sua dignidade plena, que é a de ser filho de Deus. Recordai sempre que só se vos apoiais, como diz São Paulo, sobre o único fundamento que é Jesus Cristo (cfr. 1 Cor 3, 11), podereis construir algo de verdadeiramente grande e duradouro».

Deixa-lhes uma consideração concreta como recordação deste encontro: «Com a vivacidade que é própria dos vossos anos, com o entusiasmo generoso do vosso coração, caminhai ao encontro de Cristo: só Ele é a solução de todos os vossos problemas; só Ele é o caminho, a verdade e a vida; só Ele é a verdadeira salvação do mundo; só Ele é a esperança da humanidade.

«Procurai a Jesus, esforçando-vos por conseguir uma fé pessoal profunda que informe e oriente toda a vossa vida; mas, sobretudo, que o vosso compromisso e o vosso programa sejam amar a Jesus, com um amor sincero, autêntico e pessoal. Ele deve ser vosso amigo e vosso apoio no caminho da vida. Só Ele tem palavras de vida eterna (cfr. Jo 6, 36).

«A vossa sede de absoluto não pode ser saciada pelos resultados de ideologias que levam ao ódio, à violência e ao desespero. Só Cristo, procurado e amado com amor sincero, é fonte de alegria, de serenidade e de paz.

«Mas, depois de se haver encontrado a Cristo, depois de se ter descoberto quem Ele é, não se pode deixar de sentir a necessidade de O anunciar. Sabei ser testemunhas autênticas de Cristo; sabeis viver e proclamar, com actos e com palavras, a vossa fé.

«Vós, queridíssimos jovens, deveis ter a ânsia e o desejo de serdes portadores de Cristo a esta sociedade actual, mais do que nunca necessitada d'Ele, mais do que nunca à procura d'Ele, apesar de as aparências poderem talvez fazer crer o contrário.

«(...). A cada um de vós compete a tarefa entusiasmamente de ser um anunciador de Cristo entre os vossos companheiros de escola e de divertimento. Cada um de vós deve ter no coração o desejo de ser um apóstolo entre os que estão em seu redor».

O Romano Pontífice termina o seu discurso confiando aos jovens um problema: «A Igreja está consciente do subdesenvolvimento cultural que existe em muitas zonas do Continente Latino-americano e do vosso País (...). Na dinâmica acelerada de mudança, característica da sociedade actual, é necessário, e, ao mesmo tempo, urgente que saibamos criar um ambiente de solidariedade humana e cristã em torno do preocupante problema da escolarização (...). Não é possível permanecer indiferente perante o grave problema do analfabetismo ou semi-analfabetismo».

Neste sentido lança um premente apelo: «para que prestéis, hoje e ama-

*nhã, a vossa ajuda, serviço e colaboração nesta tarefa de escolarização. A minha voz, a minha súplica de Pai, dirige-se também aos educadores cristãos, para que, com o seu contributo, favoreçam a alfabetização e 'culturização', com uma visão integral do homem. Não esqueçamos que 'um analfabeto é um espírito subalimentado (cfr. Populorum Progressio, 35)».*

*Em Guadalajara tinham sido fechadas as escolas para todos poderem ver o Papa e as fábricas poucas horas trabalharam. A capital do Estado de Jalisco é uma grande metrópole moderna, cidade industrial, mas infelizmente com 8 por cento de desempregados. Mais uma vez deu o Papa a precedência aos pobres e marginalizados, dirigindo-se do aeroporto ao Bairro de Santa Cecilia; o nome evoca uma espécie de corporações musicais aqui florescentes. Depois, o pensamento de Sua Santidade procurou os operários no grande estádio. Seguiu-se o encontro com a comunidade eclesial reunida diante da Sé e a celebração eucarística na Basílica de Nossa Senhora de Zapopán, o centro mariano mais importante, logo abaixo de Guadalupe.*

*Em Guadalajara tinham-se reunido, para a ocasião, milhares de peregrinos, vindos de todos os Estados limítrofes, e até de mais longe. Vieram das montanhas da Serra Madre ocidental, terras onde o sacerdote é chamado com o nome antigo de «Maraakame» e o Papa com o de «Supremo Maraakame». Mas viera também gente das terras ricas dos Estados Unidos e do Canadá, deixando as suas 340 «roulottes» às portas da cidade.*

*João Paulo II encontrou-se diante de três milhões de pessoas (os habitantes de Guadalajara são cerca de dois). Ao «Enviado do Senhor», ao «Branco Peregrino de paz e de amor» (assim se lia) reservaram um acolhimento nunca visto. A consequência foi irem aumentando os atrasos; mas foram também satisfação, regozijo de almas.*

*Voltando um pouco atrás: na viagem da Cidade do México a Guadalajara, o avião papal sobrevoou o monte Cubilete, centro geográfico do País, sobre o qual se levanta uma gigantesca estátua de Cristo Rei. Ao passar, Sua Santidade abençoou do alto os habitantes da região.*

*A receber o Papa em Guadalajara estavam o Cardeal José Salazar López e o Governador do Estado, e também uma representação da colónia de Cracóvia com os trajes de lá característicos. A saudação de homenagem pronunciada pelo Senhor Cardeal Salazar López, o Santo Padre respondeu com outro breve discurso.*

## 15) A vivência autêntica da Mensagem do Filho de Deus

*Depois de agradecer as palavras do Senhor Cardeal e o acolhimento que lhe fez a multidão, o Papa referiu-se à religiosidade e laboriosidade tradicionais de Guadalajara, e acrescentou: «Soubestes reunir numa síntese que supõe a vivência autêntica da Mensagem do Filho de Deus».*

*De helicóptero chegou o Papa ao bairro já nomeado, de Santa Cecilia. Encontrou-se não só com as 53.000 pessoas lá residentes, mas com uma multidão de cerca de 500.000 pessoas. Muitíssimas tinham passado a noite ao relento. Encontro comovedor, semelhante ao da véspera com os índios, em Cuipalán. «A Igreja — afirmou o jovem pároco de Santa Cecilia — sempre esteve ao lado*

dos pobres e a gente sente isso, sabe-o». Por seu lado, o Santo Padre pronunciou um discurso, breve mas rico de conteúdo e de significado.

## 16) O Papa ama-vos porque vós sois os predilectos de Deus

Depois de lhes manifestar que tinha desejado vivamente este encontro, diz-lhes o motivo: «o Papa ama-vos porque sois predilectos de Deus. Ele mesmo, ao fundar a sua família, a Igreja, tinha presente a humanidade pobre e necessitada. Para redimi-la enviou precisamente o Seu Filho que nasceu pobre e viveu entre os pobres para que fôssemos ricos com a sua pobreza (cfr. 2 Cor 8, 9).

«Como consequência dessa redenção, levada a cabo n'Aquele que se fez um de nós, agora já não somos pobres servos, somos filhos, que podemos chamar a Deus: Pai (cfr. Gál 4, 4-6). Já não estamos desamparados, uma vez que se somos filhos de Deus, somos também herdeiros dos bens que Ele oferece em abundância àqueles que O amam (Mt 11, 28). Poderemos duvidar de que um pai dê coisas boas a seus filhos? (cfr. Mt 7, 7 ss). O próprio Jesus, nosso Salvador, nos espera para nos aliviar a fadiga (cfr. Mt 11, 28). Ao mesmo tempo Ele conta com a nossa colaboração pessoal para nos dignificarmos cada vez mais, sendo artífices da nossa própria elevação humana e moral».

Finalmente, João Paulo II faz um apelo a todos os que possuem meios e se sentem cristãos: «Perante a vossa angustiada situação, convido, com todas as minhas forças, todos os que possuem meios e se sentem cristãos, a renovar-se na mente e no coração para que, promovendo uma justiça maior e, ainda mesmo dando do que possuem, a ninguém falte o conveniente alimento, de vestir, habitação, cultura e trabalho; tudo aquilo que dá dignidade à pessoa humana. A imagem de Cristo na Cruz, preço do resgate da humanidade, é um chamamento premente para consagrarmos a vida ao serviço dos necessitados, em sintonia com a caridade, que é desprendida e que não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade (Cfr. 1 Cor 13, 2 ss)».

Encontro também afectuoso e alegre, amenizado por mais de mil «maria-chis» que, em honra de Santa Cecília, executaram longa série de típicos cantares.

As 13 horas, chegou o Santo Padre ao estádio Jalisco. Desde pela manhã que o esperavam 100.000 operários das várias indústrias da cidade. Acolheram-no cantando e com muitos «Viva el Papa». João Paulo II correspondeu às saudações com largos gestos e atravessou a pé o tapete de flores brancas e amarelas (cores pontifícias). Depois subiu a um estrado no centro do campo e ouviu as palavras que lhe dirigia um operário em nome de todos os seus colegas. Recordou a vida do Papa como trabalhador manual e reafirmou a fidelidade dos trabalhadores mexicanos à Igreja. Concluiu, voltando-se para o Santo Padre: «Bemvindo a esta sua casa». Depois apresentou-se o Papa para falar.

## 17) Sede testemunhas e artífices de justiça e de verdadeira liberdade

Depois de saudar a multidão de operários e de fazer uma referência à devoção dos mexicanos a Nossa Senhora de Guadalupe, à adesão da gente de Guadalajara à fé, à sua unidade familiar e aos seus esforços para responder às

grandes exigências humanas e cristãs da justiça, da paz e do progresso, segundo Deus, João Paulo II manifestou o seu agrado por este encontro «com trabalhadores, com famílias operárias, com famílias cristãs que a começar dos seus lugares de trabalho sabem ser agentes de bem social, de respeito, de amor a Deus na oficina, na fábrica, em qualquer casa ou lugar».

Depois compara a família dos operários com a Sagrada Família de Nazaré: «Penso em vós, meninos e meninas, jovens de famílias operárias; vem-me ao pensamento a figura d'Aquele que nasceu no seio de uma família de operários, que cresceu em idade, sabedoria e graça, que de Sua Mãe aprendeu os caminhos humanos, e naquele varão justo que Deus lhe deu como pai teve o mestre na vida e no trabalho quotidiano. A Igreja venera esta Mãe e esse Homem, esse santo operário, modelo de homem e modelo de operário.

«Nosso Senhor Jesus Cristo recebeu as carícias das suas ásperas mãos de operário, mãos endurecidas pelo trabalho, mãos abertas para a bondade e para o irmão necessitado». E dirigindo-se mais directamente aos seus ouvintes, o Sumo Pontífice acrescentou: «Permiti-me entrar nas vossas casas, se quereis ter o Papa como hóspede e vosso amigo, e dai-lhe o conforto de ver nos vossos lares a união, o amor familiar que descansa após o dia de fadiga neste mútuo e afectuoso intercâmbio que reinava na Sagrada Família. Mostrai-me, queridos meninos e jovens, que vos estais preparando de maneira séria para o amanhã; repito-vos, sois a esperança do Papa».

Mas o Papa continua a dirigir-se aos meninos e jovens presentes: «Não me negueis o prazer de vos ver empreender caminhos que vos levem a ser autênticos seguidores do bem e amigos de Cristo. Não me negueis a alegria de ver o vosso sentido de responsabilidade nos estudos, nas actividades, nos divertimentos. Sois chamados a ser portadores de generosidade e de honestidade, a ser lutadores contra a imoralidade, a preparar esse México mais justo e são, mais feliz, para os filhos de Deus e filhos de Maria nossa Mãe».

Lembra-lhes então que o trabalho dos seus pais está a contribuir para o crescimento do México: «Vós sabeis muito bem que o trabalho dos vossos pais está presente no esforço comum de crescimento nesta Nação e em tudo o que contribua para que os benefícios da civilização contemporânea cheguem a todos os mexicanos. Sede orgulhosos dos vossos pais e colaborai com eles na vossa formação de jovens honestos e cristãos; acompanham-vos o meu afecto e o meu alento».

O afecto do Papa vai também para as trabalhadoras «mães e esposas presentes e para todas aquelas que escutam a minha palavra através dos meios de comunicação social. Recordai aquela Virgem Mãe que soube ser causa de alegria para o esposo e guia solícita para o filho nos momentos de dificuldade e de prova. Quando tiverdes preocupações e limitações, recordai que Deus escolheu uma Mãe pobre e que Ela soube permanecer firme no bem, mesmo nas horas mais duras.

«Muitas de vós trabalhais também nalgumas das múltiplas actividades que hoje se abrem à capacidade feminina; muitas de vós sois também sustento para não poucos lares e ajuda contínua para que a vida familiar seja cada vez mais digna. Estai presentes com a vossa criatividade na transformação desta sociedade, a maneira de vida contemporânea oferece oportunidade e empregos cada vez mais importantes para a mulher, levai o vosso contributo iluminado

*pelo vosso sentido religioso, a todos os vossos e até às mais altas magistraturas».*

*Dirigindo-se agora aos trabalhadores fala-lhes do conceito cristão do trabalho, da vida familiar e social. Este conceito «encerra grandes valores e reclama critérios e normas morais que orientem quem crê em Deus e em Jesus Cristo, para que o trabalho se realize como uma verdadeira vocação de transformação do mundo, num espírito de serviço e de amor aos irmãos, para que a pessoa humana se realize aqui mesmo e contribua para a humanização crescente do mundo e das suas estruturas».*

*Explica-lhes então o sentido cristão do trabalho: ele é uma bênção. «O trabalho não é uma maldição, é uma bênção de Deus que chama o homem a dominar a terra e a transformá-la, a fim de que, com a inteligência e o esforço humano, continue a obra criadora e divina. Quero dizer-vos com toda a minha alma e as minhas forças, que as insuficiências de trabalho, as ideologias de ódio e de violência, que não são evangélicas e tantas feridas causam na humanidade contemporânea, são para mim motivos de sofrimento».*

*Mas o cristão tem de ser testemunha e agente de justiça, artífice de justiça e de verdadeira liberdade: «Para o cristão não basta a denúncia das injustiças, pede-se-lhe que seja testemunha e agente de justiça; quem trabalha possui direitos que devem ser defendidos legalmente, mas tem também deveres que há-de cumprir generosamente. Como cristãos sois chamados a ser artífices de justiça e de verdadeira liberdade ao mesmo tempo que edificadores de caridade social. A técnica contemporânea cria toda uma problemática nova e às vezes é causa de desemprego, mas também abre grandes possibilidades que requerem no trabalhador uma preparação cada vez maior e um contributo da sua capacidade humana e imaginação criadora. Por isso o trabalho não deve constituir mera necessidade, deve ser visto como uma verdadeira vocação, um chamamento de Deus para construir um mundo novo em que habitem a justiça e a fraternidade, antecipação do Reino de Deus, onde já não haverá nem faltas, nem limitações.*

*«O trabalho deve ser o meio para que toda a criação esteja submetida à dignidade do ser humano e filho de Deus.*

*«Esse trabalho oferece a oportunidade de comprometer-se com toda a comunidade, sem ressentimentos, sem amarguras, sem ódios, mas com o amor universal de Cristo que a ninguém exclui e que a todos abraça».*

*Depois o Papa lembra que o mistério central da nossa vida cristã é o mistério da Páscoa e acrescenta que o trabalho deve possuir essa mística pascal: «No trabalho deve existir essa mística pascal, com a qual os sacrifícios e as fadigas se aceitam com impulso cristão a fim de fazer com que resplandeça mais claramente a nova ordem querida pelo Senhor e para fazer um mundo que corresponda à bondade de Deus na harmonia, no amor e na paz».*

*Finalmente, João Paulo II comunica aos seus ouvintes que pede por eles ao Senhor e, ao mesmo tempo faz algumas considerações sobre a situação actual das famílias: «A fé cristã deve ser mais forte perante todos os factores de crise contemporânea. A Igreja, como o Concílio nos ensinou carinhosamente, deve ser a grande família em que se vive a dinâmica de unidade, de vida, de felicidade e de amor, que é a Santíssima Trindade.*

*«O próprio Concílio chamou à família 'pequena Igreja'; na família cristã, tem o seu princípio a acção evangelizadora da Igreja. As famílias são as pri-*



meiras escolas da educação na fé; só conservando essa unidade cristã será possível à Igreja cumprir a sua grande missão na sociedade e na mesma Igreja».

Todo o discurso foi marcado por aplausos nos pontos mais importantes. O mais estrepitoso foi provavelmente o que apoiou a frase: «Disseram-me que 96 por cento dos mexicanos são católicos, mas que cem por cento são guadalupanos». Também o voto final por que se construa um mundo melhor, mais justo, mais humano e mais cristão foi coroado de vigorosíssimas expressões de concordância. No fim o Papa rezou com os presentes o Pai Nosso.

Antes de sair do campo, deu várias voltas de automóvel correndo a esplanada, a fim de contentar os muitos que desejavam vê-lo de perto.

Subiu de novo ao helicóptero para chegar à Praça 18 de Maio, onde o esperava o automóvel descoberto que o levaria à catedral. Parando diante da Penitenciária dos Oblatos, em que estavam 2.432 presos, entre os quais 1.200 à espera de julgamento, o Papa dirigiu-lhes por meio dum altifalante algumas palavras, depois de rezar uma Ave Maria. Continuando, percorreu algumas ruas muito engalanadas, passando por meio de grandes concentrações de fiéis. As 14,30 estava na Praça da Libertação, onde se encontra a bela catedral edificada há quatro séculos. Acolhido como de costume com melodias tradicionais e repiques dos sinos, o Santo Padre respondeu à saudação de cerca de 350.000 pessoas. Na catedral, falou brevemente às Religiosas de clausura, insistindo na importância da vida contemplativa no nosso tempo.

### 18) A vossa vida de pessoas consagradas é plenamente actual

Depois de lhes manifestar o desejo especial que tinha de se encontrar com elas, João Paulo II disse-lhes que este encontro pretende ser a continuação daquele que teve com as outras Religiosas mexicanas. Muitas coisas que lhes tinha dito eram também para elas. Agora vai referir-se àquilo que é mais especificamente seu. Recorda primeiro as demonstrações de estima do Magistério da Igreja pela vida das religiosas de clausura, e pergunta: «Nestes momentos de tantas transformações em tudo, este género de vida (dedicada à oração, ao silêncio e a um modo singular de entrega a Deus) continua a ter significado e a um modo singular de entrega a Deus) continua a ter significado ou é algo já superado?».

E responde: «O Papa diz-vos: Sim, a vossa vida tem agora mais importância do que nunca; a vossa consagração total tem plena actualidade. Num mundo que vai perdendo o sentido do divino, perante a supervalorização do material, vós, queridas Religiosas, comprometidas, nos vossos claustros, em serdes testemunhas dos valores pelos quais viveis, sede testemunhas do Senhor para o mundo de hoje, infundi, com a vossa oração, um novo sopro de vida na Igreja e no homem actual.

«É de modo especial na vida contemplativa que se trata de realizar uma unidade difícil: manifestar perante o mundo o mistério da Igreja no mundo presente e saborear já aqui, ensinando isso mesmo aos homens, como diz São Paulo, as coisas que são do alto (Col 3, 1)».

Em que consiste o ser contemplativa? O Papa responde: «Ser contempla-

tiva não supõe cortar radicalmente com o mundo, com o apostolado. A contemplativa deve encontrar o seu modo específico de dilatar o Reino de Deus, de colaborar na edificação da cidade terrena, não só com as suas orações e os seus sacrifícios, mas também com o seu testemunho, silencioso, sim, mas que possa ser compreendido pelos homens de boa vontade com os quais estiver em contacto.

«Para isso, deveis encontrar o vosso estilo próprio, que, dentro de uma visão contemplativa, vos faça partilhar com os vossos irmãos o dom gratuito de Deus».

Depois de lhes lembrar que a sua vida consagrada parte da consagração baptismal e de citar o n.º 44 da *Lumen Gentium*, o Papa acrescenta: «Vós, religiosas contemplativas, sentis uma atracção que vos impele para o Senhor. Apoiadas em Deus, abandonais-vos à Sua acção paterna que vos eleva até Ele e vos transforma n'Ele, ao mesmo tempo que vos prepara para a contemplação eterna, a qual constitui a última meta para todos nós. Como poderíeis avançar ao longo deste caminho e ser fiéis à graça que vos anima, se não respondêsseis com todo o vosso ser, por meio de um dinamismo cujo impulso é o amor, a este chamamento que vos orienta de modo permanente para Deus? Considerai, pois, qualquer outra actividade como testemunho, oferecido ao Senhor, da vossa comunhão íntima com Ele, a fim de que vos conceda aquela pureza de intenção que tão necessária é para O encontrar na mesma oração. Deste modo contribuireis para a dilatação do Reino de Deus, com o testemunho da vossa vida a com 'uma misteriosa fecundidade apostólica' (*Perfectae caritatis*, 7)».

As comunidades das contemplativas têm como centro a Eucaristia. «Pela Eucaristia, também o mundo está presente no Centro da vossa vida de oração e de doação como explicou o Concílio. 'Nem se julgue que os Religiosos, pela sua consagração, se alheiam dos homens ou se tornam inúteis à sociedade terrestre. Pois, embora algumas vezes não se ocupem directamente dos seus contemporâneos, têm-nos presentes de modo mais profundo nas entranhas de Cristo e colaboram espiritualmente com eles a fim de que a edificação da cidade terrena se alicerce sempre no Senhor e para Ele se oriente, não aconteça trabalharem em vão os que edificam' (*LG*, 46)».

E o Papa apela para que conservem a simplicidade: «Contemplando-vos com a ternura do Senhor, quando chamava aos seus discípulos pequeno rebanho (cfr. *Lc* 12, 32), e lhes anunciava que tinha sido do agrado do seu Pai dar-lhes o Reino, eu vos suplico, conservai a simplicidade dos 'mais pequeninos' do Evangelho. Esforçai-vos por encontrá-la numa relação interior e muito cordial com Cristo, ou nos contactos directos com os vossos irmãos. Conhece-reis, então, o alvoroço da alegria pela acção do Espírito Santo, próprio daqueles que são introduzidos nos segredos do Reino' (cfr. *Exortação Apostólica sobre a Renovação da vida religiosa*, 54)».

No fim desta audiência, João Paulo II assomou à varanda lateral do Arcebispado, junto à catedral, onde estava uma grande bandeira com as armas pontificias. Eram 15 horas; estava previsto o meio-dia... Da multidão levantou-se um aplauso de enorme intensidade. O Papa agradeceu e exprimiu a sua alegria. Mas antes de assim falar, teve de esperar por alguns minutos que a ovação diminuisse.

As 15,30, o Santo Padre entrou de novo no automóvel descoberto para diri-

gir-se à *Basilica de Nossa Senhora de Zapopán*, a nove quilómetros de distância. Foi aplaudido provavelmente por mais de um milhão de pessoas. João Paulo II, com um grande chapéu mexicano na cabeça, sorria e abençoava.

Pelas 16 horas foi recebido com repique de sinos, cânticos em polaco, espanhol e italiano, e com o voo de pombas brancas, em sinal de paz. Diante da *Basilica*, um palco de 4 metros e meio de altura, e nele o altar para a Missa. Ao lado dum grande crucifixo, a devota imagem de *Nossa Senhora de Zapopán*.

Antes que principiasse a concelebração, o Cardeal Arcebispo saudou Sua Santidade, manifestando especialmente o desejo que tem a comunidade eclesial de corresponder cada vez melhor à expectativa da Igreja e do Papa. Durante a Missa orou-se por que a Igreja se torne cada vez mais evangélica e o mundo cada vez mais pacífico. A homilia falou Sua Santidade.

### 19) Responsáveis uns pelos outros

Depois de se referir à *Basilica da Imaculada Conceição de Zapopán*, comparando-a com a de *Guadalupe*, e fazendo algumas breves considerações sobre a história da Igreja no México, relacionada com estes santuários, João Paulo II disse que a fé e a devoção a Maria e seus mistérios pertencem à identidade própria dos povos do México e da América Latina e caracterizam a sua piedade popular. «Esta piedade popular não é por força um sentimento vago, destituído de sólida base doutrinal como se constituísse forma inferior de manifestação religiosa. Quantas vezes é, pelo contrário, como que a expressão verdadeira da alma dum povo, ao ser tocada pela graça e forjada pelo encontro feliz entre a obra de evangelização e a cultura local, de que fala também a Exortação acima citada (cfr. *Evangelii Nuntiandi*, 20). Assim, guiada e sustida e, dando-se o caso, purificada pela acção constante dos pastores, e exercida diariamente na vida do povo, a piedade popular é verdadeiramente a piedade dos 'pobres e simples' (*Ibid.*, 48). É a maneira como estes predilectos do Senhor vivem e traduzem, nas suas atitudes humanas e em todas as dimensões da vida, o mistério da fé que receberam.

«Esta piedade popular no México e em toda a América Latina é forçosamente mariana. Nela, *Maria Santíssima* ocupa o mesmo lugar preeminente que ocupa na totalidade da fé cristã. Ela é a mãe, a rainha, a protectora e o modelo. A ela se vem para a honrar, para pedir a sua intercessão, para aprender a imitá-la, quer dizer, para aprender a ser verdadeiro discípulo de Jesus. Porque, como o mesmo Senhor diz: Quem fizer a vontade de Deus é meu irmão, minha irmã e minha mãe (*Mc 3, 35*)».

Mas a mediação de Maria não oculta a de Cristo: «Longe de ocultar a mediação insubstituível e única de Cristo, esta função de Maria sendo acolhida e posta em relevo, 'serve para demonstrar o poder d'Ela', como ensina o Concílio Vaticano II (*LG, 60*), porque tudo o que ele é e tem, vem-lhe da 'superabundância dos méritos de Cristo, apoia-se na sua mediação' e a ele conduz (*ibid.*). Os fiéis que vêm a este santuário bem o sabem e põem-no em prática, ao dizerem — sempre com ela, olhando para Deus Pai, no dom do seu Filho amado

tornado presente entre nós pelo Espírito — : Glorifica a minha alma ao Senhor (Lc 1, 46)».

Ao irmos a este santuário, vimos louvar e honrar a Deus Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, na figura de Maria, unida por vínculos indissolúveis com as três pessoas da Santíssima Trindade, como também ensina o Concílio (cfr. LG, 53). «A nossa visita ao santuário de Zapopán (...) significa, por isso mesmo, a vontade e o esforço de cada pessoa para se abeirar de Deus e deixar-se inundar por Ele, mediante a intercessão, o auxílio e o modelo de Maria».

Nestes lugares de graça — nestes santuários marianos —, «o Povo de Deus (...) reúne-se à volta do altar e sob o olhar materno de Maria, para dar testemunho de que o que conta, neste mundo e na vida humana, é a abertura ao dom de Deus, que se comunica em Jesus, nosso Salvador, e nos vem por Maria. Isto é o que dá à nossa existência terrena a sua verdadeira dimensão transcendente, como Deus a quis desde o princípio, como Jesus Cristo a restaurou com a sua Morte e Ressurreição, e como resplandece na Virgem Santíssima».

«Ela é o refúgio dos pecadores («refugium peccatorum»). O Povo de Deus tem consciência da própria condição de pecado. Por isso, sabendo que precisa duma purificação constante, 'busca sem cessar a penitência e a reconciliação' (LG, 8). Cada um de nós está consciente disso: Jesus buscava os pecadores (cfr. Lc 5, 31-32; Lc 5, 20; Jo 8, 11)».

Quando pecamos buscamos Jesus por meio de Maria: «Se a consciência do pecado nos oprime, buscamos instintivamente Aquele que tem o poder de perdoar os pecados (cfr. Lc 5, 24) e buscamo-lo por meio de Maria, cujos Santuários são lugares de conversão, de penitência e de reconciliação com Deus.

«Ela desperta em nós a esperança da emenda e da perseverança no bem, embora às vezes possa parecer humanamente impossível.

«Ela permite-nos superar as múltiplas 'estruturas de pecado' em que está envolvida a nossa vida pessoal, familiar e social. Permite-nos obter a graça da verdadeira libertação, com essa liberdade com que libertou Cristo a todos os homens».

Então o Papa fala da responsabilidade de uns pelos outros: «Daqui parte também, como de sua verdadeira fonte, o compromisso autêntico tomado em favor dos demais homens, nossos irmãos, especialmente dos mais pobres e necessitados, e em favor da necessária transformação da sociedade. Porque isto é o que Deus quer de nós e a isto nos envia, com a voz e a força do seu Evangelho ao tornar-nos responsáveis uns pelos outros. Maria, como ensina o meu predecessor Paulo VI na Exortação Apostólica 'Marialis Cultus' (n.º 37), é também, como fiel cumpridora da vontade de Deus, modelo para aqueles que não aceitam passivamente as circunstâncias adversas da vida pessoal e social, nem são vítimas da 'alienação' como hoje se diz, mas proclamam com ela que Deus é exaltador dos humildes e, sendo caso disso, derruba os poderosos do seu trono, para citar de novo o Magnificat (cfr. Lc 1, 51-53). Porque ela é assim 'modelo do perfeito discípulo de Cristo, discípulo que é artífice da cidade terrena e temporal, mas tende ao mesmo tempo para a celestial e eterna, discípulo que promove a justiça, liberta os necessitados, mas sobretudo é testemunha daquele amor activo que constrói Cristo nas almas' (Marialis Cultus, 37)».

Mais adiante, o Papa afirma que os Santuários Marianos «podem e devem

ser lugares privilegiados para o encontro *duma fé cada vez mais purificada*, que leve os peregrinos a Cristo.

Para conseguir este objectivo é preciso cultivar uma pastoral adequada nestes santuários: *«mediante uma liturgia apropriada e viva, mediante a pregação assídua e de sólida catequese, mediante a preocupação pelo ministério do sacramento da Penitência e a depuração prudente de possíveis formas de religiosidade que apresentem elementos menos adequados.*

*«É preciso aproveitar pastoralmente estas ocasiões, talvez esporádicas — do encontro com almas que nem sempre são fiéis a todo o programa duma vida cristã, mas que aparecem guiadas por uma visão às vezes incompleta da fé — para tratar de conduzi-las ao centro de toda a piedade sólida, Cristo Jesus, Filho de Deus, Salvador.*

*«Deste modo a religiosidade popular ir-se-á aperfeiçoando sendo necessário, e a devoção mariana adquirirá o seu significado pleno numa orientação trinitária, cristocêntrica e eclesial, como tão acertadamente ensina a Exortação 'Marialis Cultus' (n.º 25-27)».*

Ao ofertório trouxeram as dádivas um representante da colónia polaca e outro da comunidade indígena.

As 18 horas estive Sua Santidade algum tempo na casa dos Frades Menores, e passou ao Seminário Maior; tinham vindo estudantes eclesiais, diocesanos e religiosos de todo o País: Mais que um encontro foi um diálogo. O Papa exortou-os a prepararem-se para vir a ser dignos ministros dos altares.

## 20) Vale a pena dedicardes-vos a Cristo e aos homens por Cristo

Depois de expressar a sua comoção pelo entusiasmo e afecto com que eles o receberam, João Paulo II agradeceu a todos presentes e ausentes, e falou desta sua peregrinação como uma visita pastoral ao México: *«Posso assegurar-vos que a vossa correspondência unânime a esta minha 'visita pastoral' ao México, veio dando consistência, em mim, durante estes dias, a um grato presentimento. Dir-vo-lo-ei com palavras do Apóstolo: Alegro-me de poder contar em tudo convosco (2 Cor 7, 16)».*

Então o Papa faz algumas considerações de carácter histórico sobre os Seminários mexicanos. Mas o Santo Padre sente-se feliz sobretudo pelo contínuo florescimento de vocações sacerdotais: *«mas o que de modo especial me enche de esperança, é o contínuo florescimento de vocações sacerdotais e religiosas».*

A seguir — recordando o primeiro encontro com os Seminaristas de Roma — convida-os a escutarem atentamente o Senhor que lhes fala ao coração, principalmente na oração e na liturgia, para que vão descobrindo e enraizando, no profundo do seu ser, o sentido e o valor da vocação.

Deus, continua o Papa, manifestou-Se-nos na história da criação e na história da salvação. O mesmo Deus «nos escolheu e nos chamou para infundirmos nova força nessa história, sabendo já agora que a salvação é dom de Deus, não vem das obras... pois nós somos obra Sua, criados em Jesus Cristo (Ef 2, 8-10). Uma história, portanto, que é, no desígnio de Deus, também a nossa, porque nos aher operários na sua vinha (cfr. Mt 20, 1-16), nos aher embaixadores seus para irmos ao encontro de todos e os convidarmos a tomarem parte no

*Seu banquete (Mt 22, 1-14), nos quer samaritanos, que usam de misericórdia com o próximo desvalido (Lc 10, 30 ss)».*

*A grandeza da vocação só se pode de algum modo apreender através da sua experiência: «Experimentá-la é um acontecimento único, indizível, que unicamente se percebe, como um sopro suave através do toque desvelante da graça: um sopro do Espírito, que, ao mesmo tempo que dá perfil autêntico à nossa frágil realidade humana — vaso de barro em mãos de oleiro (cfr. Rom 9, 20-21) —, acende nos nossos corações uma luz nova, infunde uma força extraordinária que, cimentando-nos no amor, une a nossa existência à actividade divina, ao divino plano de recriação do homem em Cristo, quer dizer, a formação da sua nova família redimida.. Sois pois chamados a construir a Igreja — comunidade com Deus —, muito para além do que se pode pedir ou imaginar (cfr. Ef 3, 14-21)».*

*João Paulo II exorta depois os seminaristas a aproveitar os anos do Seminário para adquirirem uma boa formação: «para vos encherdes dos sentimentos do mesmo Cristo no estudo, na oração, na obediência, na formação do próprio carácter». Toda a vida do sacerdote deve ser o sentido dos outros. Isto irá aparecendo pouco a pouco no Seminário: «Vereis como, à medida que vai maturando a vossa vocação nesta escola, a vossa vida irá assumindo alegremente um sinal específico, uma indicação bem precisa: o sentido dos outros, como Cristo, que andou fazendo o bem e curando todos (Act 10, 38). Deste modo, o que humanamente poderia parecer um fracasso, converte-se num radiante projecto de vida já examinado e aprovado por Jesus: não vir para ser servido, mas para servir (Mt 20, 28)».*

*Nada é mais estranho à vocação sacerdotal que o aliciante de vantagens terrenas: «Como bem compreendereis, nada é mais alheio à vocação do que o aliciante de vantagens terrenas ou a busca de benefícios ou de honras: e muito longe está também, a vocação, de ser a fuga de um ambiente de ilusões frustradas ou que se apresenta hostil ou alienante. A boa nova, para o chamado para o serviço do Povo de Deus, além de ser um chamamento a mudar e a melhorar a própria existência é chamamento para uma vida já transformada em Cristo que se há-de anunciar e proagar».*

*Também para os Directores, Educadores e Superiores do Seminário o Papa tem uma palavra. Eles devem levar pela mão os seminaristas até ao sacerdócio: «A eles incumbe a grata mas também difícil tarefa de vos levar pela mão pelo caminho que conduz ao sacerdócio. Eles vos ajudarão a adquirir o gosto da vida interior, o hábito exigente da renúncia por Cristo, do desprendimento, e, sobretudo, contagiar-vos-ão com o suave odor do Seu conhecimento (cfr. 2 Cor 2, 14). Não tenhais medo. O Senhor está convosco e a todo o momento é a nossa melhor garantia: sei em Quem pus a minha confiança (2 Tim 1, 12)».*

*O Papa termina com uma exortação, na qual diz, entre outras coisas: «Vale a pena dedicardes-vos à causa de Cristo, que quer corações valentes e decididos; vale a pena consagrardes-vos ao homem por Cristo, para o levardes a Ele, para o elevardes, para o ajudardes no caminho para a eternidade; vale a pena fazer uma opção por um ideal que vos proporcionará grandes alegrias, embora também vos exija não poucos sacrifícios. O Senhor não abandona os seus.*

*«Vale a pena viver pelo Reino esse precioso valor do cristianismo que é o*

celibato sacerdotas, patrimônio plurissecular da Igreja; vivê-lo responsabilmente, embora vos exija não poucos sacrifícios. Cultivai a devoção a Maria, a Virgem Mãe do Filho de Deus, para que vos ajude e alente a realizardes plenamente esse ideal!».

A última palavra de exortação é para os educadores e superiores de Casas de formação seminarística: «Tendes entre mãos um tesouro eclesial. Cuidai dele com o maior esmero e diligência, para que ele possa produzir os frutos esperados. Formai estes jovens na sã alegria, no cultivo de uma personalidade rica, adaptada ao nosso tempo. Mas formai-a bem sólida na fé, nos critérios do Evangelho, na consciência do valor das almas, num espírito de oração capaz de enfrentar os embates do futuro.

«Não corteis a visão vertical da vida, nem trunqueis as exigências que a opção por Cristo impõe. Se propomos ideais desvirtuados, são os jovens os primeiros a não os quererem, porque desejam algo que valha a pena, que seja ideal digno de uma existência. Embora custe.

«Responsáveis das vocações, sacerdotes, religiosos, pais e mães de família! A vós dirijo estas palavras. Comprometei-vos com generosidade na tarefa de procurar novas vocações, tão importantes para o futuro da Igreja. A escassez de vocações requer um esforço consciente para que possa ser remediada. E isto não se conseguirá se não soubermos orar, se não soubermos dar à vocação para o sacerdócio, diocesano ou religioso, o apreço e a estima que ela merece».

O regresso do Santo Padre à Delegação Apostólica, na Cidade do México, foi à meia-noite e meia hora. Ainda estavam à sua espera 20.000 pessoas!



31 de Janeiro, Antes do nascer do sol já se encontrava muita gente diante da residência de João Paulo II. O Santo Padre celebrou a Santa Missa na catedral da Delegação Apostólica. Logo a seguir, recebeu os Ministros dos Estrangeiros de Guatemala, Honduras, Nicarágua e Costa Rica e o Ministro da Justiça de El Salvador. O encontro, não previsto no programa, durou três quartos de hora; não houve comunicado oficial.

O primeiro compromisso que tinha o Santo Padre era o encontro com os professores e estudantes das Universidades Católicas do México e outros países da América Latina, diante da Basílica de Guadalupe. 100.000 pessoas. Abriu a manifestação o Reitor da Universidade «La Salle», que expressou o compromisso indefectível dos centros católicos de ensino, pela construção dum mundo melhor. Falou depois um jovem que, também em nome dos seus colegas, expressou a ligação íntima entre paz e justiça.

O Santo Padre pronunciou um discurso afirmando ser função dos estudos superiores católicos promover a cultura integral «para bem da comunidade e de toda a sociedade». No fim, o Papa disse ter chegado a hora de deixar os jovens presentes. Mas um grandíssimo coro de vozes retorquiu: «Não, não». E o Papa viu-se obrigado a improvisar novo discurso, este sobre a dignidade do trabalho. A certa altura, embaraçando-se em dificuldades da língua espanhola, exclamou: «Vede, também o Papa tem de prosseguir os estudos». Esta espontaneidade mais encantou ainda os corações. Vamos resumir o discurso do Papa aos estudantes das Universidades Católicas do México.

## 21) Realizar a síntese entre a fé e a cultura

*Depois das saudações aos estudantes e outros membros das Universidades Católicas mexicanas e da América Latina, «donde irradiam a cultura e civismo cristão, onde se formam as pessoas num clima de concepção integral do ser humano, com rigor científico e com uma visão cristã do homem, da vida, da sociedade, dos valores morais e religiosos», o Santo Padre perguntou «Que pode esperar o mundo universitário católico mexicano e latino-americano das palavras do Papa?». E logo respondeu: «Julgo poder resumi-lo sinteticamente, em três observações, seguindo a linha do meu venerado predecessor o Papa Paulo VI.*

«a) *A primeira é que a Universidade Católica deve oferecer contributo específico à Igreja e à sociedade, situando-se num nível de investigação científica elevado, de estudo profundo dos problemas e dum sentido histórico adequado. Mas isto não basta para uma Universidade Católica. Esta deve encontrar o seu significado último e profundo em Cristo, na sua mensagem salvífica, que abarca o homem na sua totalidade, e nos ensinamentos da Igreja.*

*«Tudo isto supõe a promoção duma cultura integral, isto é, da que tem em vista o desenvolvimento completo da pessoa humana, em que sobressaiam os valores da inteligência, vontade, consciência e fraternidade, baseados todos em Deus Criador e elevados maravilhosamente em Cristo (cfr. GS, 61); uma cultura que se dirija de modo desinteressado e genuíno ao bem da comunidade e de toda a sociedade.*

«b) *A segunda observação é que a Universidade Católica deve ser formadora de homens realmente insígnies pelo saber, dispostos a exercer funções de responsabilidade na sociedade e a testemunhar a sua fé diante do mundo (GE, 10). Finalidade que é hoje indubitavelmente decisiva. Para a formação moral e cristã, não considerada como alguma coisa que se acrescenta de fora, mas como um aspecto que, por assim dizer, especifique e dê vida à instituição académica. Trata-se de promover e realizar nos Professores e nos estudantes uma síntese, cada vez mais harmoniosa, entre fé e razão, entre fé e cultura, entre fé e vida. Tal síntese deve procurar-se não só ao nível de investigação e ensino, mas também a nível educativo-pedagógico.*

«c) *A terceira observação é que a Universidade Católica deve ser um campo em que se mostre vivo e operante o cristianismo. Constitui vocação irrenunciável da Universidade Católica dar testemunho de ser comunidade séria e sinceramente comprometida na investigação científica, mas também caracterizada visivelmente por uma vida cristã autêntica. Isto supõe, entre outras coisas, uma revisão da figura do professor, que não pode ser considerado unicamente como simples transmissor de ciência, mas também e sobretudo como testemunha e educador de vida cristã autêntica. Neste privilegiado ambiente de formação, vós, queridos estudantes, estais chamados a uma colaboração consciente e responsável, livre e generosa, para realizardes a vossa mesma formação».*

*Então o Papa fala da pastoral universitária. Esta deve atender a todo o sector universitário e «não deixará de produzir frutos preciosos de elevação humana e cristã».*

*Finalmente, João Paulo II exorta todos os universitários a criar «verda-*



deira família universitária, empenhada na busca, nem sempre fácil, da verdade, do bem, aspirações supremas do ser racional e bases de sólida e responsável estrutura moral»; a continuar «uma séria actividade investigadora, que oriente as novas gerações para a verdade, para a maturidade humana e religiosa»; a trabalhar «infatigavelmente pelo progresso autêntico e completo das» suas «Pátrias. Sem preconceitos de nenhum tipo» dever dar «a mão a quem se propõe... a construção do autêntico bem comum»; a unir as suas «forças de Bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, e de leigos, na promoção e realização» dos seus centros académicos e das suas actividades; a caminhar «alegres e infatigáveis sob a guia da Santa Madre Igreja, cujo Magistério, prolongamento do de Cristo, é garantia única para não se abandonar o caminho justo, e é guia segura para se vir a conseguir a herança imperecedeira, reservada por Cristo a quem lhe é fiel».

## 22) Servir a Verdade

Finalmente, conseguiu o Santo Padre afastar-se de automóvel para o colégio «Florida», onde recebeu os representantes da imprensa e outros meios de comunicação social do México e do mundo inteiro, uns 1.800, que muito tinham trabalhado a começar dos dias de São Domingos. O Sumo Pontífice agradeceu-lhes, exortando-os também a «que sirvam primeiro que tudo a verdade, aquilo que constrói, melhora e dignifica o homem». A atmosfera do encontro foi cordial e cheia de alegria.

Depois de ter dito aos jornalistas e outros homens dos meios de comunicação social que tinha observado a sua tarefa informativa durante estes dias na América Latina, o Santo Padre declarou-lhes que agradecia à Providência dar-lhe neste momento a esperada ocasião de encontrar-se com os profissionais da informação, que o quiseram acompanhar nesta viagem. E acrescentou que vale a pena, depois destes dias de trabalho intenso, disfrutar a alegria «de vos vermos juntos». E mais adiante dizia: «Gostaria, neste breve encontro, de mostrar a todos a minha gratidão e respeito e dirigir-me a cada um pelo seu nome. Sinto desejo e necessidade de agradecer a cada um o trabalho destes dias e aquele que vai continuar em Puebla. Reflectirá este uma Igreja que abraça todas as culturas, talentos e iniciativas, contanto que se possam dirigir à construção do Reino de Deus».

A seguir, João Paulo II disse-lhes que compreendia as tensões e dificuldades em que decorre o seu trabalho. «Não é vida fácil, mas, em compensação (...) oferece-vos especial enriquecimento. Com certeza que todos tendes experiência disso».

A missão dos homens dos meios de comunicação social é uma vocação. «Um dos documentos mais importantes da Igreja, sobre as comunicações sociais, declara que 'é necessário que o homem do nosso tempo conheça as coisas plena e fielmente, adequada e exactamente' (Communio et progressio, 3), e proclama que, ao ser uma informação transmitida assim, pelos meios de comunicação social, 'todos os homens se tornam participantes... dos assuntos da humanidade inteira' (Ibid., 19).

«Com o vosso talento e experiência, a vossa competência profissional, a necessária inclinação e os meios que estão ao vosso dispor, podeis prestar este

grande serviço à humanidade. *E sobretudo, como o melhor que podeis realizar, quereis ser investigadores da verdade, para a oferecer a todo aquele que queira ouvi-la. Servi, primeiro que tudo, a verdade, o que é construtivo, aquilo que melhora e dignifica o homem».*

*Na medida em que eles buscarem este ideal, continuou o Papa, «assegu-ro-vos que a Igreja permanecerá ao vosso lado, porque é este também o seu ideal. Ela ama a verdade e a liberdade: liberdade de conhecer a verdade, de pregá-la e comunicá-la aos demais». Finalmente, o Sumo Pontífice saudou os jornalistas, agradeceu-lhes tudo o que tinham feito e despediu-se deles.*

*A última «obrigação» do Papa na cidade era assistir a uma exibição dos «Charros del Pedregal». Charros são os equivalentes mexicanos dos «cow-boys» e dos gaúchos: cavaleiros exímios, que usando laços prendem os cavalos selvagens e outros animais. Foi uma «chareada» em honra do Papa, que, depois de tantos actos cansativos, condescendeu nesta breve pausa assistindo ao magnífico espectáculo, que muito agradeceu.*

*Regressou à Delegação Apostólica pelas 13 horas, saindo de lá uns 90 minutos depois a caminho do aeroporto, de automóvel. Percurso que foi o adeus do Papa, dado e recebido. Milhões de pessoas nesses quilómetros: nos passeios, nas janelas, agitação de inúmeras bandeirinhas, aclamações, rapazes a pé ou de bicicleta procurando acompanhar o automóvel...*

*No aeroporto, troca de saudações com o Arcebispo e as Autoridades civis. E os «marachis» tocaram as mais belas melodias, em especial a canção «Amigo», que se tornara até, uma espécie de sigla sonora da viagem. Todos os dias a usou a televisão para anunciar as transmissões sobre a visita pontifícia. Presentes ainda muitas crianças, algumas com trajes característicos: o Papa acariciou e beijou muitas. Também os sacrificados homens da escolta, que tinham precisado de se mostrar tão rígidos nos dias e horas que então acabavam, abandonaram agora a sua difícil missão para dizer adeus a João Paulo II.*

### 3.5. Viagem de regresso

*Pouco antes das 16 horas locais, o Sumo Pontífice entrou no DC-10 das Linhas Aéreas Mexicanas, que o traria a Roma. Tendo este subido no ar, deu voltas sobre a capital. E, última delicadeza, de baixo centenas de milhares de pessoas, munidas de espelhos, fizeram incidir sobre o avião os raios solares.*

*Primeira paragem, Monterrey, terceira cidade do México, capital do Estado setentrional de Nuevo León. Tem o primeiro lugar no país sob o aspecto económico e produtivo: numerosas indústrias siderúrgicas, metalúrgicas, têxteis e químicas. Cidade sobretudo operária, que se mobilizou. Sua Santidade foi de helicóptero até à esplanada do Rio Santa Catarina. «Polónia, Polónia», «o Papa operário», «Cristo operário» e «Nós operários» — foram as boas-vindas, escritas e gritadas. Depois, saudação do Arcebispo, que sublinhou as duas características de Monterrey: laboriosidade e fé religiosa. Foi também ouvida a saudação dum operário. O Santo Padre correspondeu com um discurso, novamente sobre a dignidade do trabalho e os direitos dos trabalhadores.*

## 23) Discurso aos trabalhadores

*Depois de agradecer as palavras que lhe foram dirigidas e o acolhimento quente e cordial que lhe fora feito, o Papa comparou Monterrey com Nova Hutta, em Cracóvia. Então recordou a sua experiência como trabalhador nos anos difíceis da guerra mundial: «Partilhei das necessidades dos trabalhadores, das suas justas exigências e legítimas aspirações. Conheço muito bem a necessidade de que o trabalho não produza alienação nem frustração, mas corresponde à dignidade superior do homem. Posso dar testemunho duma coisa: nos momentos de maior provação, o povo da Polónia encontrou — na sua fé em Deus, na sua confiança na Virgem Maria Mãe de Deus e na comunidade eclesial, unida à volta dos seus Pastores — uma luz superior às trevas e uma esperança inquebrantável. Sei que estou a falar a trabalhadores, que são conscientes da sua condição de cristãos e querem viver esta condição com todas as suas energias e aceitando as consequências».*

*Então, João Paulo II tira as consequências: vai reflectir com eles sobre a sua dignidade como homens e como filhos de Deus: «Desta dupla fonte brotará a luz que dará forma à vossa existência pessoal e social. Com efeito, se o espírito de Jesus Cristo habita em nós, devemos sentir a preocupação prioritária por aqueles que não têm o conveniente quanto a alimento, vestuário e habitação, nem têm acesso aos bens da cultura. Dado que o trabalho é fonte do próprio sustento, é colaboração com Deus no aperfeiçoamento da natureza e é serviço prestado aos irmãos que enobrece o homem — os cristãos não podem despreocupar-se do problema do desemprego de tantos homens e mulheres, sobretudo jovens e chefes de família, a quem o desemprego conduz ao desânimo e ao desespero. Os que têm a sorte de poder trabalhar, aspiram a fazê-lo em condições mais humanas e mais seguras, a participar mais justamente no fruto do esforço comum quanto a salários, segurança social e possibilidades de desenvolvimento cultural e espiritual. Querem ser tratados como homens livres e responsáveis, chamados a participar nas decisões relativas à sua vida e ao seu futuro. É direito fundamental seu, criar livremente organizações que defendam e promovam os seus interesses e contribuam responsabilmente para o bem comum. A tarefa é imensa e complexa. Vê-se hoje complicada pela crise económica mundial, pela desordem de círculos comerciais e financeiros injustos, pelo esgotamento rápido de alguns recursos e pelos riscos irreversíveis de contaminação do ambiente biofísico».*

*A seguir, o Papa refere-se aos justos anseios dos povos da América Latina de recuperar o domínio sobre as suas matérias primas e de realizar o seu próprio desenvolvimento: «Para participarem realmente no esforço solidário da humanidade, os povos da América Latina exigem com razão que lhes sejam devolvidas a sua justa responsabilidade sobre os bens que a natureza lhes confiou e ainda as condições gerais que lhes permitam realizar um desenvolvimento conforme ao seu espírito próprio, com a participação de todos os grupos humanos que os formam. Tornam-se necessárias inovações ousadas e renovadas, para superar as graves injustiças herdadas do passado e para vencer o desafio das transformações prodigiosas da humanidade».*

*É necessário rever radicalmente os conceitos de progresso para que a humanidade possa dominar a evolução, subtrair-se à tentação materialista e asse-*

gurar o desenvolvimento autêntico dos homens: «*Em ambos os níveis, nacional e internacional, e por parte de todos os grupos sociais e de todos os sistemas, as realidades novas exigem aptidões novas. A denúncia unilateral do outro como oposto e o fácil pretexto das ideologias alheias, sejam quais forem, são álbis cada vez mais irrisórios. Se a humanidade quer dominar uma evolução que lhe escapa das mãos, se quer subtrair-se à tentação materialista que vai ganhando terreno numa fuga para a frente desesperada e se quer assegurar o desenvolvimento autêntico aos homens e aos povos, deve rever radicalmente os conceitos de progresso, que sob diversos nomes, deixaram atrofiar os deveres espirituais.*».

Então, João Paulo II indica a missão da Igreja neste campo: «*A Igreja oferece a sua ajuda. Não teme denunciar com energia os ataques à dignidade humana. Mas reserva o essencial das suas energias para ajudar os homens e grupos humanos, os empresários e trabalhadores, a que tomem consciência das imensas reservas de bondade que têm dentro de si e já fizeram frutificar na sua história, mas que devem hoje levar a frutos novos.*».

O movimento operário reivindica a sua justa parte de responsabilidade: «*O movimento operário, a que a Igreja e os cristãos ofereceram um contributo original e diversificado, especialmente neste continente, reivindica a sua parte de responsabilidade na construção duma nova ordem mundial. Recolheu as aspirações comuns de liberdade e dignidade. Desenvolveu os valores de solidariedade, fraternidade e amizade. Na experiência comunitária, despertou formas de organização originais, melhorando substancialmente a sorte de numerosos trabalhadores e contribuindo, embora nem sempre se reconheça, para deixar vestígios no mundo industrial. Apoiando-se neste passado, deverá comprometer a sua experiência na busca de novos caminhos, renovar-se a si mesmo e contribuir, de maneira mais decidida ainda, para construir a América Latina de amanhã.*».

Depois o Papa refere-se à viagem de Paulo VI à Colômbia e a uma passagem da sua Octogesima adveniens no 80.º aniversário da primeira Encíclica Social, a Rerum Novarum, em que se diz que o ensino social da Igreja, embora não intervenha para dar autenticidade a uma estrutura determinada ou pronor um modelo prefabricado, «*não se limita simplesmente a recordar uns princípios gerais.*» «*Desenvolve-se por meio duma reflexão, amadurecida no contacto com situações mutáveis deste mundo sob o impulso do Evangelho.... Desenvolve-se com a sensibilidade própria da Igreja... Alimenta-se finalmente numa experiência rica de muitos séculos.*»

Mas a Igreja, continua João Paulo II, quer chamar a atenção para um fenómeno grave e de grande actualidade: o problema dos emigrantes. «*Não podemos fechar os olhos à situação de milhões de homens que, na busca de trabalho e do próprio pão, têm de abandonar a sua pátria e muitas vezes a família, enfrentando as dificuldades dum ambiente novo nem sempre agradável e acolhedor, uma língua desconhecida e condições gerais, que os afogam na solidão e às vezes na marginalização (...) quando não se chega mesmo a aproveitar essas circunstâncias para oferecer salários mais baixos, coarctar os benefícios da segurança social e assistencial e dar condições de habitação indignas de seres humanos. Há condições em que o critério posto em prática é o de procurar o máximo rendimento do trabalhador emigrado, sem atender à pessoa dele.*».

Então descreve a atitude da Igreja perante este problema: «*proclamar*

que não deve seguir-se, neste como noutros campos, o critério de levar a que permaneçam os factores económico, social e político, colocados acima do homem, mas que a dignidade da pessoa humana está acima de tudo o mais, e que a isto se há-de condicionar o resto».

Não se pode olhar apenas a ter mais, mas deve pensar-se antes de mais na pessoa do trabalhador, «na sua condição de ser humano e de filho de Deus, chamado a uma vocação eterna». Se não se pensasse em ajudar o homem a ser mais, criaríamos um mundo pouco habitável. Contudo, o trabalhador também tem obrigações.

Neste sentido, o Papa convida os poderes públicos, os empresários e os trabalhadores «a que reflectam sobre estes princípios e a que deduzam as consequentes linhas de acção». E louva os responsáveis e anima-os a que se imite os bons exemplos que existem. Com isso ganhará sobretudo a causa do ser humano.

Quando, há quase 2.000 anos, Deus nos mandou Seu Filho para participar da nossa condição humana, este, antes de transformar a existência quotidiana, soube falar «ao coração dos pobres, libertá-los do pecado, abrir os seus olhos a um horizonte de luz e enchê-los de alegria e esperança. O mesmo faz hoje Jesus Cristo, que está presente nas vossas igrejas, nas vossas famílias, nos vossos corações e em toda a vossa vida». E o Sumo Pontífice termina com uma exortação a que abram todas as portas a Cristo.

No fim deste breve mas comovedor encontro, o Santo Padre abençoou-os. Regressando ao aeroporto, partiu a caminho de Nassau, capital das ilhas Baamas.

Depois da breve paragem, inicialmente não prevista, em Monterrey, onde encontrou a maior das concentrações — ao menos de um milhão de pessoas —, o Santo Padre chegou ao aeroporto de Nassau, nas ilhas Baamas, à meia-noite, hora local. Esperando pelo Bispo e Autoridades civis, a seguir aos cumprimentos foi de automóvel para o Centro desportivo, onde se encontrou com o Governador-Geral e outras personalidades. Diante dalguns milhares de fiéis, presidiu a uma oração ecuménica, ouviu a saudação do Bispo e agradeceu-a num breve discurso. E, para satisfazer os presentes, o Sumo Pontífice deu volta ao estádio num carro aberto.

## 24) Unidos na solidariedade do amor

Depois de manifestar a sua alegria por estar com o povo das Baamas, o Papa saudou as autoridades, a população das Baamas, os filhos e filhas da Igreja Católica — a quem recomendou que dessem testemunho da sua crença pela qualidade das suas vidas cristãs —, os outros irmãos cristãos — aos quais disse: «Acreditai no nosso desejo de colaborador leal e perseverantemente para chegarmos, pela graça de Deus, à unidade desejada por Cristo Senhor» —, e a todos os homens e mulheres de boa vontade, que residem nesta região do Oceano Atlântico. E acrescentou: «Como filhos dum único Pai dos Céus, estamos unidos na solidariedade de amor e na promoção radical da incomparável dignidade da pessoa humana».

Finalmente, fez votos de paz e progresso para o povo das Baamas: «Neste

momento, pois, durante esta breve paragem, sinto eu também a esperança que está em cada um de vós (...) esperança pelo vosso futuro que é vasto como o oceano que vos rodeia. Tenho a honra de partilhar esta esperança convosco e de dar-lhes expressão agora, confiando que ela vos conforte em todos os vossos dignos esforços, como povo unido. Peço a Deus que vos leve à perfeita obtenção do vosso destino. Conceda Ele ao povo das Baamas ricas e duradoiras bênçãos. Auxilie os pobres, conforte os doentes, guie a juventude e leve a paz a todos os corações».

A 1,30 da noite (hora local) o avião retomava voo a caminho da Itália. Ao sobrevoar o México e depois Cuba, e ao despedir-se das Baamas, João Paulo II enviou os habituais telegramas às máximas Autoridades desses países. Outro tanto fez, já sobre terras da Europa, ao Rei de Espanha e ao Presidente da Itália.

As 16 h. 58 m. (hora italiana) o avião aterrava no aeroporto de Fiumicino. Saudado por numerosas pessoas logo que se mostrou no cimo da escada, Sua Santidade desceu, encontrando-se com o Cardeal Secretário de Estado e com o Presidente do Conselho de Ministros da Itália, Giulio Andreotti.

Este saudou o Sumo Pontífice, referindo-se ao entusiasmo que se reproduziu no mundo inteiro. Nós todos, explicou, estivemos com Vossa Santidade em São Domingos, na Cidade do México, em Puebla e Guadalajara; graças aos meios da técnica moderna, encontrámo-nos entre essas multidões, vimos Vossa Santidade, ouvimos as palavras que lá pronunciou. Acreditamos que os valores cristãos, assim proclamados, contribuirão para o progresso daquelas gentes. E terminou: referindo-se à perene juventude da Igreja, com a qual hoje contam até muitos que não têm o dom da fé; manifestando a alegria dos italianos, e sobretudo dos romanos que celebram o feliz regresso do seu Bispo; e fazendo votos pelo completo êxito do pontificado de Sua Santidade. O Papa respondeu com um breve discurso.

Depois de agradecer as palavras do Chefe do Governo italiano, o Papa continuou: «No termo desta primeira viagem apostólica, que me levou além Oceano, à nobre e querida Terra do México, um sentimento domina os outros que se multiplicam no meu espírito agitado e comovido: o sentimento da gratidão.

«Estou reconhecido, primeiramente, ao Senhor e à Virgem Santa de Guadalupe, pela constante ajuda com que me sustentaram nestes dias, permitindo-me coroar felizmente uma iniciativa delicada e importante, assumida em cumprimento do mandato universal que me confiou o próprio Cristo, ao chamar-me à responsabilidade de Seu Vigário na Sé de Pedro.

«Penso, em seguida, com vivíssimo reconhecimento, nas numerosas demonstrações de cuidado, devoção e afecto, que me reservaram as populações encontradas no decurso da minha peregrinação e, em particular, os venerandos Irmãos no Episcopado, reunidos em Puebla em representação de toda a Hierarquia católica da América Latina. O meu coração pôde bater em uníssono com os deles: alegrei-me, sofri e esperei com eles; sobretudo orei com eles, pedindo ao Pai comum a vinda dum mundo tornado mais pacífico, mais justo e mais humano, pela adesão sincera à mensagem de amor do Seu Filho encarnado.

«E, agora, ao regressar a esta Sé romana, na qual o Orbe católico reconhece o centro e origem da própria unidade, uma nova e agradável emoção desperta em mim este vosso acolhimento tão espontâneo e cordial: saúdo,

portanto, com ânimo deferente e grato, o Senhor Cardeal Secretário de Estado e as outras Personalidades eclesiásticas, as Autoridades políticas, civis e militares italianas, os Membros do Corpo Diplomático e vós todos que não reparastes em incômodos, contanto que me pudésseis trazer pessoalmente as vossas boas-vindas».

A receber Sua Santidade estavam ainda o Cardeal Vigário de Roma, bastantes Prelados, membros do Corpo Diplomático, os Ministros dos Estrangeiros e dos Transportes e Aviação, o Presidente da Câmara de Roma, etc.

No fim do discurso, Sua Santidade quis subir à Tribuna das Autoridades para saudar e agradecer pessoalmente. Dirigiu-se depois às centenas doutras pessoas também presentes.

Depois, formou-se o cortejo que se pôs em movimento, de Fiumicino, às 17 h. 40 m. Várias vezes foi preciso diminuir a velocidade ou mesmo parar, devido à enorme multidão nas bermas da estrada e nos passeios das ruas. Muito lentamente, foi-se dirigindo para a Praça de São Pedro, onde se encontravam novos manifestantes.

Sua Santidade foi conduzido até ao Pátio de São Dâmaso, onde recebeu as honras da Guarda Suíça. Na Sala do Consistório era esperado pelos Cardeais presentes em Roma, sendo saudado pelo Cardeal Decano, a quem respondeu com breve discurso.

## 25) O encontro com o México na sua realidade humana e cristã

Depois de agradecer a Deus a experiência vivida durante esta visita pastoral à América Latina e de explicar a razão que o levava a empreendê-la, o Papa manifestou a dificuldade de falar desta experiência: «É difícil falar devidamente desta inolvidável experiência, estando ainda a ecoar no meu espírito as mil vozes ouvidas e estando tão imediatas e vivas ainda as recordações de quanto pude ver, das pessoas que pude encontrar e dos temas que tive ocasião de tratar.

«Será necessário voltar por muito tempo a tudo isto com a oração, com a reflexão e com o coração; mas desde já posso afirmar que esta viagem, depois da breve mas significativa paragem em São Domingos, foi excepcional encontro com o México na sua realidade humana e cristã; encontro com o povo de Deus deste País, que respondeu com um grande acto de fé à presença do Papa, encontro que, iniciado no coração da Igreja mexicana, Guadalupe, se alargou até atingir as etapas de Puebla, de Oaxaca, de Guadalajara e Monterrey.

«Com a riqueza dos seus conteúdos e a multiplicidade das suas manifestações, este encontro oferece, em certo sentido, um contexto vivo aos encargos que, juntamente com os Bispos da América Latina, enfrentámos no âmbito da terceira Assembleia Geral daquele Episcopado. Tendo-se eles iniciado como sabeis a 27 de Janeiro, com a solene celebração no santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, prosseguem em Puebla sobre o tema 'A evangelização no presente e no futuro da América Latina', para terminar no próximo dia 12 de Fevereiro.

*«Inaugurando os trabalhos a 28 de Janeiro, dirigi à Igreja sul-americana, com grande esperança e confiança, uma mensagem que a presença dos meios de comunicação social e dos profissionais da informação que desejaram seguir com amplitude de tempo cada etapa da minha breve mas intensa viagem tornou concretamente universal. Do significado dos trabalhos de Puebla e de cada um dos problemas lá enfrentados, será certamente necessário falar, mais de uma vez, voltando a cada argumento».*

*O Papa terminou com um agradecimento aos que o acompanharam e aos Cardeais presentes.*

*Pouco antes das 19 horas, encontrava-se já nos seus aposentos, quando ouviu as aclamações na Praça de São Pedro e assomou à janela para agradecer e rezar o «Angelus». Explicou que, desta vez, as Trindades tinham um carácter «romano-mexicano», porque exactamente à mesma hora — por causa da diferença de fusos horários — estava no México para bater meio-dia, hora de se recordar também lá o mistério da Encarnação.*

#### 4. CONCLUSÃO: SÍNTESE DA MENSAGEM DO PAPA DURANTE A SUA VISITA PASTORAL À AMÉRICA LATINA

*Não é muito fácil de apresentar de modo sintético a mensagem que João Paulo II, na sua peregrinação ao México e a outras nações da América Latina por ocasião da abertura da III Conferência do Episcopado da América Latina, comunicou a todas as classes de fiéis em mais de três dezenas de homilias, discursos, alocações e saudações. A sua peregrinação foi uma autêntica visita pastoral — como ele lhe chamou em mais de uma vez —, e, por isso, o Papa pretendeu dirigir-se a todos e a cada um dos fiéis. Daí a variedade de temas abordados pelo Sumo Pontífice.*

*Na sua oração a Nossa Senhora de Guadalupe, João Paulo II, ao colocar a sua visita pastoral sob a Sua protecção, indica os temas que leva no pensamento e no coração para transmitir aos fiéis da América Latina: 1) a paz, a justiça e a prosperidade dos povos latino-americanos; 2) a fidelidade plena a Jesus Cristo na Sua Igreja; 3) os Bispos, como promotores duma intensa vida cristã através do amor e do serviço humilde a Deus e às almas; 4) a santidade de todo o povo de Deus; 5) as vocações sacerdotais e religiosas dotadas de fortaleza na fé de zelo ao dispensar os mistérios de Deus; 6) o amor e respeito da vida nascente por parte dos lares cristãos; 7) a unidade das famílias e a educação dos filhos; 8) o caminhar dos fiéis sempre ao encontro de Jesus, levantando-se, se caírem, e voltando para Ele pela confissão das culpas e pecados no sacramento da Penitência; 9) o amor a todos os sacramentos; 10) a Conferência de Puebla.*

*De modo particular — e já na América Latina —, o Papa coloca sob a protecção de Maria o tema da Conferência de Puebla: a evangelização no presente e no futuro da América Latina. Espera — como os Apóstolos no Cenáculo — a descida do Espírito Santo, que fará ver os caminhos da evangelização, permanecendo em oração com Maria. Neste sentido, consagra a Nossa Senhora de Guadalupe todo o património do Evangelho, da Cruz e da Ressurreição, e pede ajuda à Virgem Santíssima para ser fiel à transmissão da Verdade. Implora dEla abundantes vocações locais para o sacerdócio e para a vida consa-*



grada. Finalmente, pede a Nossa Senhora que corrobore a fé de todos os leigos e oferece-Lhe e confia-Lhe a pastoral da América Latina.

As multidões de fiéis recomenda o amor a Cristo e aos homens por Cristo. A transmissão da fé deve ser reavivada para comunicar ao homem de hoje a mensagem perene de Cristo. Lembra-lhes também que a evangelização constitui a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. A Salvação é a libertação de tudo aquilo que oprime o homem, mas sobretudo a libertação do pecado e do Maligno. A Igreja reivindica a justiça e promove a defesa dos direitos humanos. Não podem dissociar-se o anúncio do Evangelho e a promoção humana. Mas o significado profundo da evangelização é antes de mais o anúncio da Boa Nova de Cristo Salvador.

A Igreja promove a defesa dos direitos humanos, convidando os cristãos a comprometer-se na construção dum mundo mais justo, humano e habitável, que se abre a Deus. A orientação vertical da evangelização levará a um mundo mais divino.

O Papa também lhes recomenda a fidelidade à Igreja. Esta fidelidade tem quatro dimensões: busca, acolhimento, coerência e constância. Devem aceitar lealmente a Igreja e ser plenamente coerentes na sua vida com a pertença à Igreja.

Noutra ocasião, falou-lhes da promoção e defesa da família. Para cumprir plenamente a missão da família, esta deve desenvolver-se nas suas três dimensões: educadora da fé, formadora de pessoas e promotora de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, fala-lhes dos problemas actuais da família: o divórcio, as crianças que nascem em lares sem estabilidade, os índices deprimentes de insalubridade, pobreza e miséria, a ignorância e o analfabetismo, as condições desumanas de habitação, a subalimentação crónica.

A Igreja convida os Governos a uma política sócio-familiar inteligente, audaz e perseverante. Não se trata de diminuir a qualquer preço o índice de natalidade, porque mesmo para o desenvolvimento é indispensável um equilibrado índice de população. Trata-se de criar condições favoráveis à existência de famílias sãs e equilibradas.

A promoção da família é tarefa dos governos e organismos governamentais, da escola, dos sindicatos, dos meios de comunicação social, das comissões de bairro, e das diversas associações voluntárias ou espontâneas. A contribuição da Igreja deve consistir na preparação dos futuros esposos para o matrimónio; ajudar as famílias nas suas crises normais; tornar cada família uma verdadeira igreja doméstica; preparar muitas famílias para a missão de evangelizadoras de outras famílias; colocar em realce todos os valores da vida familiar; ir em auxílio das famílias incompletas; estimular os governantes a suscitarem uma política sócio-familiar.

Aos fiéis reunidos na Basílica da Imaculada Conceição de Zapopán, João Paulo II falou-lhes com insistência da piedade popular. Esta não é por força um sentimento vago, destituído de sólida base doutrinal, como se constituísse forma inferior de manifestação religiosa. Pelo contrário, é muitas vezes a expressão verdadeira da alma dum povo, ao ser tocada pela graça e forjada pelo encontro feliz entre a obra evangelizadora e a cultura local. A piedade popular é verdadeiramente a piedade dos «pobres e simples». É a maneira co-

*mo estes predilectos do Senhor vivem e traduzem, nas suas atitudes humanas e em todas as dimensões da vida, o mistério da fé que receberam.*

*O Papa sublinhou que Maria está unida à Santíssima Trindade por vínculos indissolúveis. E mais adiante indicou como devia ser melhorada a pastoral dos santuários marianos: mediante uma liturgia apropriada e viva, mediante a pregação assídua e uma sólida catequese, mediante a preocupação pelo ministério do sacramento da Penitência e a depuração prudente de possíveis formas de religiosidade que apresentam elementos menos adequados. Deste modo, a religiosidade popular ir-se-á aperfeiçoando, se for necessário, e a devoção mariana adquirirá o seu significado pleno numa orientação trinitária, cristocêntrica e eclesial.*

*O tema central e o motivo da visita pastoral do Papa à América Latina era a III Conferência do Episcopado Latino-americano em Puebla de los Angeles. No seu discurso de abertura, o Romano Pontífice começou por chamar a atenção dos Bispos para a missão de vigiar pela pureza da doutrina juntamente com o anúncio do Evangelho. Este é o dever primeiro e insubstituível do Pastor. O pregador do Evangelho terá de ser alguém que procura sempre na verdade que há-de transmitir aos outros. O serviço pastoral obriga os Bispos a preservar, defender e comunicar a verdade, sem olhar a sacrifícios. Os fiéis esperam e reclamam dos Bispos uma cuidadosa e zelosa transmissão da verdade sobre Jesus Cristo. Do conhecimento vivo desta verdade dependerá o vigor e a eficácia da fé de milhões de homens. É duma sólida Cristologia que tem de vir a luz para muitos temas e questões doutrinárias e pastorais.*

*Os Bispos têm de confessar Cristo perante a história e perante o mundo, com convicção profunda, sentida e vivida. Hoje fazem-se releituras do Evangelho, resultado de especulações teóricas mais do que de autêntica meditação da Palavra de Deus e dum verdadeiro compromisso evangélico. Elas são causas de confusão. Passa-se em silêncio a divindade de Cristo. Ele seria apenas um «profeta». Noutros casos, Jesus seria um comprometido politicamente implicado na luta de classes. Esta concepção de Cristo como político, revolucionário, ou como o subversivo de Nazaré, não se compagina com a catequese da Igreja.*

*A perspectiva da Sua missão é muito mais profunda. Consiste na salvação integral por um amor transformante, pacificador, de perdão e de reconciliação. Contra tais releituras do Evangelho, a evangelização no presente e no futuro não pode cessar nunca de afirmar a fé da Igreja: Jesus Cristo, Verbo e Filho de Deus, faz-Se homem para se aproximar do homem e oferecer-lhe, pela força do seu mistério, a Salvação, grande dom de Deus.*

*Os homens devem abrir as portas a Cristo, os confins dos Estados, os sistemas económicos assim como os políticos, os vastos campos da cultura, da civilização e do progresso. Os Bispos devem proclamar a verdade sobre a missão da Igreja. Esta nasce da resposta de fé que damos a Cristo. Por outro lado, nós nascemos da Igreja. Temos de amá-la, respeitá-la e servi-la. O amor à Igreja tem que ser feito de fidelidade e de confiança.*

*Não haverá garantias de uma acção evangelizadora séria e vigorosa, sem uma Eclesiologia bem cimentada. Não se pode fazer uma autêntica evangelização sem um acatamento pronto e sincero do sagrado Magistério.*

*É um erro afirmar que a libertação política, económica e social coincide*

com a salvação em Jesus Cristo. A verdade por nós devida ao homem é, antes de mais, uma verdade sobre ele próprio. Uma das mais vistosas debilidades da civilização actual está numa inadequada visão do homem. O mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo Encarnado. A Igreja, graças ao Evangelho, possui a verdade sobre o homem. Este, enquanto imagem de Deus, não pode ser reduzido a uma simples parcela da natureza, ou a um elemento anónimo da cidade humana. Perante outros humanismos, a Igreja tem o direito e o dever de proclamar a Verdade sobre o homem. Esta constitui o fundamento da doutrina social da Igreja, como também é a base da verdadeira libertação. A luz desta verdade, o homem não é um ser submetido aos processos económicos ou políticos, mas não estes processos que estão ordenados para o homem e a ele submetidos.

A unidade a servir há-de ser antes de mais nada a unidade entre os próprios Bispos. Esta unidade episcopal provém do serviço a um único Senhor, da animação de um único Espírito e do amor a uma única e mesma Igreja. É a unidade que resulta da missão que Cristo nos confiou. É a unidade em torno do Evangelho, do Corpo e Sangue do Cordeiro, de Pedro vivo nos seus sucessores. Estes diversos sinais são sinais da presença de Cristo entre nós. A unidade dos Bispos entre si há-de prolongar-se na unidade com os Presbíteros, Religiosos e fiéis. Os Sacerdotes são os imediatos colaboradores dos Bispos na missão pastoral.

A dignidade humana é conculcada, a nível individual, quando não são tidos na devida conta valores como a liberdade, o direito a professar a religião, a integridade física e psíquica, o direito aos bens essenciais para a vida. Se a Igreja se afirma presente na defesa e na promoção da dignidade do homem, fá-lo na linha da sua missão. Para isso tem de considerar o homem na integridade do seu ser. A missão da Igreja implica como parte indispensável a acção em prol da justiça e as tarefas de promoção do homem. Entre evangelização e promoção humana existem laços muito fortes de carácter antropológico e teológico e da ordem da caridade.

Por outro lado, a acção da Igreja em campos como os da promoção humana, do desenvolvimento, da justiça e dos direitos da pessoa, intenta estar sempre ao serviço do homem. Ela não precisa de recorrer a sistemas ideológicos para amar e defender o homem e colaborar na sua promoção: no centro da mensagem de que ela é depositária e arauta encontra a inspiração para actuar em prol da fraternidade, da justiça e da paz, contra todas as dominações, escravidões, discriminações, violências, atentados à liberdade religiosa e agressões contra o homem.

Não é por oportunismo nem por uma preocupação da novidade que a Igreja é defensora dos direitos humanos. É sim por um autêntico compromisso evangélico, que é empenho em favor dos mais necessitados. Fiel a este compromisso, a Igreja quer optar só pelo homem. Cristo está ao lado dos pobres, não através da violência, dos jogos de poder e dos sistemas políticos, mas sim mediante a verdade sobre o homem, caminho para um futuro melhor.

Daqui a preocupação da Igreja pela delicada questão da propriedade. A voz da Igreja, eco da voz da consciência humana, merece ser escutada também na nossa época, quando a riqueza crescente de alguns poucos prossegue em paralelo com a crescente miséria das massas. Reveste um carácter de

*urgência o ensinamento da Igreja, segundo o qual sobre toda a propriedade privada grava uma hipoteca social. A Igreja deve pregar, educar as pessoas e as colectividades, formar a opinião pública e iluminar os responsáveis dos povos. Aqueles sobre quem recai a responsabilidade da vida pública dos Estados e Nações deverão compreender que a paz interna e a paz internacional estarão asseguradas somente se estiver em vigor um sistema social e económico baseado na justiça. Quanto mais justa for a economia, tanto mais profunda será a consciência da cultura.*

*A Igreja vê com profunda mágoa o aumento de violações de direitos humanos em muitas partes do mundo. Importa proclamar que o homem é a imagem de Deus. Partindo dum conceito cristão da libertação, a Igreja sente o dever de anunciar a libertação de milhões de seres humanos e o dever de ajudar a consolidar-se esta libertação. Mas ela sente também o dever correspondente de proclamar a libertação no seu sentido integral e profundo, como a anunciou e realizou Jesus Cristo. Libertação de tudo aquilo que oprime o homem, e que é libertação antes de mais nada do pecado e do Maligno, na alegria de conhecer Deus e de ser por Ele conhecido. Libertação feita de reconciliação e de perdão. Libertação que parte da realidade de ser filhos de Deus, a quem podemos chamar Pai, e em virtude da qual nós reconhecemos em todo o homem um nosso irmão, susceptível de ser transformado no seu coração pela misericórdia de Deus. Libertação que nos impele para a comunhão. Libertação como superação das diversas servidões e ídolos que o homem se cria, e com crescimento do homem novo. Libertação que não se reduz a simples e restrita dimensão económica, política, social ou cultural.*

*Para salvaguardar a originalidade da libertação cristã e as energias que ela é capaz de desenvolver, é preciso a todo o custo evitar tendências a reduzi-la indevidamente e as ambiguidades. Importa confiar responsabilmente na Doutrina Social da Igreja, ainda que haja alguns que procuram semear dúvidas e desconfianças sobre ela, estudá-la com seriedade, tentar pô-la em prática, ensiná-la e ser-lhe fiel. Isto é garantia de autenticidade — num filho da Igreja — do seu empenho nas delicadas e existentes tarefas sociais e dos seus esforços em favor da libertação e da promoção dos seus irmãos.*

*Os Bispos devem sensibilizar, com urgência, os seus fiéis quanto à Doutrina Social da Igreja. Tem que ser consagrado um particular cuidado à formação de uma consciência social a todos os níveis e em todos os sectores. Nas circunstâncias actuais, a Doutrina Social da Igreja tem de ser um precioso instrumento de formação e de acção. Isto tem valor especialmente para os leigos, porque são eles os chamados, em virtude da sua vocação, a dar a sua contribuição nos campos político, económico e social e a estar eficazmente presente na tutela e promoção dos direitos humanos.*

*O Papa considera tarefas prioritárias da evangelização a família, as vocações sacerdotais e religiosas e a juventude. A pastoral familiar é tanto mais importante, quanto a família está a ser objecto de graves ameaças. Quanto às vocações, toda a comunidade há-de procurar-se as suas vocações, como sinal inclusivamente da sua vitalidade e maturidade. Há que revitalizar uma intensa acção pastoral que, partindo da vocação cristã em geral e de uma pastoral da juventude entusiasta, dê à Igreja os servidores de que ela necessita. As vocações leigas, tão indispensáveis, não podem constituir uma compensação. Mais*

*ainda, uma das provas do empenho do leigo é a fecundidade nas vocações para a vida consagrada.*

*Ao falar a sacerdotes, João Paulo II diz-lhes que são dispensadores dos mistérios de Deus, testemunhas críveis da sua presença no mundo. Têm um papel insubstituível no Povo de Deus. São os principais colaboradores dos Bispos, os participantes dos poderes salvadores de Cristo, as testemunhas, os anunciadores do Seu Evangelho, os animadores da fé e da vocação apostólica do Povo de Deus. O seu amor ao homem por Deus é muito notável. Deles depende em boa parte a sorte da Igreja nos sectores confiados ao seu cuidado pastoral. Isso implica uma profunda consciência da grandeza da missão recebida e da necessidade de se conformarem cada vez mais com ela. Devem servir a Igreja de Cristo alegremente em santidade de vida.*

*Para isso precisam duma clara e arraigada convicção acerca da sua identidade como sacerdotes de Cristo, depositários e administradores dos mistérios de Deus, instrumentos de salvação para os homens, testemunhas do Reino de Deus. Para conservar ou reforçar esta convicção firme e perseverante, devem pôr os olhos no modelo, Cristo, avivar os valores sobrenaturais da sua existência, pedir a força corroborante do alto, no colóquio assíduo e confiado da oração. Devem ser fiéis na prática frequente do Sacramento da Reconciliação, na meditação quotidiana, na devoção à Santíssima Virgem mediante a reza do terço. Numa palavra, devem cultivar a união com Deus mediante uma profunda vida interior. O tempo consagrado ao Senhor será a fonte de fecundidade no ministério.*

*Os sacerdotes fizeram do Evangelho uma profissão de vida. Ao Evangelho devem ir buscar os critérios essenciais de fé que produzem uma síntese harmónica entre espiritualidade e ministérios, sem permitir uma profissionalização do mesmo, sem rebaixar a estima pelo seu celibato ou pela castidade consagrada, numa ilimitada paternidade espiritual.*

*São participantes do sacerdócio ministerial de Cristo para o serviço da unidade da comunidade. Este serviço realiza-se em virtude do poder recebido para dirigir o Povo de Deus, perdoar os pecados e oferecer o Sacrifício Eucarístico. Um serviço sacerdotal específico que não pode ser substituído pelo sacerdócio comum dos fiéis, essencialmente diferente do primeiro. Devem ter uma atitude de comunhão e obediência para com o seu Bispo, que é o centro de unidade da Igreja particular. Não é admissível uma prática de magistério paralelos ao dos Bispos.*

*Os sacerdotes são servidores do Povo de Deus, da fé, administradores e testemunhas do amor de Cristo aos homens. Este amor não é partidário, embora se dirija de preferência aos mais pobres. Como almas que vivem em contacto habitual com Deus, devem subtrair-se à tentação de particularismos e de contraposições. Não devem ceder a radicalização sócio-políticas, geradoras de novas violências. São guias espirituais; não são líderes políticos. A liderança temporal facilmente pode ser fonte de divisão.*

*Numa audiência para Sacerdotes, Religiosos, Religiosas e Seminaristas, João Paulo II diz-lhes que a fé em Cristo Ressuscitado nos leva a anunciar a morte de Jesus e a proclamar a Sua Ressurreição. Por isso devem anunciar a Cristo na primeira pessoa, como autênticas testemunhas.*

*Ainda a Sacerdotes — seculares e religiosos — recorda-lhes que, ao chamá-*

-los, Deus Ihes pede toda a sua pessoa e todas as energias vitais, para anunciar aos homens a alegria e a paz da nova vida em Cristo e para os guiarem ao Seu encontro. A Eucaristia tem de completar-se e prolongar-se através da oração no seu labor quotidiano.

Os sacerdotes religiosos, no que se refere às actividades pastorais, não podem negar a sua leal colaboração e obediência à hierarquia local, alegando uma dependência exclusiva para com a Igreja universal. Não é admissível uma prática de magistérios paralelos ao dos Bispos.

Aos Seminaristas recorda-Ihes o sentido e valor da vocação sacerdotal: Cristo quer-nos operários na sua vinha, seus embaixadores, samaritanos. A grandeza da vocação sacerdotal só se pode de algum modo apreender através da sua experiência pessoal. Por isso há que aproveitar os anos do Seminário para adquirir uma boa formação. Por outro lado, importa ter em conta que toda a vida do sacerdote deve ter o sentido dos outros.

Nada é mais estranho à vocação sacerdotal que o aliciante de vantagens terrenas. A vocação sacerdotal é chamamento para uma vida já transformada em Cristo que se há-de anunciar e propagar.

Os Directores, Educadores e Superiores do Seminário têm a difícil tarefa de levar os seminaristas pela mão através do caminho que conduz ao sacerdócio. Devem considerar os seminaristas como um tesouro eclesial. Importa que não cortem a visão vertical da vida. Se propõem aos seminaristas ideais desvirtuados, serão os jovens os primeiros a não os quererem, porque desejam algo que valha a pena. A escassez de vocações requer um esforço consciente para que possa ser remediada. Para isso é necessário orar, dar à vocação para o sacerdócio o preço e a estima que ela merece.

Quanto ao valor da vocação sacerdotal, o Papa diz que vale a pena dedicar-se à causa de Cristo, consagrar-se ao homem por Cristo, fazer uma opção por um ideal. Vale a pena viver pelo Reino esse precioso valor do cristianismo que é o celibato sacerdotal. Para melhor compreender esta verdade, importa cultivar a devoção a Maria Santíssima.

As Religiosas são uma força inportantíssima dentro da Igreja e da própria sociedade. Elas devem seguir Cristo, ser testemunho vivo da perenidade da Sua mensagem. Importa que cultivem a fidelidade à própria vocação, a Cristo e à Igreja. A confusão existente no mundo das Religiosas acerca da própria essência da vida consagrada e do próprio carisma, deve-se, em grande parte, ao abandono da oração substituída pela acção, à interpretação dos votos segundo a mentalidade secularizante, ao abandono da vida comum e à adopção de posições sócio-políticas. Para estas atitudes são aduzidas certas desculpas: a busca de novos horizontes e experiências para estar mais perto dos homens ou de grupos concretos, escolhidos com critérios nem sempre evangélicos.

É necessário uma visão de fé para manter um conceito do valor da vida consagrada. Esta visão alimenta-se e mantém-se com a oração. A fé levará as Religiosas a superar toda a incerteza acerca da sua própria identidade, a permanecerem fiéis à dimensão vertical, essencial para se identificarem com Cristo e para serem testemunhas autênticas do Reino de Deus para os homens do mundo actual. O significado da sua vocação é seguir valores que não são meramente humanos, e o serviço aos outros por amor de Deus. Devem viver como profissionais da fé e especialistas no sublime conhecimento de Cristo.

*A vida das Religiosas de clausura tem agora mais importância do que nunca. Devem ser testemunhas do Senhor para o mundo de hoje e infundir, com a sua oração, um novo sopro de vida na igreja e no homem actual. Ser contemplativa não supõe cortar radicalmente com o mundo, com o apostolado. A religiosa contemplativa deve colaborar na edificação da cidade terrena também com o seu testemunho, silencioso, sim, mas que possa ser compreendido pelos homens de boa vontade com que esteja em contacto. Devem encontrar o seu estilo próprio, que, dentro duma visão contemplativa, as faça partilhar com os seus irmãos o dom gratuito de Deus. As comunidades das contemplativas têm como centro a Eucaristia. Elas devem conservar a simplicidade dos 'mais pequeninos' do Evangelho.*

*O Papa tem uma preocupação comum com os representantes diplomáticos: o bem da humanidade e o futuro dos povos e de todos os homens. Eles devem promover e lutar pelo direito à paz e à segurança.*

*O Sumo Pontífice ama os pobres porque eles são os predilectos de Deus. Importa que todos os que possuem meios e se sentem cristãos, se renovem na mente e no coração para que, promovendo uma justiça maior e, ainda mesmo dando do que possuem, a ninguém falte o alimento, o vestuário, a habitação, a cultura e o trabalho convenientes, tudo o que dá dignidade à pessoa humana.*

*Os operários devem ser agentes de bem social, de respeito, de amor a Deus na oficina, na fábrica, em qualquer casa ou lugar. Têm de ser testemunhas e agentes de justiça, artífices de justiça e de verdadeira liberdade. O trabalho, numa perspectiva cristã, não é uma maldição, mas uma bênção de Deus que chama o homem a dominar a terra e a transformá-la, a fim de que, com a inteligência e o esforço humano, continue a obra criadora e divina. O trabalho não deve constituir mera necessidade, mas deve ser visto como uma verdadeira vocação, um chamamento de Deus para construir um mundo novo em que habitem a justiça e a fraternidade. Como meio que toda a criação esteja submetida à dignidade do ser humano e filho de Deus, oferece-lhe a oportunidade de se comprometer com toda a comunidade, sem ressentimentos, sem amarguras, sem ódios, mas com o amor universal de Cristo. O trabalho é fonte do próprio sustento, colaboração com Deus no aperfeiçoamento da natureza, e serviço prestado aos irmãos, que enobrece o homem.*

*Os que têm a sorte de poder trabalhar, aspiram a fazê-lo em condições mais humanas e mais seguras: querem ser tratados como homens livres e responsáveis. É um direito fundamental dos trabalhadores, criar livremente organizações que defendam e promovam os seus interesses e contribuam responsavelmente para o bem comum.*

*É necessário rever radicalmente os conceitos de progresso para que a humanidade possa dominar a evolução, subtrair-se à tentação materialista e assegurar o desenvolvimento autêntico do homem. A Igreja oferece a sua ajuda aos homens e grupos humanos, aos empresários e aos trabalhadores para que tomem consciência das imensas reservas de bondade que têm dentro de si. O movimento operário reivindica a sua justa parte de responsabilidade.*

*Quanto ao problema da emigração, não se deve seguir o critério de levar a que permaneçam os factores económico, social e político, colocados acima do homem, mas a que a dignidade da pessoa humana esteja acima de tudo o mais, e isto há-de condicionar o resto. Não se pode olhar apenas a ter mai*

mas deve pensar-se na sua condição de ser humano e de filho de Deus, chamado a uma vocação eterna. Os poderes públicos, os empresários e os trabalhadores devem pensar nestes princípios e deduzir as consequentes linhas de acção.

Aos índios de Cullapán o Santo Padre recorda que também eles foram chamados a ser santos. Importa muitíssimo ter em conta a cultura como veículo para transmitir a fé. O Papa e a Igreja estão com eles e amam-nos. Referindo-se à situação do mundo agrícola, O Papa quer ser solidário com a causa dos agricultores, que é a causa do povo humilde, da gente pobre. Quer ser a sua voz, a consciência das consciências, convite à acção para se recuperar o tempo perdido.

O mundo deprimido do campo não pode esperar mais tempo até que se reconheça, plena e eficazmente, a sua dignidade não inferior à de qualquer outro sector social. Tem direito a ser respeitado, a que não se lhe tolha a sua aspiração a ser agente do seu próprio elevamento. Tem direito a ver levantadas as barreiras da exploração. Tem direito ao auxílio eficaz para que tenha acesso ao desenvolvimento que a sua dignidade de homem e de filho de Deus merece. Em favor dos agricultores é necessário, sem esperar mais, empreender reformas urgentes.

Sobre toda a propriedade particular pesa sempre uma hipoteca social. E, se o bem comum o exige, não há que duvidar mesmo diante da expropriação, feita na devida forma.

O mundo agrícola tem grande importância e grande dignidade. É ele que oferece à sociedade os produtos necessários para a sua alimentação. A sua tarefa merece o apreço e a estima agradecida de todos. Nisto está o reconhecimento da dignidade das pessoas que dele se ocupam. Dignidade que pode e deve aumentar com a contemplação de Deus.

O trabalho do campo tem dificuldades: o esforço que exige, o desprezo com que por vezes é olhado. Só uma acção de grande alcance pode impedir a fuga do campo para as cidades. Os trabalhadores do campo têm um defeito: a sua tendência para o individualismo. Mas o mundo do campo possui riquezas humanas e religiosas invejáveis: arraigado amor à família, sentido da amizade, ajuda aos mais necessitados, profundo humanismo, amor à paz e à convivência cívica, vivência do factor religioso, confiança em Deus e abertura de alma diante dEle, prática do amor à Virgem Santíssima.

Na colação dos ministérios do leitorado e do acolitado a alguns indígenas, o Papa lembrou que estes ministérios não transformam leigos em clérigos. Os fiéis que os recebem devem ser considerados como arquétipos ou modelos de participação de todos os fiéis na missão salvífica da Igreja. Além disso, lembrou que os leigos são os protagonistas mais imediatos da renovação dos homens e das coisas. O apostolado dos leigos confere sentido pleno a todas as acções da história humana, respeitando a sua autonomia e favorecendo o seu desenvolvimento.

Ao falar aos representantes das organizações católicas nacionais do México, o Papa afirmou que eles devem renovar uma dupla dimensão do seu compromisso: a sua fidelidade ao Magistério do Papa e a sua fidelidade aos Pastores, buscar a sua participação orgânica do seu apostolado na missão da Igreja; por outro lado, reavivar a sua sensibilidade humana e cristã quanto à sua parti-



*cipação nas carências, aspirações e desafios cruciais com que a realidade dos seus próximos solicita a acção evangelizadora de leigos cristãos.*

*Há campos que exigem a presença do laicado no mundo: a família, os intelectuais e universitários, os técnicos e dirigentes de empresas, os vastos sectores 'campesinos' e as populações suburbanas, a juventude, o ensino, a política, os organismos internacionais, o mundo da medicina e do serviço sanitário, o campo da cultura e da arte. A tarefa é imensa e é preciso deixar de parte as crises de identidade, as contestações estéreis e as 'ideologizações' que sejam estranhas ao Evangelho.*

*As comunidades de base podem ser um instrumento válido de formação e vivência de vida religiosa. É preciso manter-se bem presentes os critérios da Evangelii nuntiandi. As organizações católicas de apostolado devem ser forjas de cristãos com vocação à santidade, sólidos na fé, seguros na doutrina proposta pelo Magistério, firmes e activos na Igreja, cimentados numa densa vida espiritual alimentada pelos sacramentos da Penitência e da Eucaristia, perseverantes no testemunho e na acção evangélica, coerentes e decididos nos seus compromissos temporais, constantes promotores de paz e justiça contra toda a violência ou opressão, agudos no discernimento crítico das situações e ideologias à luz da doutrina social da Igreja, confiados e esperando no Senhor.*

*Aos alunos das escolas católicas o Papa põe em realce que a escola católica deve levar a cabo a formação integral dos futuros cidadãos sobre uma base autenticamente humana e cristã. No cumprimento da sua missão específica, a Igreja deve promover e dispensar a educação cristã a todos os baptizados. Como servidora de todos os homens, a Igreja procura colaborar mediante os seus membros, especialmente leigos, nas tarefas de promoção cultural humana. A Igreja contempla a juventude com optimismo e profunda esperança. Vê nela uma enorme força renovadora. Os jovens estudantes devem caminhar ao encontro de Cristo e ser anunciadores de Cristo entre os seus companheiros de escola e de divertimentos. Quanto ao problema da «escolarização», devem favorecer a alfabetização e a «culturização» com uma visão integral do homem.*

*A Universidade Católica deve oferecer contributo específico à Igreja e à sociedade, situando-se num nível de investigação científico elevado, de estudo profundo dos problemas e dum sentido histórico adequado. Além disso, deve encontrar o seu significado último e profundo em Cristo e nos ensinamentos da Igreja. Tudo isto supõe a promoção duma cultura integral. A Universidade Católica deve ser formadora de homens realmente insignes pelo saber, dispostos a exercer funções de responsabilidade na sociedade e a testemunhar a sua fé diante do mundo. Há que promover e realizar nos professores e nos estudantes uma síntese, cada vez mais harmoniosa, entre fé e razão, entre fé e cultura, entre fé e vida. A Universidade Católica deve ser um campo em que se mostre vivo e operante o cristianismo. Isto supõe uma revisão da figura do professor, sobretudo como testemunha e educador da vida cristã autêntica. A pastoral universitária deve atender a todo o sector universitário. Os universitários devem criar verdadeira família universitária, empenhada na busca da verdade, do bem, a continuar um séria actividade investigadora, a trabalhar infatigavelmente pelo progresso autêntico e completo.*

*A missão dos homens dos meios de comunicação social é uma vocação. Podem prestar um grande serviço à humanidade. Devem ser investigadores da*

*verdade. Devem servir a verdade. Enquanto servidores da verdade, a Igreja estará ao seu lado.*

*Foram estes, em síntese, os temas abordados por João Paulo II durante a sua visita pastoral a terras da América Latina. Constituem uma mensagem cheia de conteúdo doutrinal muito actual para os nossos tempos e para todos os homens.*

J. A. MARQUES